

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

MARIA LUISA PARAPINSKI

DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA -  
1991 a 2010



CURITIBA

2012

MARIA LUISA PARAPINSKI

DESEMPENHO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA –  
1991 a 2010

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Ciências Florestais, Área de Concentração: Economia e Política Florestal.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Garzel L. da  
Silva

Co-orientador: Prof. Dr. Alexandre Nascimento  
de Almeida

CURITIBA

2012

Ficha catalográfica elaborada por Denis Uezu – CRB 1720/PR

Parapinski, Maria Luisa

Desempenho das exportações brasileiras de móveis de madeira, 1991 a 2010  
/ Maria Luisa Parapinski. – 2012  
151 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. João Carlos Garzel L. da Silva

Coorientador: Prof. Dr. Alexandre Nascimento de Almeida

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias, Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal. Defesa: Curitiba, 19/07/2012.

Área de concentração: Economia e Política Florestal.

1. Mobiliário – Exportação - Brasil. 2. Indústria de móveis - Brasil. 3. Brasil – Comércio exterior. 4. Teses. I. Silva, João Carlos Garzel L. da. II. Almeida, Alexandre Nascimento de. III. Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Agrárias. IV. Título.

CDD – 382.6

CDU – 339.564:634.0.836.1(81)



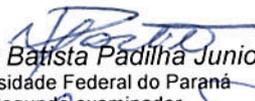
Universidade Federal do Paraná  
Setor de Ciências Agrárias - Centro de Ciências Florestais e da Madeira  
**Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal**

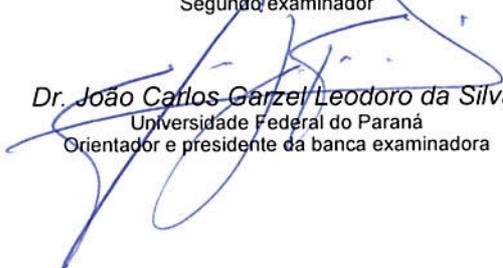
**PARECER**

Defesa nº. 931

A banca examinadora, instituída pelo colegiado do Programa de Pós-Graduação em Engenharia Florestal, do Setor de Ciências Agrárias, da Universidade Federal do Paraná, após arguir o(a) mestrando(a) *Maria Luisa Parapinski* em relação ao seu trabalho de dissertação intitulado "**Desempenho das exportações brasileiras de móveis de madeira - 1991 a 2010**", é de parecer favorável à **APROVAÇÃO** do(a) acadêmico(a), habilitando-o(a) ao título de *Mestre* em Engenharia Florestal, área de concentração em **ECONOMIA E POLÍTICA FLORESTAL**.

  
*Dr. Zenobio Abel Gouvêa Perelli da Gama e Silva*  
Universidade Federal do Acre  
Primeiro examinador

  
*Dr. João Batista Padilha Junior*  
Universidade Federal do Paraná  
Segundo examinador

  
*Dr. João Carlos Garzel Leodoro da Silva*  
Universidade Federal do Paraná  
Orientador e presidente da banca examinadora

Curitiba, 19 de julho de 2012.

  
Antonio Carlos Batista  
Coordenador do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal  
Carlos Roberto Sanquetta  
Vice-coordenador do curso



Àqueles que acreditam que nada pode impedir  
uma ideia cujo tempo chegou, eu dedico.

## AGRADECIMENTOS

Difícil expressar em poucas palavras a grande satisfação em finalizar mais um ciclo em minha vida. São tantas e tantas pessoas que fizeram parte deste sonho, ao qual dediquei os últimos anos de minha vida.

Inicialmente, lembro-me dos mais próximos. Minha família. Meus pais, que mesmo sem entender direito o mundo acadêmico, sempre souberam a importância das minhas conquistas e sempre estiveram orgulhos de cada passo que dei pra chegar até aqui. Pela pessoa que eu sou, meus sinceros agradecimentos a vocês.

Meus irmãos e sobrinhos, sempre fazendo da nossa família “a grande família”, obrigada pelos importantes momentos nos almoços de domingo e que sempre me fortaleceram. Ao meu afilhado Gustavo (o Teté) por cada “abraço de urso” que ganhei. À Julia, Laura, Luciana e Gabriel, meus sobrinhos amados, obrigada pelas oportunidades de ser simplesmente a “Tia Isa” e fazer desaparecer todas as preocupações que rondavam meus pensamentos.

Lucia, obrigada. Minha querida irmã, sempre generosa, apostou no meu sonho de ter uma profissão e fez tudo o que esteve ao seu alcance para que eu pudesse realizá-lo. Minha profunda e eterna gratidão por tudo.

A você Jackson, meu companheiro, o que posso dizer? Muito, muito obrigada, meu bem, por tudo. Pelo zelo por mim, pelo seu amor, pelo seu companheirismo, pela sua amizade. Obrigada pela compreensão, pela infinita paciência e pelo modelo de Homem que você é. Pela liberdade que você me dá, que me mantém mais e mais atrelada a você e agradecida por existir na minha vida, obrigada.

Meu orientador, Professor Garzel, meus mais profundos agradecimentos. Pelo seu papel profissional de orientador, pelos ensinamentos, pela prontidão e disposição em ser um orientador presente, obrigada. Sempre educado, elegante com as palavras, competente. Muito obrigada pela confiança.

Muito obrigada Alexandre Nascimento, meu grande amigo e co-orientador. Obrigada pelo enriquecimento da minha formação acadêmica desde a graduação. Sua força de vontade e dedicação sempre me inspirou. Pelo treinamento “Capitão Nascimento” desde a iniciação científica, te agradeço.

Às queridas Lulu’s Timni, Raquel, Ana Paula, Rosiane, M<sup>a</sup> Raquel, Nayara e Ana Maria muito obrigada por todos ótimos momentos e pelo enorme apoio de

sempre, vocês fizeram a árdua tarefa de dissertar se tornar mais leve. À Timni e Raquel, meu especial agradecimento. Obrigada pela inspiração para concretizar este trabalho. Aos Bolinha's Rodrigo, Bruce, Philipe, Leandro e Marcelo obrigada pela disponibilização das vossas senhoras para os encontros só de Luluzinhas.

Aos colegas do CEDEMC Marcos, Thiago, Rosalina, Elis e Teresa meu muito obrigado pelos cafezinhos sempre acompanhados de boa conversa.

Por fim, agradeço pelo apoio da secretaria do Curso da Pós-Graduação da Engenharia Florestal, a todos os funcionários, obrigada. Agradeço ao Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI) pela concessão da bolsa de pesquisa, que possibilitou a minha dedicação exclusiva na pós-graduação.

*O sofrimento é passageiro, desistir dura pra sempre.*

Lance Armstrong

## RESUMO

O setor moveleiro do Brasil apresentou grande crescimento de suas exportações nas duas últimas décadas. No entanto, ainda enfrenta dificuldades para a colocação de seus produtos no mercado internacional. Uma das dificuldades para maior expansão das exportações, visto que esse segmento produtivo tem um grande potencial ainda inexplorado, é devido à falta de informações mais detalhadas e específicas sobre o entendimento do papel das exportações e sobre seus mercados-alvo. Nesse sentido, o objetivo do trabalho foi analisar o desempenho das exportações brasileiras de móveis de madeira no período de 1991 a 2010. Para tal, utilizou-se: análises estatísticas indutivas e descritivas, cálculo da taxa de crescimento das exportações, concentração de mercado (utilizando o  $CR_k$ ) e um modelo de comércio internacional – *Constant Market Share* (CMS) para identificar as fontes de crescimento das exportações. Os resultados mostraram que as exportações brasileiras de móveis residenciais de madeira são as mais representativas na pauta de exportação do setor, no entanto, esse tipo de móvel recebe menor preço no comércio internacional do que aqueles feitos com outras matérias-primas. Dentro da categoria de móveis de madeira residenciais, os móveis de madeira para uso em dormitório são a maioria nas exportações. Os cinco maiores mercados para os móveis brasileiros foram diferentes quando considerados o *quantum* ou valor de exportação. O *quantum* exportado de móveis de madeira cresceu a taxa de 12,6% a.a., o preço de exportação a 4,3% a.a. e o valor cresceu 9,7% a.a. no período analisado. Com relação ao preço unitário de exportação de móveis de madeira, não houve diferença significativa entre os países desenvolvidos, Angola paga preços semelhantes aos preços de países desenvolvidos e nos países sul americanos os móveis brasileiros recebem preços inferiores aos recebidos nos outros mercados. Na maior parte do período analisado, a concentração de mercado das exportações de móveis de madeira foi do tipo concentração moderada. E por fim, os resultados do CMS para o período de 1999 a 2009 mostraram que o efeito crescimento do comércio mundial contribuiu, em média, positivamente para o crescimento das exportações de móveis de madeira, ou seja, o Brasil cresceu porque o mundo cresceu no período. Já, o efeito destino das exportações foi, em média, negativo mostrando que a política de diversificação de mercados não foi bem direcionada e o efeito competitividade contribuiu positivamente para o crescimento do Brasil somente na primeira metade do período de análise.

Palavras-chave: Desempenho. Exportações. Móveis de madeira. Concentração. Competitividade. *Constant Market Share*.

## ABSTRACT

### PERFORMANCE OF BRAZILIAN EXPORTS OF WOODEN FURNITURE

Brazil's furniture industry has experienced marked growth in exports in the last two decades, however it still faces difficulties in placing products on the international marketplace. One of the challenges of expanding exports, given that the industry is largely underexploited, is due to a lack of more detailed information about the role of exports and their target markets. The objective of this study was to analyze the behavior of Brazilian wood furniture exports between 1991 and 2010. Inductive and descriptive statistics were derived as well as an export growth rate, market concentration metrics ( $CR_k$ ), and finally a model for international commerce, the Constant Market Share model (CMS), was applied to identify the sources of export growth. The results indicate that Brazilian residential wood furniture exports best represent the overall behavior of the exports sector, but of all raw materials used to make furniture wood is the least profitable on the international market. Of all the types of residential wood furniture, bedroom furniture commands the greatest share of exports. The five largest markets for Brazilian-made furniture were different when the *quantum* was the unit of comparison, versus when export value was the unit of comparison. The furniture *quantum* exported grew by 12.6% per year, the export price grew by 4.3% per year, and the dollar value grew by 9.7% per year over the analysis period. With respect to export unit price for wood furniture, there were no significant differences between developed countries. Angola paid similar prices to those of developed countries while Brazilian furniture fetched lower prices in South American countries than in other countries. Over the majority of the analysis period, the export market for wood furniture was of moderate concentration type. Finally, the CMS model results revealed that between 1999 and 2009 global growth in commerce had an overall positive effect in stimulating the growth in Brazil's wood furniture exports. In other words, Brazil's market grew because the global market grew during the same period. Meanwhile, the effect of export destination contributed negatively to the growth in exports on average, indicating that market diversification policies were not well-crafted and that competitiveness effect contributed positively to Brazil's growth only in the first half of the analysis period.

Key Words: Performance. Exports. Wood Furniture. Concentration. Competitiveness. *Constant Market Share*.

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE MÓVEIS EM GERAL EM MIL TONELADAS E PREÇO EM US\$/T, 1991-2010.....	68
FIGURA 2 - EVOLUÇÃO DA TAXA NOMINAL DE CÂMBIO EM R\$/US\$, 1991-2010.....	70
FIGURA 3 - EVOLUÇÃO DO VALOR DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE MÓVEIS EM MILHÕES DE US\$, 1991-2010.....	70
FIGURA 4 - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO MUNDIAL DE MÓVEIS DE MADEIRA, 1991-2010.....	75
FIGURA 5 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA DOS PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES E DO BRASIL NO COMÉRCIO MUNDIAL, 1994-2010.....	76
FIGURA 6 - PARTICIPAÇÃO NA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MÓVEIS DE ACORDO COM O USO, 2010.....	78
FIGURA 7 - PARTICIPAÇÃO NA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MÓVEIS DE MADEIRA DE ACORDO COM O USO RESIDENCIAL, 2010.....	79
FIGURA 8 - EVOLUÇÃO DO <i>QUANTUM</i> EXPORTADO DE MÓVEIS DE MADEIRA DE ACORDO COM O USO, 1991-2010.....	81
FIGURA 9 - EVOLUÇÃO DOS PREÇOS REAL DE EXPORTAÇÃO E PREÇO REAL MÉDIO DOS MÓVEIS RESIDENCIAIS E DE ESCRITÓRIO EM US\$/TONELADAS, 1991-2010.....	85
FIGURA 10 - EVOLUÇÃO DO VALOR REAL DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA PELO USO 1991-2010.....	88
FIGURA 11 - PARTICIPAÇÃO NA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MOBILIÁRIOS DE ACORDO COM O TIPO DE MATERIAL UTILIZADO – 2010.....	90
FIGURA 12 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS POR MATÉRIA-PRIMA EM MIL TONELADAS, 1991-2010.....	91
FIGURA 13 - EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS REAIS E <i>QUANTUM</i> DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA E MÓVEIS DE OUTRAS MATÉRIAS-PRIMAS 1991-2010.....	94
FIGURA 14 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA E OUTROS MÓVEIS, MILHÕES DE DÓLARES 1991-2010.....	97
FIGURA 15 - TOP 5 DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991-2010, EM TONELADAS..	102
FIGURA 16 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS MERCADOS NO <i>QUANTUM</i> DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL 1991-2010.....	105
FIGURA 17 - VARIÇÃO DO PREÇO REAL DE EXPORTAÇÃO PARA OS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL EM SEUS PRINCIPAIS MERCADOS 1991-2010.....	107

FIGURA 18 - EVOLUÇÃO DO PREÇO UNITÁRIO DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS BRASILEIROS PARA OS PRINCIPAIS DESTINOS 1991-2010.....	109
FIGURA 19 - PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991-2010, EM VALOR (US\$).....	112
FIGURA 20 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS MERCADOS NO VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL 1991-2010.....	114
FIGURA 21 - EVOLUÇÃO DO CR4 E CR8 PARA O VALOR DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991-2010.....	125
FIGURA 22 - EVOLUÇÃO DO CR4 E CR8 PARA O <i>QUANTUM</i> EXPORTADO DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991-2010.....	127
FIGURA 23 - COMPARATIVO DO VALOR E <i>QUANTUM</i> EXPORTADOS PARA O CR4 E CR8, RESPECTIVAMENTE.....	128
FIGURA 24 - EVOLUÇÃO DA VARIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAL E BRASILEIRA DE MÓVEIS DE MADEIRA, 1999-2009.....	133

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 -	PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO SEGMENTO DE MÓVEIS DE MADEIRA PARA RESIDÊNCIA.....	27
QUADRO 2 -	RESUMO DOS MATERIAIS UTILIZADOS NA PESQUISA.....	53
QUADRO 3 -	TIPOS DE MERCADOS SEGUNDO A RAZÃO DE CONCENTRAÇÃO (CRk).....	63
QUADRO 4 -	QUANTUM DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PELO USO - EM KILOGRAMA (Kg).....	152
QUADRO 5 -	PREÇO DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PELO USO – US\$/TONELADA.....	153
QUADRO 6 -	VALOR DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PELO USO – DÓLARES (US\$).....	154
QUADRO 7 -	QUANTUM, PREÇO E VALOR DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS.....	155
QUADRO 8 -	QUANTUM EXPORTADO DE MÓVEIS DE MADEIRA POR PAÍS DE DESTINO – KILOGRAMA (KG).....	156
QUADRO 9 -	EVOLUÇÃO DO PREÇO REAL DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PARA OS PRINCIPAIS MERCADOS.....	157
QUADRO 10 -	VALOR DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA – DÓLARES (US\$).....	158

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1 -	DADOS GERAIS DA INDÚSTRIA MOVELEIRA MUNDIAL, 2005.....	22
TABELA 2 -	COMPOSIÇÃO DA PAUTA DE EXPORTAÇÃO DO SETOR MOVELEIRO DO BRASIL NO ANO DE 2010.....	72
TABELA 3 -	DIFERENÇA DE MÉDIAS ENTRE OS PREÇOS DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS PARA ESCRITÓRIO E MÓVEIS RESIDENCIAIS.....	80
TABELA 4 -	DIFERENÇA DE MÉDIA ENTRE O PREÇO UNITÁRIO DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA E MÓVEIS DE OUTRAS MATÉRIAS-PRIMAS, EM US\$.....	91
TABELA 5 -	PRINCIPAIS DESTINOS DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL NO ANO DE 2010 EM QUANTUM, PREÇO REAL UNITÁRIO E VALOR REAL.....	98
TABELA 6 -	DIFERENÇA DE MÉDIAS DE PREÇO ENTRE OS PRINCIPAIS DESTINOS DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL.....	100
TABELA 7 -	TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E DE MÓVEIS 1991-2010.....	116
TABELA 8 -	TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA PARA OS PRINCIPAIS PARCEIROS (%) a.a.....	119
TABELA 9 -	EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO, EM VALOR (CR4 E CR8) DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA, 1991 A 2010....	123
TABELA 10 -	ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO, EM QUANTUM (CR4 E CR8) DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991/2010.....	126
TABELA 11 -	TAXAS DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS E BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1999-2009 – (%) DO VALOR DE COMÉRCIO.....	129
TABELA 12 -	FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA, NO PERÍODO DE 1999 A 2009 – %.....	130

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	16
1.1 OBJETIVOS .....	18
<b>2 REVISÃO DE LITERATURA</b> .....	19
2.1 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR MOVELEIRO .....	19
2.1.1 Panorama Mundial .....	19
2.1.2 Setor moveleiro no Brasil .....	23
2.1.3 Estudos sobre o setor moveleiro .....	28
2.2 ESTRUTURA DE MERCADO .....	33
2.2.1 Medidas de Concentração.....	35
2.2.2 Razões de concentração - $CR_k$ .....	37
2.3 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE .....	39
2.3.1 Conceito de Competitividade.....	45
2.3.2 Fatores determinantes da competitividade.....	42
2.3.3 Medidas de Competitividade.....	45
2.3.4 <i>Constant Market Share</i> - CMS.....	47
<b>3 MATERIAL E MÉTODOS</b> .....	49
3.1 MATERIAL .....	49
3.2 DADOS SECUNDÁRIOS .....	50
3.3 MÉTODOS .....	53
3.3.1 Caracterização das exportações do setor moveleiro.....	53
3.3.1.1 As exportações brasileiras de móveis - segundo a pauta do setor .....	53
3.3.1.2 Principais destinos das exportações brasileiras de móveis de madeira .....	54
3.3.1.3 Evolução das exportações brasileiras de móveis de madeira no período de 1991 a 2010.....	55
3.3.1.4 Teste de médias .....	55

3.3.1.5 Taxa de crescimento das exportações - com base em uma regressão linear simples.....	57
3.4 ESTRUTURA DO MERCADO BRASILEIRO DE MÓVEIS DE MADEIRA .....	58
3.4.1 Razões de Concentração ( $CR_k$ ) .....	58
3.5 EVOLUÇÃO DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA .....	60
3.5.1 <i>Constant Market Share</i> .....	60
<b>4 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	<b>64</b>
4.1 A INDÚSTRIA DE MÓVEIS DO BRASIL.....	64
4.2 PAUTA DE EXPORTAÇÃO DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS DO BRASIL.....	68
4.3 PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO MUNDIAL .....	71
4.3 ANÁLISE DA DINÂMICA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS..	75
4.3.1 Exportações brasileiras de móveis de madeira - pelo uso .....	75
4.3.1.1 Evolução do <i>quantum</i> exportado – pelo uso .....	77
4.3.1.2 Evolução do preço unitário de exportação – pelo uso .....	81
4.3.1.3 Evolução do valor de exportação – pelo uso.....	84
4.3.2 Exportações brasileiras de móveis - por matéria-prima.....	85
4.3.2.1 Evolução do <i>quantum</i> exportado – por matéria-prima.....	86
4.3.2.2 Evolução do preço unitário de exportação – por matéria-prima .....	89
4.3.2.3 Evolução do valor de exportação – por matéria-prima .....	92
4.3.3 Exportações brasileiras de móveis de madeira – por destino .....	93
4.3.3.1 Evolução do <i>quantum</i> exportado – por destino .....	96
4.3.3.2 Evolução do preço unitário de exportação – por destino.....	102
4.3.3.3 Evolução do valor de exportação – por destino.....	106
4.4 TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA.....	110
4.5 ESTRUTURA DO MERCADO BRASILEIRO DE MÓVEIS DE MADEIRA .....	116
4.5.1 Razões de concentração - $CR_k$ .....	116
4.6 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA .....	123

4.6.1 <i>Constant Market Share</i> - CMS .....	123
4.6.1.1 Análise do Efeito Crescimento do Comércio Mundial.....	126
4.6.1.2 Análise do Efeito Destino .....	127
4.6.1.3 Análise do Efeito Competitividade .....	128
<b>5. CONCLUSÃO</b> .....	<b>130</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>132</b>
<b>ANEXOS</b> .....	<b>144</b>



## 1 INTRODUÇÃO

As relações comerciais entre países proporcionam a possibilidade de obter no exterior aqueles produtos, bens ou serviços, que internamente o país não tem condições de produzir (devido a condições climáticas ou restrições de recursos naturais). Assim como pode comprar no mercado externo, a custos menores que produzido internamente, inúmeros produtos de consumo corrente no país ou, simplesmente, exportar bens que pode produzir além de suas necessidades.

Ainda, NAKABASHI *et al.* (2008) acrescentam que o desempenho do setor exportador de um país tem impacto direto sobre a sua estrutura produtiva, na medida em que determina os setores mais competitivos da indústria e, portanto, com maiores potenciais de crescimento.

Neste contexto, sabe-se que na década de 90 a economia brasileira passou por importantes transformações. Entre essas, a liberalização comercial, que provavelmente produziu as maiores mudanças, levando ao aumento da eficiência produtiva das indústrias nacionais que buscavam sobreviver diante da concorrência dos importados.

No Brasil, a indústria moveleira é distribuída em pólos produtivos por grande parte do território nacional, concentrando-se mais intensamente nas regiões Sul e Sudeste. Essa indústria é classificada, basicamente, sob dois conceitos, o primeiro é de acordo com a matéria-prima utilizada e o segundo é com relação ao uso do móvel. Pela predominância da matéria-prima utilizada, os móveis podem ser classificar como móveis de madeira (incluindo vime e junco), de metal, de plástico e artefatos do mobiliário, que reúnem colchoaria e persianas. Em relação ao uso, estes são do tipo: residencial, para escritório e institucionais (utilizados em hospitais, escolas, lazer, restaurantes, hotéis e similares) (IBGE, 2008).

Os móveis residenciais, por sua vez, se dividem em: móveis para uso em cozinhas, móveis para uso em dormitórios e outros móveis (sala de estar, sala de jantar, móveis para uso de aparelhos eletrônicos, etc).

Define-se como indústria moveleira o conjunto de todas as firmas que produzem mobiliários e se destinam à residências, escritórios, restaurantes, hotéis, hospitais, escolas, jardim, entre outros. No presente trabalho, a indústria moveleira a

ser analisada é formada pelo conjunto de firmas que elaboram móveis utilizando madeira, e que se destinam a residências e escritórios.

A indústria de móveis do Brasil é tida como uma indústria tradicional, onde predominam pequenas e médias empresas concentradas regionalmente (COELHO, 2003). Fato que torna este setor importante no âmbito regional devido às ações coletivas dos agentes locais envolvidos, sendo que sobrevivência deste adquire grande relevância econômica e social.

Os setores como o produtor de móveis, geralmente são intensivos em mão de obra, aumentando sua relevância social e econômica o que torna seu estudo importante. E no caso do setor exportador, o estímulo ao aumento das exportações traz consigo melhorias em vários aspectos, sobretudo, devido à adaptação da empresa às exigências do mercado externo.

Além disso, a importância da realização do presente trabalho encontra-se no fato de que nos trabalhos já existentes Martins (2003), Roesse (2003), Coelho (2004) e Franzoni (2005), e relacionados ao setor moveleiro, poucos deles foram realizados com o objetivo de analisar o desempenho, de forma desagregada dos componentes da pauta de exportação.

Assim, com vistas a fornecer um apanhado geral do ocorrido com o desempenho das exportações brasileiras de móveis de madeira a partir dos anos 90 e seus principais impactos na indústria moveleira, realizou-se este trabalho.

## 1.1 OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo, ao analisar o desempenho das exportações brasileiras de móveis de madeira, subsidiar políticas públicas e privadas voltadas ao setor moveleiro.

Objetivos específicos:

- Caracterizar as exportações do setor moveleiro do Brasil;
- Comparar os preços reais de exportação de móveis por uso, matéria-prima e destino;
- Calcular as taxas de crescimento das exportações brasileiras de móveis;
- Analisar a estrutura do mercado exportador de móveis de madeira do Brasil;
- Identificar os efeitos que influenciaram o crescimento das exportações brasileiras de móveis de madeira.

## 2 REVISÃO DE LITERATURA

### 2.1 CARACTERIZAÇÃO DO SETOR MOVELEIRO

#### 2.1.1 Panorama Mundial

O desenvolvimento da indústria moveleira originou-se da produção artesanal sobre as condições de vida do homem, tais como: habitação, costumes, cultura e sobrevivência (LOPER, 2007, p. 43).

De acordo com Coelho, (2003, p. 61), quando surgiu, no Homem, a necessidade por moradia, a matéria-prima mais utilizada na produção era a madeira maciça e a qualidade do móvel dependia da habilidade do artesão.

O destaque mundial na produção de móveis sempre foi da Itália e da Alemanha, não só na produção física, mas também na produção e no desenvolvimento de máquinas e equipamentos para a indústria moveleira. Outros países, tais como França, Bélgica e Holanda, grandes produtores mundiais, destacavam-se como utilizadores da tecnologia desenvolvida na Itália e na Alemanha, para o seu processo produtivo (COELHO, 2003, p. 62).

Contudo, a indústria moveleira mundial passou por importantes transformações desde a década de 70. Segundo Rosa *et al.* (2007, p. 79), até então, os países em desenvolvimento exportavam madeira bruta, que era processada nos países desenvolvidos que concentravam a produção e a exportação do produto final.

Foi a partir da década seguinte que muitos países em desenvolvimento começaram a se capacitar para fabricar móveis, e na maioria dos casos aproveitando as vantagens internas existentes; fontes de matéria-prima e mão de obra relativamente mais baratas. Desde então, o que se tem observado é a tendência de países desenvolvidos se envolverem muito mais na criação de *design* e desenvolvimento de produtos do que na fabricação dos mesmos, transferindo a produção, de partes ou até do móvel como um todo, para os países em desenvolvimento (COELHO, 2003, p.62).

Para Roese (2003, p. 75), a indústria moveleira mundial pode ser considerada como um setor de baixa intensidade tecnológica e está disponível a qualquer

empresa que disponha de recursos para sua aquisição. Além de ser uma indústria composta, predominantemente, por pequenos estabelecimentos industriais, a produção em escala e de produtos padronizados é um fenômeno relativamente recente.

Nos anos 90, no Brasil, a indústria de móveis possuía características diferenciadas com um reduzido número de empresas mais modernas em meio a uma grande quantidade de firmas desatualizadas tecnologicamente e pouco competitivas, muitas delas atuando e sobrevivendo no setor informal da economia (DENK, 2000, p. 25).

Quando se fala do uso da madeira de espécies nativas na indústria moveleira, devido às restrições ambientais, novas espécies começaram a penetrar no mercado mundial. Gorini (2000, p. 3) destaca o pinus que substituiu a araucária no Brasil, o eucalipto que é utilizado para confecção de móveis em países como Nova Zelândia, Austrália, Chile, entre outros, e também a seringueira utilizada na Malásia, Indonésia, Filipinas e Ceilão.

Além do aumento do uso de madeira oriunda de reflorestamento, UNICAMP-IE-NEIT (2002, p. 7) aponta outra tendência verificada tanto no Brasil como internacionalmente. O crescimento do uso de *medium-density fiberboard* (MDF), sendo que para reduzir custos, mas mantendo o padrão de qualidade, verifica-se a mistura de diversos materiais no mesmo móvel (MDF nas partes frontais, os fundos confeccionados com chapa dura e as laterais feitas de aglomerado).

O MDF, que revolucionou a indústria moveleira desde que foi introduzido no mercado europeu nos anos 80, apresenta resistência mecânica e estabilidade dimensional, que o transformam no substituto mais próximo da madeira maciça. Além do MDF, a indústria de painéis tem lançado uma variedade de novos tipos de chapas de madeira reconstituída, para diferentes aplicações (ABDI, 2008, p.219).

A variedade de matérias-primas trouxe consigo outra tendência: a de misturar diferentes materiais na confecção do móvel, assim, os diversos tipos de materiais são complementares uns aos outros, e não necessariamente concorrentes entre si. Por exemplo, o sofisticado *design* do móvel italiano, em geral mistura metais, madeira, vidro, pedra, couro, entre outros materiais (GORINI, 2000, p. 4).

Uma tendência verificada, nos EUA e em alguns países da Europa, foi a introdução de novos conceitos ao projeto de móveis nos quais a funcionalidade do

produto é um atributo essencial. Conforme salienta Gorini (2000, p. 4), o novo estilo de vida da sociedade moderna passou a priorizar maior funcionalidade e conforto.

Para atender a esses consumidores uma parcela crescente dos móveis comercializados passou a ser projetada de forma que qualquer cidadão não tenha dificuldades na montagem - *ready to assemble* e *do it yourself*<sup>1</sup> -, eliminando a figura do montador e, com isso, reduzindo o preço do produto. Além disso, esse tipo de móvel, ao baratear também o frete, obtém uma grande vantagem no comércio internacional (GORINI, 1998, p. 4).

A massificação da produção moveleira se deu de forma diferente de outros setores, segundo Roesse (2003, p. 76). Em uma indústria tradicionalmente baseada em estabelecimentos de pequeno e médio porte, localmente concentrada e com mercado bastante fragmentado em nichos, a modernização, a massificação e mesmo a globalização do setor se deu preservando, e até mesmo valorizando, tais características.

Outro traço marcante da indústria de móveis é o uso intensivo de mão de obra na sua produção. Coelho (2003, p. 62) ressalta que a continuidade da utilização da mão de obra em grande escala permanece, pois apesar da introdução de máquinas e equipamentos com controle computadorizado, o processo produtivo passa por uma série de etapas que necessitam de intervenção do trabalhador.

Em relação à produção mundial de móveis, esta foi de aproximadamente US\$ 267 bilhões em 2005, tendo crescido ao ritmo médio de 9% ao ano no período de 1995 a 2005 (IEMI, 2006, p. 13).

Em 2005, os EUA era o principal produtor mundial de móveis com 21,5% da produção, seguido da China (14,2%), Itália (8,9%) e Alemanha (7,1%). (TABELA 1).

---

<sup>1</sup> O conceito do *it yourself* começou a aparecer nos Estados Unidos na década de 50, período em que os empresários identificaram o segmento feminino como um novo nicho de mercado para os materiais de construção e começaram a modificar os produtos para adaptá-los a esse público. Dessa forma, nasceram materiais e equipamentos de fácil aplicação, com embalagens atrativas e auto-explicativas. Com essas mudanças, começou-se a perceber o tamanho desse segmento e suas possibilidades de crescimento. Na Europa, o conceito tornou-se popular nos anos 70, baseado na experiência norte-americana, e consolidou-se inicialmente na França, onde recebeu o nome *bricolage*, relacionado a pequenos reparos domésticos, pintura, instalação de prateleiras, confecção de mesas e armários, jardinagem etc. O Brasil já teve até mesmo uma Associação Brasileira de Desenvolvimento Mercadológico do Faça Você Mesmo (Abemfa), criada em 1987, mas que encerrou suas atividades em 1992 (Gazeta Mercantil, 1998, *apud* GORINI, 2000, p. 4).

Conforme afirmaram Rosa *et al.* (2007, p. 79) a produção dos maiores países produtores em 2005, foi assim distribuída: EUA com US\$ 57 bilhões do total, China produziu US\$ 38 bilhões, Itália US\$ 23 bilhões e Alemanha US\$ 19 bilhões.

Em 2005, o comércio mundial de móveis envolveu basicamente sessenta países, e juntos representaram cerca de US\$ 80 bilhões anuais. Os maiores exportadores foram pela ordem de importância: China (16,8%), Itália (12,7%), Alemanha (8,2%), Polônia (6,6%) e Canadá (5,5%), respondendo por quase 50% das exportações mundiais. Já, os maiores importadores foram: EUA (28,3%), Alemanha (9,8%), Reino Unido (7,9%), França (7%) e Japão (4,4%), sendo que juntos responderam por 57,4% do total das importações (ROSA, *et al.*, 2007, p. 79).

Na TABELA 1 pode ser visualizado um resumo sobre dados gerais da indústria moveleira mundial em 2005, relativo à participação dos sessenta países.

**TABELA 1 - DADOS GERAIS DA INDÚSTRIA MOVELEIRA MUNDIAL – 2005**

PAÍS	PRODUÇÃO		EXPORTAÇÕES		IMPORTAÇÕES		CONSUMO APARENTE	
	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%	US\$ Milhões	%
EUA	57.371	21,5	2.893	3,6	23.765	28,3	78.243	28,9
China	37.965	14,2	13.451	16,8	479	0,6	24.993	9,2
Itália	23.692	8,9	10.159	12,7	1.675	2	15.208	5,6
Alemanha	18.890	7,1	6.557	8,2	8.236	9,8	20.570	7,6
Japão	12.356	4,6	506	0,6	3.660	4,4	15.511	5,7
Canadá	11.723	4,4	4.417	5,5	3.478	4,1	10.784	4,0
Reino Unido	10.154	3,8	1.273	1,6	6.664	7,9	15.546	5,7
França	9.185	3,4	2.364	3,0	5.881	7,0	12.703	4,7
Polônia	7.078	2,6	5.277	6,6	812	1,0	2.612	1,0
Brasil	6.314	2,4	994	1,2	154	0,2	5.474	2,0
México	3.097	1,2	1.269	1,6	528	0,6	2.356	0,9
Indonésia	2.357	0,9	1.835	2,3	56	0,1	578	0,2
Malásia	2.262	0,8	1.979	2,5	330	0,4	614	0,2
Outros	64.846	24,3	27.094	33,8	28.194	33,6	65.489	24,3
<b>Total</b>	<b>267.290</b>	<b>100</b>	<b>80.068</b>	<b>100</b>	<b>83.912</b>	<b>100</b>	<b>270.681</b>	<b>100</b>

FONTE: CSIL Milano – Market & Industry Research Institute<sup>2</sup>; IEMI (caso do Brasil)<sup>3</sup>, citados por Rosa *et al.* (2007, p. 80).

O Brasil teve, em 2005, participações bastante modestas, TABELA 1, somando 2,4% da produção mundial, 1,2% do total das exportações, 0,2% das importações e 2% do consumo aparente.

<sup>2</sup> CSIL. Centre of Industrial Studies. **World Furniture Market Outlook 2006**. Itália, 2005. 121 p.

<sup>3</sup> IEMI e MOVERGS. “Brasil móveis 2006: Relatório setorial da indústria de móveis no Brasil”. São Paulo: lemi, v. 1, n. 1, out. 2006.

O país pioneiro nas exportações foi a Dinamarca, sendo líder até os anos 50 e 60. Desde a década de 70, a Itália passou a liderar as exportações, seguida dos EUA, Canadá e Alemanha (DENK, 2000, p. 28).

A constituição de um mercado mundial de móveis é um fenômeno muito recente, porém evidente. Somente a partir dos anos 90 a exportação de móveis se torna significativa, mas ela passa a chamar atenção pelo rápido crescimento em relação aos demais setores da indústria de transformação (KAPLINSKY; READMAN, 2000<sup>4</sup>, p.6 *apud* Roese, 2003, p. 76).

No início da década de 90, o comércio mundial de móveis era dominado predominantemente pelos países desenvolvidos como a Itália, Alemanha e Estados Unidos que, conjuntamente, respondiam por mais de 40% das exportações mundiais. Mais recentemente, países como China, Taiwan, Malásia, México e Indonésia, entre outros, conseguiram abrir um espaço nesse mercado, apresentando uma estrutura produtiva apoiada em novos *designs*, novas matérias-primas, desenvolvimento de novas tecnologias, especialização da produção e estratégias comerciais e de distribuição (DECOMTEC/FIESP, 2009 p. 6).

### 2.1.2 Setor moveleiro no Brasil

Em linhas gerais, a indústria brasileira possui algumas semelhanças em relação à indústria moveleira mundial, no que diz respeito à ocupação de mão de obra, ao valor relativo de produção e à fragmentação. Entretanto, de modo diferente, enquanto os principais países produtores mundiais apresentam um processo produtivo horizontalizado, no caso brasileiro o processo produtivo é verticalizado, ou seja, o produtor muitas vezes participa de todo o processo produtivo (plantio, transporte, secagem, usinagem, acabamento e embalagem) (COELHO, 2003, p. 72).

Corroborando, Martins (2003, p. 17), indica a verticalização como uma das características mais salientes da indústria de móveis do Brasil. E, segundo o autor,

---

<sup>4</sup> KAPLINSKY, R.; READMAN, J. **Globalisation and upgrading: what can (and cannot) be learnt from international trade statistics in the wood furniture sector?** Brighton: University of Sussex/IDS/CRIM, 2000.

esta característica diferencia o setor moveleiro do Brasil de países mais desenvolvidos, como a Itália, por exemplo.

Segundo Loper (2007, p. 52), a cadeia produtiva de móveis compreende o conjunto de atividades que se articulam progressivamente nas diversas etapas de produção, desde a matéria-prima até o produto final. Incluindo fornecedores de máquinas e equipamentos, insumos de maneira geral, logística, comercialização, podendo os elos estar ou não, integralmente, na aglomeração produtiva.

A indústria de móveis se estende por todo o território brasileiro, tendo suas concentrações principais nas regiões Sul e Sudeste, onde detém cerca de 70% do emprego total. No Estado de São Paulo estende-se pela capital e o interior; no Rio Grande do Sul e Santa Catarina predomina nos pólos industriais. Os Estados que seguem essa seqüência, em ordem de importância são: Paraná, Minas Gerais, Rio de Janeiro e Pernambuco (LEÃO; NAVEIRO, 1998, p. 2).

As regiões Sul e Sudeste continuaram sendo as mais importantes para a indústria moveleira do Brasil e em 2007 foram responsáveis por 79,7% dos empregos ocupados nesta indústria, 75,9% de todos os estabelecimentos da indústria moveleira no Brasil sendo responsáveis por 90% da produção (DECOMTEC/FIESP, 2009 p. 8).

Para Denk (2000, p. 34), a grande vantagem comparativa do Sul é a especialização em móveis de madeira, São Bento do Sul em móveis de madeira maciça e Bento Gonçalves em móveis retilíneos (aglomerado e MDF em produção seriada). Na exportação, São Bento do Sul possui larga vantagem pela experiência adquirida em móveis de madeira maciça. Por outro lado, Arapongas e Ubá vêm tendo intenso crescimento nos últimos anos, pelo espaço deixado por São Bento do Sul e região no mercado interno e pela especialização em móveis considerados populares, cujo consumo cresceu na década de 90. São Bento do Sul produz móveis de alto padrão quando vende ao mercado interno.

Conforme Rosa *et al.* (2007, p. 85), os demais pólos com destaque na produção moveleira são: Bom Despacho (MG), Linhares e Colatina (ES), Votuporanga, Mirassol e Tupã (SP), Rio Negrinho (SC) e Flores da Cunha (RS).

Com base em Roese (2003), Denk (2000), ABIMÓVEL (2001), Quadros (2002) e Loper (2007), as principais características dos maiores pólos moveleiros serão comentadas adiante.

No Rio Grande do Sul, o pólo moveleiro de Bento Gonçalves consolidou-se na década de 60, sendo considerado atualmente como o mais importante do país, teve como origem as manufaturas de móveis de madeira e metal, inspirados na fabricação de instrumentos musicais e telas metálicas. Neste pólo, a tecnologia de produção não está defasada em relação a países como a Itália e a Alemanha, consideradas exemplos no setor, sendo que a grande maioria das empresas tem acesso à tecnologia.

Em Santa Catarina, destaque para o pólo moveleiro de São Bento do Sul. Este pólo, que foi consolidado na década de 70 e teve sua origem no apoio governamental, possui grandes exportadoras de móveis com capacitação tecnológica acima da média nacional e médias empresas com boa capacitação, atualizando-se em ritmo acelerado. A produção é composta, quase exclusivamente por móveis residenciais de madeira de pinus.

No Paraná, encontra-se o pólo moveleiro de Arapongas, que teve sua origem na iniciativa de empresários locais, com apoio governamental (em particular do município), consolidou-se na década de 70. Possui empresas com tecnologia média de capacitação e pequenas e médias empresas - PMEs com níveis inferiores de capacitação, sendo especializado na produção de móveis residenciais populares destinados ao mercado interno, com destaque, também, para a fabricação de estofados, onde conta com um número significativo de empresas produtoras.

Em Minas Gerais, destaque para o pólo moveleiro de Ubá que se consolidou na década de 80 e teve como origem empresas atraídas pela instalação da “Móveis Itatiaia” na década de 60, sendo considerada atualmente a maior fábrica de móveis do país. Além do destaque dos armários de aço produzidos pela Itatiaia, o pólo reúne, ainda, empresas voltadas quase exclusivamente para a produção de móveis residenciais de madeira, sobretudo, camas, guarda-roupas, salas de jantar e estofados destinados ao mercado interno.

Em São Paulo, a indústria de móveis apresenta produção geograficamente dispersa, espalhando-se pela capital e interior do Estado, no entanto, é possível identificar duas regiões: a Grande São Paulo e o Noroeste Paulista.

A região da Grande São Paulo possui empresas com tecnologia heterogênea, onde a produção de móveis seriados possui elevada tecnologia, enquanto que a produção sob encomenda tem tecnologia artesanal e a produção de móveis de escritório é considerada complexa. Algumas das principais fábricas de móveis de

escritório encontram-se nesta região. O foco mercadológico dessas empresas é, principalmente, o mercado interno, atendendo a todos os estados do Brasil. Essa região consolidou-se na década de 50 e teve como origem as marcenarias familiares (imigração italiana).

E, finalmente, o Noroeste Paulista destaca-se por empresas líderes com alta tecnologia, como a de móveis retilíneos e metálicos, que convivem com PMEs que são intensivas em mão de obra. Consolidou-se na década de 80 através de iniciativa dos empresários locais. A região pode, ainda, ser subdividida em dois centros regionais, Mirassol e Mirassol.

O pólo de Mirassol que teve sua origem nos anos de 40 apresenta estrutura de mercado heterogênea, no que se refere ao porte e à origem das empresas, e está concentrado na produção de móveis residenciais de madeira. Por sua vez, o pólo de Votuporanga teve como origem a associação de duas dezenas de firmas moveleiras no chamado projeto pólo IPD – Interior Paulista *Design*. A maioria das empresas está voltada para a produção de móveis residenciais de madeira, sendo que se verifica, também, a importante participação das produtoras de móveis estofados.

No geral, o setor moveleiro é intensivo em mão de obra e apresenta baixo valor adicionado (por unidade de mão de obra) em comparação com outros setores. Quanto às empresas, o setor se caracteriza pela predominância de PMEs que atuam em um mercado muito segmentado (GORINI, 1998, p. 2).

Com relação às matérias-primas mais utilizadas pelo setor moveleiro, Gorini (1998, p. 25) destaca: madeiras maciças como o pinus, eucalipto e várias madeiras de lei; os compensados, chapas duras e painéis de madeira aglomerada; e diversos revestimentos (lâmina de madeira, papéis, laminados plásticos, PVC, tintas e vernizes, tecidos, entre outros).

Em resumo, as principais características do segmento de móveis de madeira podem ser vistas no QUADRO 1.

TIPO DE MÓVEL	PRODUÇÃO	MATÉRIA-PRIMA PREDOMINANTE	PORTE DAS EMPRESAS	PRINCIPAL MERCADO CONSUMIDOR	GRAU DE TECNOLOGIA
<b>Torneado</b>	Seriada	Madeira de reflorestamento, especialmente serrado de pinus	Médias e grandes	Exportação	Alto
	Sob encomenda	Madeiras de lei, em especial serrado de folhosas	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes: média e alta	Baixo, quase artesanal
<b>Retilíneo</b>	Seriada	Aglomerado e MDF	Médias e grandes	Mercado nacional, em especial para as classes: média e alta	Alto
	Sob encomenda	Compensado e aglomerado	Micro e pequenas	Mercado nacional, em especial para as classes: média e baixa	Médio

QUADRO 1 - PRINCIPAIS CARACTERÍSTICAS DO SEGMENTO DE MÓVEIS DE MADEIRA PARA RESIDÊNCIA  
 FONTE: GORINI (1998)

Já nos anos mais recentes, Salvador (2009, p. 27) chama a atenção como materiais mais usados na indústria brasileira de móveis as chapas de madeira processada e reconstituída e o MDF. Segundo o autor, existe, ainda, a utilização de madeira maciça, porém não mais originárias de floresta nativa, por não se tratar de uma alternativa ecologicamente viável.

Neste contexto, o MDF é conhecido pela possibilidade de substituição da madeira por diversas formas de aplicação, em função de sua homogeneidade, versatilidade e resistência ao ataque de microrganismos (SEBRAE, 2008, p. 41).

Com relação ao tipo de mercado consumidor, em 2005, a distribuição das vendas setoriais, por categoria de demanda final e intermediária, foi: 6,7% para exportação, o consumo das famílias representou 54,7% das vendas, a formação bruta de capital fixo foi de 18% e outras demandas representou 0,1%. A demanda intermediária representou 20,6% do total (ABDI, 2009 p. 5). Assim, conforme afirmou o mesmo documento, as vendas externas parecem representar um componente menos significativo na estratégia de produção das empresas de móveis.

### 2.1.3 Estudos sobre o setor moveleiro

Os trabalhos sobre a indústria moveleira no Brasil podem ser classificados em: a) diagnósticos e panoramas da indústria moveleira nacional; b) trabalhos técnicos; e c) trabalhos sobre regiões específicas (MARION FILHO;BACHA, 1998, p. 120).

Dentre os estudos sobre regiões específicas podem-se citar as pesquisas de COELHO (2003), MARTINS (2003), FRANZONI (2005), LIMA (2005), SCHNEIDER (2005), LOPER (2007), BIERGER (2008), CORDEIRO (2008), FRANCO (2008), OLIVEIRA (2009) e SALVADOR (2009).

Os estudos aqui citados referem-se à região Sul, especialmente ao Estado de Santa Catarina. Isso não é por acaso, pois conforme visto anteriormente é nesse Estado que se concentram os mais expressivos números quando se fala em exportação de móveis do Brasil.

O setor moveleiro catarinense, segundo dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, é o maior exportador brasileiro de móveis, seguido pelo Rio Grande do Sul e São Paulo (SEBRAE, 2010, p. 10).

Com o objetivo de analisar as estratégias competitivas desenvolvidas pela indústria moveleira de Santa Catarina, Coelho (2003) estudou a capacidade de exportar do Pólo Moveleiro de São Bento do Sul/SC e concluiu que a indústria moveleira caracteriza-se como sendo um centro de excelência na produção de móveis e possui um perfil exportador que produz móveis que são comercializados nos centros mundiais mais competitivos e exigentes. Entre as ações estratégicas das empresas do pólo, o autor cita a liderança no custo total, o elevado volume de produção e a forte integração com empresas terceirizadas. Diferenciação do produto e a adoção do enfoque são outros dois elementos que integram a estratégia competitiva dos empresários de São Bento do Sul.

No mesmo sentido, Loper (2007) também identificou a estratégia competitiva do pólo moveleiro do Alto Vale do Rio Negro/SC e para tanto utilizou o conceito proposto por Porter (1980)<sup>5</sup> referente às estratégias competitivas.

---

<sup>5</sup> PORTER, M. E. **Competitive advantage: creating and sustaining superior performance**. New York: Free Press, 1980.

Em sua pesquisa, Loper (2007) conclui que o pólo em questão é pioneiro, está se renovando e tem na sua composição majoritariamente empresas de médio e pequeno porte. Quanto às estratégias adotadas, essas se mostraram diferentes quando analisados os dados agregados e desagregados. De forma agregada, o autor concluiu que existem três grupos estratégicos: 1) grupo que utiliza a estratégia de foco em conjunto com a estratégia de diferenciação; 2) grupo que utiliza a estratégia de diferenciação e baixo custo simultaneamente e; 3) grupo que se utiliza da estratégia de diferenciação. Por outro lado, quando o autor desagregou os dados percebeu-se que existe uma orientação estratégica mais clara dos grupos quando esses foram relacionados ao mercado em que direcionam a sua produção e ao tamanho da empresa, sendo as estratégias de baixo custo e diferenciação adotadas simultaneamente pelas grandes empresas.

Ainda, com objetivo de apontar as estratégias adotadas pelas principais empresas do pólo moveleiro de São Bento do Sul/SC, Franzoni (2005) realizou uma pesquisa com os empresários locais buscando levantar, especificamente, as estratégias de *marketing* internacional utilizadas. Ouvindo dirigentes de oito empresas da região que exportam, o autor concluiu que a estratégia de produto está mais relacionada à tecnologia de manufatura que dispõem do que ao *design* do produto, dado que o fabricante não define o produto e por consequência utiliza-se do clássico modelo de *mark-up* de precificação.

Já para Valença *et al.* (2002, p. 89), o *design* tem sido considerado o ponto mais vulnerável da indústria moveleira nacional, devendo ser aprimorado não só pelo fato de se pretender expandir as exportações, mas, sobretudo em função de que uma parcela considerável do consumidor brasileiro, em termos de poder aquisitivo, é bastante exigente e está disposta a pagar preços razoavelmente maiores por produtos que considere elegantes, funcionais e resistentes.

Como esforço de exportação, Franzoni (2005) mostrou que aquelas empresas realizam contatos com o mercado através de viagens de seus executivos ao exterior e também realizam promoções de forma direta ou contando com a participação dos outros canais de venda na realização das mesmas. As principais formas de promoção utilizadas, pelas empresas pesquisadas, foram o catálogo e a exposição/ambientação dos produtos e os canais mais envolvidos com estas promoções foram o distribuidor, o varejo e a própria empresa fabricante.

Quando se fala em *design* do produto, os motivos pelos quais as empresas não o desenvolvem, em sua grande maioria, são devido ao desconhecimento das tendências de mercado, a resistência do cliente e o alto custo do desenvolvimento do produto (FRANZONI, 2005, p. 75). Assim, com o objetivo de compreender o comportamento do investimento em *design* e inovação tecnológica, Oliveira (2009) desenvolveu um estudo sobre as micro e pequenas empresas que fabricam móveis, no município de Curitiba.

Para Oliveira (2009), os principais motivos que levam as empresas a investir em inovações estão relacionados a produtos e processos o que causa impacto direto em aspectos ligados ao mercado, além da qualidade.

Em suas conclusões, Oliveira (2009) afirma que o *design* é um dos fatores de maior preocupação nas empresas e esse se baseia principalmente na estética do móvel, consistindo, às vezes, puramente em cópia de produto dos concorrentes. Em outro estudo, sobre as empresas do pólo moveleiro de Arapongas, Franco (2008) enfatizou que as empresas menores apresentam processos de produção intensivos em mão de obra, combinados com uma surpreendente capacidade de introduzir mudanças nos modelos produzidos (com rápida capacidade de absorção, por meio da cópia, *benchmarking*<sup>6</sup>, dos novos modelos das empresas maiores), decorrente da grande flexibilidade e aptidão produtiva que caracteriza essas empresas.

Com o objetivo de descrever padrões e estratégias de qualidade, utilizados por indústrias moveleiras do Pólo de Arapongas/PR, Franco (2008) aplicou questionários direcionados aos empresários desse setor. Em suas conclusões, a autora destaca que todas as empresas pesquisadas utilizam alguns dos procedimentos e técnicas concernentes à Gestão da Qualidade. Dentre os programas mais apontados pelas empresas pesquisadas estão: Programa 5 Ss, Ciclo PDCA, Kanban, Série ISO 9000, *Just-in-time*, o que segundo a autora, é devido a serem programas menos complexos em sua operacionalização. No entanto, a Série ISO 9000 foi apontada somente por duas empresas pesquisadas, sendo estas de maior porte e complexidade organizacional.

Ainda investigando as empresas do Pólo Moveleiro de Arapongas, Lima (2005) estruturou um diagnóstico ambiental das indústrias de móveis de madeira da

---

<sup>6</sup> Método para comparar desempenho de algum processo, prática de gestão ou produto da organização com o que esteja sendo executado de maneira mais eficaz e eficiente, na própria ou em outra organização.

região. Em seu estudo, a autora conclui que os principais tipos de matéria-prima florestal usados são madeira de: *Pinus* spp. e *Eucalyptus* spp. e painéis de madeira reconstituída sendo que o aglomerado e MDF predominam. Os resíduos gerados em maior quantidade pelas fábricas são os resíduos de madeira e esses e outros resíduos são encaminhados ao Centro de Tecnologia em Ação e Desenvolvimento Sustentável - CETEC para a correta destinação. Quanto às ações ambientais, o pólo possui uma usina de tratamentos que recolhe, controla e se responsabiliza pelos resíduos gerados pelas empresas.

Buscando entender como agem os empresários quando se trata da Gestão da Informação no ambiente empresarial, Schneider (2005) desenvolveu uma pesquisa com as empresas do segmento moveleiro nas regiões Norte e Oeste do Paraná e concluiu que o tamanho da empresa está diretamente ligado ao uso de técnicas de gestão administrativa. As micro e pequenas empresas são menos avançadas tecnologicamente e utilizam em menor proporção a gestão administrativa e priorizam as informações geradas no nível gerencial. O contrário se observou nas empresas de porte médio, onde se prioriza e utiliza todas as informações geradas.

Ressalta-se ainda o estudo realizado por Bierger (2008) onde o autor buscou descrever, analisar, caracterizar e estabelecer perspectivas de sustentabilidade econômica do “pólo moveleiro de Coronel Freitas” no Oeste de Santa Catarina. Em sua pesquisa com os empresários do setor moveleiro local o autor encontrou um cenário que indicava haver uma forte tendência de diminuição do total das empresas devido a inúmeras dificuldades que o setor vinha encontrando. No pólo em questão, havia empresas que fabricam móveis seriados e as que só fabricavam os tipos sob encomenda, sendo esses consumidos, quase que totalmente, pelo mercado local. O autor observou apenas uma empresa exportadora no pólo de Coronel Freitas. Quanto ao perfil tecnológico desse pólo moveleiro, este vai do artesanal a mais moderna tecnologia com linha totalmente automatizada. E por fim, em termos de políticas que viabilizem a sustentabilidade econômica e social, o autor apontou que as empresas poderiam ser mais eficientes agindo de forma coletiva e transformar o caráter da concorrência evoluindo para uma competição com cooperação.

E finalmente, com o objetivo de analisar a percepção dos empresários sul brasileiros sobre a ALCA, ressalta-se Martins (2003). Em sua pesquisa o autor elaborou um estudo de caso com a participação de 31 empresas do setor de móveis e conclui que os empresários entrevistados não pareciam ter uma opinião bem

definida sobre a ALCA. Sobre incentivos e oportunidades de negócios na ALCA, os países mais lembrados pelos empresários foram os EUA, México e Canadá e como barreiras às exportações as citadas como mais importantes refere-se a: 1) Política do governo com relação ao câmbio; 2) Impostos brasileiros que afetam as exportações e; 3) Imagem do produto moveleiro do Brasil no exterior. Entre o *mix* de estratégias de *marketing* identificadas como mais importantes, os empresários apontaram aquelas relacionadas ao produto, preços competitivos, distribuição e divulgação dos móveis brasileiros, não sendo identificado assim entre os mais importantes o *design* do produto.

Por sua vez, quando se fala em estudos do tipo diagnóstico, pode ser citado: UNICAMP-IE-NEIT (2002), que é um estudo baseado no “Fórum de Competitividade. Diálogo para o Desenvolvimento”, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC.

O presente diagnóstico teve como objetivo fazer uma caracterização da Cadeia Produtiva da Indústria de Madeira e Móveis, procurando evidenciar aspectos relativos à sua competitividade. No documento, faz-se um apanhado geral sobre a Cadeia Produtiva da Indústria de Madeira e Móveis apontando as tendências mundiais do setor, caracterizando a cadeia produtiva da madeira e móveis, analisando a competitividade do Brasil nesse setor, evidenciando as barreiras comerciais e de mercado e por fim, a autora elabora uma matriz de recomendações para alavancar o aumento das exportações dessa indústria.

A chamada “Leitura Moveleira” foi uma ação que fazia parte do Promóvel e teve como objetivo lançar uma série de livros para a indústria moveleira sobre temas como “O que é?”, “Como fazer?”, além de “Estudos”, “Normas” e “Manual”, tratando com profundidade a realidade do setor moveleiro, não apenas em âmbito nacional como também internacional.

Com participação na denominada “Leitura Moveleira”, Gorini (2000) também elaborou um diagnóstico intitulado “A indústria de Móveis no Brasil”. O estudo fez parte de várias outras publicações do Promóvel e teve por objetivo analisar o desempenho do setor moveleiro nacional.

Outro estudo do tipo diagnóstico, intitulado Análise Setorial de Mercado: Setor de Móveis (2009) foi elaborado pela Secretaria de Desenvolvimento do Governo do Estado de São Paulo, Serviço Brasileiro de Apoio à Micro e Pequena Empresa (SEBRAE-SP) e Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP). O

referido estudo teve como objetivo elencar informações sobre o mercado nacional e internacional como subsídio à elaboração do plano de desenvolvimento dos APLs de Mirassol e Região Metropolitana de São Paulo.

Ainda, vale a pena citar o estudo realizado pela secretaria do Mercado Comum do Sul - MERCOSUL: setor de madeira e móveis, o qual teve como objetivo realizar um diagnóstico da competitividade da cadeia produtiva dos setores de madeira e móveis do MERCOSUL (SEABRA, 2008).

## 2.2 ESTRUTURA DE MERCADO

A economia industrial contempla um número elevado de linhas de pensamento que podem ser agregadas em duas correntes principais: uma tradicional (*mainstream*) e outra alternativa (schumpeteriana/institucionalista). Ambos os grupos estavam interessados em obter respostas sobre questões como a natureza e o funcionamento real das empresas e o ambiente de concorrência em que competiam (GOMES et al. 2003, p.2).

Nos anos 30, Maisson, investigou, com base em um conjunto de questões empíricas, o relacionamento entre o ambiente da firma (estrutura), o seu comportamento (conduta) e a sua performance (desempenho). Em meados dos anos 60, Bain apresenta suas contribuições sobre as barreiras às entradas, ampliando o leque de fatores a serem avaliados pelas pesquisas empíricas e Scherer configura a representação teórico-analítica denominada de modelo Estrutura-Condução-Desempenho – ECD (BARNEY<sup>7</sup>, 1996 *apud* GOMES et al.2003, p.2).

Um dos fatores determinantes do comportamento das empresas deve-se a estrutura dos mercados nos quais atuam e a participação relativa que neles ocupam. Isto leva à necessidade de estudar a organização dos mercados nos diferentes setores da indústria, especificamente, analisar o grau de concentração industrial e as

---

<sup>7</sup> BARNEY, J.B. Gaining and sustaining competitive advantage. New York: Addison-Wesley Publishing Company, 1997.

diferenças de comportamento à medida que varia a primeira (FAJNZYLBBER, 1971, p. 89).

A estrutura de mercado é importante porque determina o comportamento das firmas na indústria, e esse comportamento por sua vez determina a qualidade da atuação da indústria (CAVES, 1967, p. 30). Segundo o autor os principais elementos da estrutura de mercado são:

- Concentração;
- Diferenciação de produtos e,
- Barreiras à entrada de novas firmas.

Resende (1994, p. 24) chama atenção com relação a não existência de uma definição direta do que seria uma estrutura. Concomitante com o apresentado por Caves (1967, p. 29), Bain (1968<sup>8</sup>, citado por Resende, 1994, p. 24) define as seguintes características que descrevem a estrutura de mercado:

- a) O grau de concentração descrito pelo número e distribuição de tamanho dos vendedores do mercado;
- b) O grau de concentração relativa aos compradores [definido de forma análoga a (a)];
- c) O grau de diferenciação do produto;
- d) As condições de entrada no mercado (refere-se à existência de barreiras à entrada).

Assim, do exposto acima se pode dizer que estrutura de mercado é multidimensional e sua mensuração, com os dados disponíveis, pode induzir ao cálculo de medidas relativas à oferta, o que denotaria de forma sintética o poder de mercado das firmas de uma dada indústria (RESENDE, 1994, p.25).

A concentração industrial é visualizada como um dos determinantes estruturais mais relevantes da competição (Kon, 1994 p. 56). Para a autora, uma indústria mais concentrada, isto é, constituída por um número pequeno de grandes firmas, prejudica a competição pelo fato de que estas são encorajadas a agirem de forma interdependente no que se refere à tomada de decisões sobre preços, produção e assuntos correlatos.

Por outro lado, ao se relacionar o grau de concentração das indústrias com sua vocação exportadora, as empresas que ocupam uma posição de liderança na

---

<sup>8</sup> BAIN, J.S. Industrial organization. 2ª ed. New York: John Wiley & Sons, 1968.

exportação de determinado produto, mantêm, com alta probabilidade, uma posição bastante destacada, pelo menos no que se refere à eficiência e a produção total desses bens (FAJNZYLBBER, 1971 p. 106).

### 2.2.1 Medidas de Concentração

A utilização de medidas de concentração permite uma aproximação da estrutura de mercados da economia, além de fornecer os elementos empíricos necessários para a avaliação da situação de competição de um mercado e para as comparações intertemporais que permitam examinar a dinâmica do processo de mercado do lado da oferta (KON, 1994, p 59).

Em um sentido amplo, concentração significa a acumulação de certos atributos econômicos por correspondentes unidades de controle (BRAGA e MASCOLO, 1982, p.401).

Para Kon (1994, p. 56), a concentração é examinada a partir de dois enfoques diversos:

- A concentração global, que se refere à parcela da produção ou das vendas da economia como um todo, que é responsável por um número relativamente pequeno de firmas, o que dá indicações sobre as estruturas e o potencial de poder da economia e;
- A concentração de mercado, que se relaciona à parcela de mercado abrangida por um número relativamente pequeno de firmas em uma indústria ou em um mercado individual.

A concentração de mercado pode ser avaliada de uma maneira estática, em um determinado ponto no tempo, ou em seus aspectos dinâmicos, observando seu crescimento ou decréscimo no tempo.

Para Braga e Mascolo (1982, p.401), é possível tratar a concentração em termos puramente estatísticos, sem maior preocupação com o seu significado econômico. Isso porque, segundo os mesmos autores, estatisticamente, a concentração (ou, mais precisamente, o grau de concentração) constitui uma característica da distribuição de uma variável em uma população, que pode

naturalmente, ser calculada para diferentes conjuntos de firmas industriais, do mesmo modo que para outros tipos de distribuição.

No entanto, os autores citam que é, sobretudo, do ponto de vista de análise econômica que a taxonomia da concentração industrial adquire relevância.

As várias técnicas conhecidas para medir a concentração são utilizadas de modo a focalizar algum aspecto particular da concentração. Algumas medidas se relacionam a um setor industrial como um todo, enquanto outras consideram apenas um número pequeno das maiores firmas (KON, 1994, p. 60).

De acordo com Braga e Mascolo (1982, p. 421), as medidas de concentração costumam ser classificadas em dois grupos: as medidas parciais ou discretas (que se baseiam em um número pequeno das maiores firmas e/ou mercados de uma indústria) e as medidas-resumo ou acumuladas (que pretendem incorporar todas as firmas e/ou mercados da indústria em estudo).

A teoria econômica não fornece elementos conclusivos para a escolha entre os vários índices, no entanto, o que a teoria sugere é que a medida de ótima concentração industrial deveria refletir a importância que cada firma atribui ao número e à distribuição por tamanho dos demais concorrentes (BRAGA e MASCOLO, 1982, p. 422).

Quando comparadas entre si, segundo Kon (1994, p. 60), podem revelar resultados conflitantes. No entanto, isoladamente, refletem aspectos específicos da situação; como uma única medida não revela todos os aspectos da concentração, usualmente uma análise detalhada requer a utilização complementar de várias medidas.

A diferença básica entre os diferentes índices está no sistema de pesos imputados às parcelas de mercado e, conseqüentemente, na sensibilidade que revelam às mudanças no número de firmas da indústria (BRAGA e MASCOLO, 1982, p. 422).

Entre as medidas mais utilizadas destacam-se a Relação de Concentração (Razão de Concentração), o Índice Herfindahl-Hirschman, o Índice de Joly, o Coeficiente de Entropia e o Coeficiente de Gini.

Bailey e Boyle<sup>9</sup> (1971, citado por Resende, 1994 p. 30), apontam os referidos índices como substitutos entre si, e, para tanto, calcularam coeficientes de

---

<sup>9</sup> BAILEY, D. & BOYLE, S. E. The optimal measure of concentration. *Journal of the American Statistical Society*, v.66, 1971.

correlação entre os diversos índices tendo como base os dados da indústria americana. Uma vez que constataram uma elevada correlação entre os diversos índices, os autores sugeriram a utilização das razões de concentração dada a facilidade de cálculo.

### 2.2.2 Razões de concentração - $CR_k$

Também conhecida como Relação de Concentração (C) ou Taxa de Concentração de Mercado (TCM), mede a proporção representada por um número fixo das maiores firmas da indústria, em relação ao total da indústria, sendo que usualmente são consideradas as três ou quatro maiores firmas da indústria (KON, 1994, p. 60).

Esse tipo de índice é o mais amplamente utilizado, devido, principalmente à sua maior facilidade de cálculo e de interpretação, porém, sua principal desvantagem reside no fato de que se baseia em um único ponto da curva de concentração, não levando em conta nem o número total e nem o tamanho relativo das firmas na indústria (BRAGA e MASCOLO, 1982, p. 422).

A relação é de fácil interpretação, ou seja, se, por exemplo, um número pequeno de firmas é responsável por uma grande proporção da produção, das vendas, etc. da indústria, então o nível de concentração é alto e existe uma maior probabilidade de se estar diante de práticas oligopolísticas que na ocorrência de uma baixa relação de  $CR_k$  (KON, 1994, p. 60).

Essa é uma medida de concentração bastante utilizada, principalmente em estudos relacionados aos setores da agricultura e pecuária como, por exemplo, na cadeia alimentar da soja, o segmento agro-industrial da avicultura, e outros como no mercado varejista alimentar, a concorrência bancária, a concentração no setor elétrico, etc.

No setor de base florestal, alguns trabalhos que podem ser citados referem-se à concentração na indústria de celulose e papel, painéis de madeira, artefatos de madeira, setor madeireiro no estado do Pará e no Acre, entre outros.

Noce (2005, p. 36) estudou o mercado de painéis de madeira com o objetivo de caracterizar a estrutura do mercado internacional destes produtos. Os resultados

apontaram para alta concentração nos quatro maiores mercados do compensado, concentração moderada para a chapa de fibra e novamente alta concentração para o mercado do aglomerado.

Com o objetivo de analisar a concentração industrial e o poder de mercado das empresas de artefatos de madeira do Estado do Pará, Santos e Santana (2003, p. 6) utilizaram os valores de exportação das cinco maiores empresas exportadoras da indústria da madeira na economia paraense. Os resultados indicaram que, em média, no período de 1997 a 2001, as cinco maiores empresas detiveram 54,2% do valor exportado, tendo como fatores para essa concentração a necessidade de aprimorar a qualidade e a diferenciação dos produtos, e também exigências vinculadas a fatores ambientais que atuam como barreiras à entrada no mercado internacional.

Utilizando o  $CR_k$ , Soares *et al.* (2010, p.10 ) analisaram a estrutura do mercado de celulose e de papel no Brasil englobando os anos de 1985 a 2007. Segundo os autores, ocorreu um aumento do grau de concentração na indústria produtora de celulose e papel nos anos analisados; em 1985, as quatro maiores empresas de celulose e papel detinham, respectivamente, 54,7% e 33,1% da produção da indústria. Já em 2007, as quatro maiores empresas de celulose e papel passaram a controlar, respectivamente, 61,1% e 41,8% do total produzido no país.

Com relação ao estudo da concentração no setor moveleiro, podem ser citados Gomes *et al.* (2003), Soares *et al.* (2006) e Silva (2003). No primeiro estudo, os autores utilizaram a taxa de concentração de mercado para analisar a concentração do mercado das empresas de móveis de madeira no estado do Pará e concluem que este mercado é altamente concentrado, no qual um número reduzido de médias e pequenas empresas possui os maiores faturamentos.

Para determinar a concentração no consumo de madeira pelo setor moveleiro do município de Ubá/MG, Soares *et al.* (2006, p.7) utilizaram a razão de concentração das quatro e oito maiores fábricas de móveis da região. Os resultados apontaram que no ano de 2000 as quatro e oito maiores fábricas de móveis detinham 44,5% e 62,4%, respectivamente, do consumo da indústria, sendo classificadas com concentração do tipo moderadamente baixa.

E finalmente, Silva (2003) analisou, economicamente, a concentração no consumo de madeira tropical pelas marcenarias em Rio Branco, estado do Acre. Obteve como principais resultados, uma classificação do segmento das marcenarias

de Rio Branco como sendo um grupo de indústrias competitivas ou mesmo com baixo grau de oligopolização e um nível de concentração relativamente baixo no consumo de madeira tropical.

## 2.3 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE

### 2.3.1 Conceito de competitividade

A literatura sobre comércio internacional, ao mesmo tempo em que é vasta e contempla abordagens diversificadas, tende a convergir para um pensamento comum, o de que a competitividade internacional representa a capacidade de ser mais eficiente do que os concorrentes internos e externos (DIAS, 2007, p. 14).

O ato de conceitualizar o termo competitividade não é uma tarefa simples e tão pouco se pode afirmar com exatidão um único significado para o termo.

Muller (2006, p. 9) sugeriu que se considere a conceitualização de competitividade como uma operação na qual, integrado o termo em uma metodologia de pesquisa científica, dispor-se-ia de um mapa, com seus territórios e caminhos. Esse mostraria um conjunto ordenado e flexível de conceitos adaptáveis aos interesses e objetivos de quem o utilizar, e que, como um caleidoscópio, serviria para inumeráveis propósitos.

Em todo o caso, alguns conceitos definem a competitividade como sendo “a capacidade de um país, um setor ou uma empresa particular, de participar nos mercados externos”, e/ou, “a capacidade de lucrar mediante a exportação”, e/ou “a habilidade sustentável de obter lucros e manter a participação nos mercados” (FEENSTRA<sup>10</sup>, 1989; HELLEINER<sup>11</sup>, 1989; DURAND, MARTIN e WESTGREN<sup>12</sup>, 1992 *apud* MULLER, 2006 p. 2).

---

<sup>10</sup> FEENSTRA, R. **Trade policies for international competitiveness**. Chicago:University of Chicago Press, 1989.

<sup>11</sup> HELLEINER, G. Increasing international competitiveness: a conceptual framework, **Lectures Notes**, Barbados, mimeo., 1989.

Já, para Haguenaer (1989, p.13), a competitividade poderia ser definida como a capacidade de uma indústria (ou empresa) produzir mercadorias com padrões de qualidade específicos, requeridos por mercados determinados. Para tal, utiliza recursos em níveis iguais ou inferiores aos que prevalecem em indústrias semelhantes no resto do mundo, durante certo período de tempo.

Com as transformações ocorridas nas décadas de 1980 e 1990 o conceito de competitividade foi ampliado, e atualmente a literatura econômica não considera somente as diferenças na dotação de fatores explicativos do comércio entre países (FIALHO, 2006, p. 26).

Neste sentido, Muller (2006, p. 2), classificou a competitividade dando duas ênfases: uma econômica e outra no sistema sociocultural, sendo que a principal diferença que se dá entre as duas é que na primeira existe um intercâmbio possível entre concorrência e competitividade, fato que não ocorre no conceito sobre a competitividade com enfoque sociocultural.

No conceito da competitividade dando ênfase econômico, pode-se entender a concorrência como parte da disputa econômica, e a capacidade para competir como o processo que desemboca na rivalidade entre grupos de vendedores. Poder-se-ia distinguir assim concorrência de competitividade considerando esta última como o conjunto e condições requeridas para o exercício da concorrência. Deste modo, a concorrência seria o resultado da competitividade e estaria incluída nela. Na literatura especializada predomina o enfoque econômico, com definições precisas e operativas, com interesse pela medição quantitativa dos componentes do processo competitivo. Já o enfoque sociocultural baseia-se na competitividade nacional; aponta para as dificultosas relações entre instituições nacionais existentes e aquelas criadas para difundir no país um paradigma tecnoeconômico de caráter mundial e conclui que as estratégias e políticas nacionais são necessárias para criar as novas fontes de competitividade (MULLER, 2006, p. 2).

---

<sup>12</sup> DURAND, M.; MARTIN, L.; WESTGREN, R. A framework for assessing national competitiveness and the role of private strategy and public policy. Annapolis, Maryland, **Symposium on competitiveness in international food markets**, 7-8 august, 1992.

### 2.3.2 Fatores determinantes da competitividade

Há diversos estudos afirmando que o comércio internacional e a competitividade de um país são afetados por um conjunto de variáveis como taxa de câmbio, preços, custos dos fatores, produtividade e outros (FIALHO, 2006, p. 26).

Muller (2006, p. 6) acredita que a produtividade é a chave, por excelência, para obter-se a competitividade e segundo ele, em seu centro estão as inovações tecnológicas, organizacionais e institucionais.

No entanto, muitos outros autores vão mais além e citam diversos fatores que podem afetar a competitividade de um país. Para Gorini (2000, p. 47), os fatores que afetam a competitividade são: matéria-prima, tecnologia, mão de obra e *design*. Complementando os apontamentos feitos pela autora acima, em UNICAMP-IE-NEIT (2002, p. 48) os autores apontam que é evidente que matérias-primas, tecnologia, mão de obra e *design* são componentes de custo que afetam os preços e qualidade dos produtos, mas, no entanto, para que as empresas tenham sucesso em suas estratégias precisam coordenar adequadamente fornecedores e distribuidores.

O mesmo documento ainda salienta que a coordenação dos fornecedores e distribuidores engloba a capacidade de informá-los sobre suas necessidades em termos de qualidade (atributos físicos do produto), quantidade e regularidade de fornecimento, tornando a coordenação da cadeia produtiva tão mais importante quanto mais a concorrência se faz com base em atributos de qualidade – diferenciação de produto.

Já Coutinho e Ferraz (1995, p. 19) vão mais além e afirmam que o desempenho competitivo de uma empresa, indústria ou nação é condicionado por um vasto conjunto de fatores, que podem ser subdivididos naqueles internos à empresa, nos de natureza estrutural (pertinentes aos setores e complexos industriais), e nos de natureza sistêmica.

Os fatores internos à empresa são aqueles que estão sob a sua esfera de decisão e através dos quais procura se distinguir de seus competidores. Já, os fatores estruturais são aqueles que, mesmo não sendo inteiramente controlados pela firma, estão parcialmente sob a sua área de influência e caracterizam o ambiente competitivo que ela enfrenta diretamente. E por fim, os fatores sistêmicos da competitividade são aqueles que constituem externalidades *stricto sensu* para

sua empresa produtiva. Também afetam as características do ambiente competitivo e podem ter importância nas vantagens competitivas que firmas de um país têm ou deixam de ter ante as suas rivais no mercado internacional (COUTINHO e FERRAZ, 1995, p. 19).

Assim, Coutinho e Ferraz (1995) dividem os fatores em:

- Fatores internos: capacitação tecnológica e produtiva; a qualidade e a produtividade dos recursos humanos; o conhecimento do mercado e a capacidade de se adequar às suas especificidades; a qualidade e a amplitude de serviços pós vendas; as relações privilegiadas com usuários e fornecedores.
- Fatores estruturais: características dos mercados consumidores; configuração da indústria em que a empresa atua; e concorrência no que tange às regras que definem condutas e estruturas empresariais.
- Fatores sistêmicos da competitividade: macroeconômicos (taxa de câmbio, oferta de crédito e taxas de juros); político-institucionais (política tributária e tarifária); regulatórios (política de proteção à propriedade industrial, de preservação ambiental, de defesa da concorrência e proteção ao consumidor); infra-estrutura (disponibilidade, qualidade e custo de energia, transportes, etc); sociais (qualificação da mão de obra, política de educação, etc); referentes à dimensão regional; e internacionais (tendências do comércio mundial, fluxos internacionais de capital, de investimento de risco e de tecnologia, políticas de comércio exterior, etc).

Nota-se que os autores tratam dos fatores da competitividade de forma bastante abrangente, o que se aproxima da visão apresentada por Muller (2006, p. 2) quando tratou da competitividade não somente preocupando-se com os aspectos técnicos e econômicos da competitividade, enfatizando suas manifestações mais imediatas e mensuráveis, como também incluindo reflexões acerca de aspectos sociopolíticos e culturais, indicando que o termo competitividade vai mais além do de concorrência.

Seguindo a visão macroeconômica, Horta (1983, p. 525) ressalta como fatores que afetam a competitividade das exportações de um país a taxa doméstica de inflação, a taxa de inflação no resto do mundo, as variações da produtividade e as mudanças na taxa de câmbio.

Outros autores acreditam que, quando se trata de fluxo comercial, a variável importante é a taxa de câmbio real efetiva<sup>13</sup> (DORNBUSCH e FISCHER<sup>14</sup> (1991), HALL e TAYLOR<sup>15</sup> (1989), LOPES e VASCONCELLOS<sup>16</sup> (1998), *apud* COELHO, 2004 p. 66). Para Blanchard (2007, p. 355), quando estamos interessados na escolha entre bens domésticos e bens estrangeiros, o uso da taxa nominal de câmbio<sup>17</sup> nos fornece apenas uma parte das informações de que precisamos, sendo necessária a obtenção das taxas reais de câmbio.

Corroborando com a visão macro, existem outras correntes que destacam a importância de políticas macroeconômicas como determinantes da competitividade de uma nação. Segundo Fialho (2006, p. 26), as políticas macroeconômicas contribuiriam para a conquista de vantagens e aumento de eficiência criada inicialmente em um nível microeconômico. Segundo a autora, sob essa ótica, as decisões de política econômica, como taxa de câmbio, os subsídios e os incentivos à exportação e a política salarial são os parâmetros relevantes. Esse enfoque enfatiza, portanto, a desvalorização cambial como elemento fundamental do ganho de competitividade.

Por sua vez, conforme Fajnzylber<sup>18</sup> (1988, p. 13, *apud* ALMEIDA, 2010, p.6) a competitividade pode ser distinguida em espúria e autêntica.

Dentre os fatores que caracterizam a competitividade espúria destacam-se baixos salários, ao lado de manipulação na taxa de câmbio, subsídios às exportações e altas taxas de rentabilidade no mercado interno, que podem propiciar melhoria no desempenho externo, mas de efeitos apenas no curto prazo e ameaçando a coesão social no interior dos países. Já a competitividade autêntica exige aumento de produtividade, o que só é obtido através da incorporação de progresso técnico (FAJNZYLBER, 1988 *apud* HAGUENAUER, 1989 p. 8).

---

<sup>13</sup> Taxa dos bens domésticos em termos de bens estrangeiros.

<sup>14</sup> DORNBUSCH, R. e FISCHER, S. **Macroeconomia**. Makron Books, 1991.

<sup>15</sup> HALL, R.E. e TAYLOR, J.B. **Macroeconomia: teoria, Desempenho e Política**. Editora Campus, 1989.

<sup>16</sup> LOPES, M.L. e VASCONCELLOS, M.A.S. **Manual de Macroeconomia**. Editora Atlas, 1998.

<sup>17</sup> Preço da moeda nacional em termos de moeda estrangeira.

<sup>18</sup> FAJNZYLBER, F. Competitividade Internacional: evolución y lecciones. Revista de la CEPAL, n. 36, Santiago, 1988.

No entanto, a separação entre competitividade legítima (ou autêntica) e espúria não é, portanto, simples. Obviamente os países desenvolvidos não aceitarão como legítima competitividade de protecionismo levado adiante com base em subsídios, que valeria mesmo para seus mercados internos. Condenam igualmente a competitividade no mercado interno, criada com base em medidas protecionistas. É a tese do protecionismo como “*second best*” relativamente ao ataque direto ao “custo País” ou, em nosso caso, “custo Brasil” (MAGALHÃES 2003, p. 3).

O custo Brasil, que é usado para descrever o conjunto das dificuldades estruturais, burocráticas e econômicas que encarecem o investimento no Brasil, também é apontado como um conjunto de fatores que comprometem a competitividade e a eficiência da indústria nacional. Castor (1999, p. 1) cita como habituais responsáveis pelo custo Brasil: déficit público, elevados custos de transporte e de portos, juros exorbitantes, carga tributária elevada e custos trabalhistas e previdenciários.

### 2.3.3 Medidas de Competitividade

Conforme salienta Horta (1983, p. 525), a escolha da medida de competitividade mais adequada vai depender, basicamente, da natureza dos mercados dos produtos exportados pelo país e da participação do país estudado no comércio internacional.

Para Haguenuer (1989, p. 1), a competitividade pode ser entendida e mensurada segundo dois conceitos: conceito desempenho e conceito eficiência.

- Conceito desempenho: avalia a competitividade através de seus efeitos sobre o comércio externo. Sendo competitivas as indústrias ampliam sua participação na oferta internacional de determinados produtos e trata-se de um conceito *ex-post*;
- Conceito eficiência: trata-se da competitividade como uma característica estrutural, conceituando-a como a capacidade de um país produzir determinados bens igualando ou superando os níveis de eficiência observáveis em outras economias. Assim, o crescimento das exportações seria uma provável consequência da competitividade, não sua expressão.

O conceito desempenho é um conceito mais amplo de competitividade, abrangendo não só as condições de produção como todos os fatores que inibem ou ampliam as exportações de produtos e/ou países específicos, como as políticas cambial e comercial, a eficiência dos canais de comercialização e dos sistemas de financiamento, acordos internacionais (entre países ou empresas), estratégias de firmas transnacionais, etc. (HAGUENAUER, 1989 p. 1).

A principal vantagem deste conceito reside na facilidade de construção de indicadores, como, por exemplo, a participação do país no comércio internacional e o saldo de sua balança comercial (PINHEIRO; HORTA, 1992 p. 441).

Por outro lado, entre as críticas sobre o conceito de desempenho destaca-se que o conceito possui uma definição incompleta, pois uma empresa pode ser extremamente competitiva, sem necessariamente precisar submeter seus produtos à competitividade internacional, atendendo principalmente sua demanda doméstica (DLUHOSCH *et al.*<sup>19</sup>, 1996, p. 77 *apud* ALMEIDA, 2010, p. 6).

Por sua vez, a principal crítica ao conceito de desempenho se deve à sua sustentabilidade em longo prazo, pois segundo Fajnzylber (1988, p. 13, *apud* ALMEIDA, 2010, p.6) o conceito desempenho agrega fatores espúrios.

Um indicador de desempenho comumente utilizado é o *Constant Market Share* (COELHO, 2004; FIALHO, 2006; ALMEIDA, 2010), no qual se designa que um aumento de participação de uma nação no comércio internacional é reflexo da competitividade da mesma.

#### 2.3.4 *Constant Market Share* - CMS

Em estudos com objetivo de analisar crescimento e desempenho de exportações é bastante comum o uso do modelo de comércio internacional – *Constant Market Share*, e conforme comenta Almeida (2010, p. 39), como o próprio nome já diz, parte do princípio de um percentual de mercado constante e com o

---

<sup>19</sup> DLUHOSCH, B. FREYTAG, A. KRUGER, M. **International competitiveness and the balance of payments: do current account deficits and surpluses matter?** UK: Edward Elgar Publishing Limited, 1996. 235 p.

passar do tempo o país tenderia a possuir o mesmo percentual de mercado que teria no início da análise se mantivesse sua participação no comércio mundial constante.

O modelo, inicialmente desenvolvido por Tyszynski (1951)<sup>20</sup> e amplamente difundido por Richardson (1971)<sup>21</sup>, é utilizado para analisar os fatores que exercem influência nas exportações de uma nação em um horizonte temporal. Azam e Azam<sup>22</sup> (1994, citado por Noce, 2005), observaram ao utilizar a metodologia de análise *constant market share* que as fontes de variação do resultado das exportações variam de ano a ano.

De acordo com Horta (1983), o CMS, ainda que apresente alguns problemas de natureza metodológica e de interpretação, permite decompor a taxa de crescimento em quatro componentes e avaliar a contribuição de cada um desses fatores para explicar o crescimento das exportações no período considerado:

- a) Efeito crescimento do comércio mundial: aumento observado se as exportações do país em foco tiverem crescido à mesma taxa de crescimento do comércio mundial, indicando que o crescimento das exportações foi devido ao crescimento mundial das exportações.
- b) Efeito destino das exportações: representa os ganhos (ou perdas), em termos da taxa de crescimento, devido ao fato de o país exportar para mercados que cresceram a taxas superiores (ou inferiores) à média observada para todos os países.
- c) Efeito composição da pauta: permite identificar os ganhos (ou perdas), em termos da taxa de crescimento, devidos à concentração de pauta em produtos que apresentaram taxas de crescimento mais elevadas (ou menores) que a média de todos os produtos.
- d) Efeito competitividade: é determinado de forma residual, reflete a diferença entre o crescimento efetivo das exportações e o crescimento que teria ocorrido nas exportações do país se as participações dos mercados compradores fossem mantidas. É o crescimento não explicado pelo crescimento do comércio mundial,

---

<sup>20</sup> TYSZYNSKI, H. World trade in manufactured commodities, 1899 a 1950. **The Manchester School**, n.19, p. 272-304, 1951.

<sup>21</sup> RICHARDSON, J.D. Constant-Market-Share analysis of export growth. **Journal of International Economics**.

<sup>22</sup> AZAM, G.; AZAM, F. Sources of change in U.S. manufactured exports during the eighties. **Journal of Economics and Finance**, v. 18, n. 1, p. 31-42, 1994.

nem por questões relativas aos mercados-alvos e tampouco pela composição da pauta. Resulta de vários fatores, seja em termos de preços e/ou custos, seja em virtude de melhorias na qualidade dos produtos e/ou nas condições de financiamento.

Com relação às exportações brasileiras, Horta (1983, p.519) buscou explicar as fontes de crescimento das exportações na década de 70. Utilizando o modelo CMS, a autora decompôs a taxa de crescimento das exportações no período de 1971/78 e salientou que, 71,4% da taxa de crescimento podem ser explicados pelo efeito crescimento do comércio mundial, 39,1% é a contribuição do efeito competitividade e por fim com efeitos negativos ao crescimento aparecem o efeito pauta e efeito destino das exportações, com -9,0% e -1,5%, respectivamente.

Com relação à aplicação do modelo CMS para o estudo do desempenho de exportações de produtos de base florestal podem ser citados: COELHO (2004), NOCE *et al.* (2003), NOCE (2005), VALVERDE *et al.* (2006), CARVALHO *et al.* (2010) e ALMEIDA (2010).

Noce *et al.* (2003, p. 698), ao analisarem o desempenho do Brasil nas exportações de madeira serrada frente aos seus principais competidores no período de 1997 e 1999, indicaram que o crescimento observado nas exportações brasileiras deste produto foi devido ao efeito destino das exportações e efeito competitividade, sugerindo que o Brasil direcionou a maior parte de suas exportações para mercados aquecidos e através do efeito competitividade possibilitou ao País aumentar sua participação nas exportações.

Analisando a competitividade da indústria brasileira de painéis de madeira no mercado internacional, Noce (2005, p. 58), evidencia que o Brasil mostrou-se competitivo no período de 1998-2000, no mercado internacional de compensado e no período seguinte, 2000-2002, foi competitivo no mercado de chapa de fibra.

O desempenho das exportações brasileiras de celulose, no período de 1993 a 2002, também foi objetivo de estudo. No estudo, Valverde *et al.* (2006, p. 1017), apontam que o crescimento das exportações de celulose do Brasil e de seus principais concorrentes no mercado internacional foi explicado, principalmente, pelo crescimento do comércio mundial, e o Brasil foi o país que apresentou o maior efeito competitividade entre seus concorrentes.

Já, com o objetivo de confrontar o desempenho das exportações brasileiras de papel frente aos seus principais concorrentes no mercado internacional, Carvalho

*et al.* (2010, p.263) também utilizaram o modelo CMS. Segundo os autores no período de 1997 a 2006, o Brasil foi o país que mais apresentou crescimento das exportações de papel no período analisado. Com relação à competitividade, nosso país se mostrou competitivo, ficando atrás apenas da Itália e Canadá.

Outro estudo recente de comparação de competitividade do Brasil foi desenvolvido por Almeida (2010, p. 74). No referido estudo, o autor buscou comparar a competitividade, no período de 2006 a 2008, das exportações brasileiras de madeira serrada com as exportações canadenses do mesmo produto. Também utilizando o CMS, Almeida encontrou uma contribuição positiva do efeito competitividade para as exportações brasileiras, e negativa para as exportações canadenses. No período analisado, tanto o Brasil quanto o Canadá apresentaram redução das exportações, -16% e -25%, respectivamente.

E, finalmente, pode-se citar Coelho (2004, p. 63) com um estudo das exportações brasileiras de móveis. Utilizando o CMS, a autora decompôs os feitos de crescimento para as exportações de móveis e aponta que no período de 1990 a 2000 o Brasil teve crescimento nas exportações e este foi altamente relacionado ao efeito competitividade (90%). O efeito crescimento do comércio mundial de móveis contribui em 8% do crescimento e o efeito destino em 2%.

### 3 MATERIAL E MÉTODOS

#### 3.1 MATERIAL

Inicialmente, faz-se importante esclarecer o que foi considerado o termo “mobiliário e móveis”, duas formas de referências bastante comuns em trabalhos relacionados ao setor moveleiro.

Assim, tem-se que mobiliário é o conjunto de móveis, objetos e equipamentos que suportam o corpo humano (como assentos e camas) e servem para estocar objetos ou como apoio para objetos em superfícies horizontais. Tais produtos tem o intento de fornecer a seus usuários utilidades específicas que lhes facilitam as atividades cotidianas como comer, dormir, descansar, ler, entre outras. Também pode ter uma função simbólica ou religiosa.

Desta maneira, no presente trabalho considera-se o produto “móveis” como sendo itens do conjunto que compõe o mobiliário.

Os produtos desse estudo foram o agregado de móveis de madeira (excluindo vime, junco, ratã e bambu), compondo móveis para escritório, cozinha e dormitório além de outros tipos de móveis de madeira.

Cabe aqui, ressaltar uma definição das características dos componentes do agregado de móveis de madeira, assim, de acordo com SEBRAE (2008), as principais características dos móveis de madeira são:

- **Móveis de Madeira para uso em Escritório:** Têm processo de produção mais complexo, pois envolvem a marcenaria, metalurgia, tapeçaria e o estudo de ergonomia; incluem mesas, armários, cadeiras, escrivaninhas, etc.
- **Móveis de Madeira para uso em Cozinha:** classificam-se como móveis para cozinha, unidades embutidas e moduladas. Sendo que os móveis modulados para cozinha são uma tentativa de flexibilização e personalização dos projetos de mobília. Além de unidades não embutidas, como bares, cadeiras, mesas e bancos, e outros.
- **Móveis de Madeira para uso em Dormitório:** incluem camas, roupeiros, criados mudos, cômodas, entre outros.

- **Outros Móveis de Madeira:** todos os outros que não estão acima, tais como salas de jantar, salas de estar e móveis para aparelhos eletrônicos.

### 3.2 DADOS SECUNDÁRIOS

Os dados utilizados nesse estudo foram séries temporais anuais do período de 1991 a 2010. A escolha do período de análise foi pautada na intenção de avaliar os efeitos das grandes mudanças ocorridas na década de 90 (abertura comercial, Plano Real, reestruturação das indústrias, e mudança de regime cambial) e suas influências na década seguinte.

Para a codificação do produto exportado, utilizou-se o método internacional de classificação de mercadorias, a Nomenclatura Comum do MERCOSUL<sup>23</sup>.

Os dados sobre as exportações mundiais foram coletados no UNcomtrade e de exportação do Brasil no sistema de recuperação eletrônico *AliceWeb* do MDIC – Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior.

Um resumo dos materiais utilizados na pesquisa pode ser observado no QUADRO 2.

---

<sup>23</sup> A NCM tem por base o Sistema Harmonizado. O Sistema Harmonizado de Designação e de Codificação de Mercadorias, ou simplesmente Sistema Harmonizado (SH), é um método internacional de classificação de mercadorias, baseado em uma estrutura de códigos e respectivas descrições. Para os produtos em estudo utilizaram-se os seguintes códigos: 940330 (móveis de madeira para escritório), 940340 (móveis de madeira para cozinha), 940350 (móveis de madeira para dormitório) e 940360 (outros móveis de madeira). Fonte: MDIC, 2011.

MATERIAL	MÉTODO	OBJETIVO
Série histórica de <i>quantum</i> , preço e valor de exportação de móveis de madeira	Estatística descritiva	Caracterização das exportações de móveis
	Taxa de crescimento com base em regressão linear simples	Calcular as taxas de crescimento das exportações brasileiras de móveis
Série histórica de preço de exportação	Teste de médias	Analisar se existe diferença estatística entre os preços de exportação dos móveis brasileiros
Valor e <i>quantum</i> das exportações anuais dos quatro e oito maiores importadores dos móveis brasileiros	Razões de concentração	Conhecer a estrutura do mercado exportador
Série histórica das exportações mundiais e do Brasil para os principais mercados compradores de móveis de madeira	<i>Constant Market Share</i>	Identificar os efeitos que influenciaram o crescimento das exportações

QUADRO 2 - RESUMO DOS MATERIAIS UTILIZADOS NA PESQUISA  
 FONTE: A Autora (2011)

As séries temporais correspondem às seguintes variáveis:

**Valor real das exportações brasileiras de móveis de madeira:** medido pelo preço *Free on Board* - FOB das exportações brasileiras x *quantum* exportado, em US\$. (*AliceWeb*). Sendo:

$$VEMM_i = \sum_{n=1}^4 VEMC_i \quad (1)$$

Onde:

VEMM = Valor real das exportações de móveis de madeira no ano *i*, sendo que *i* varia de 1991 a 2010;

*VEMC* = Valor real das exportações de móveis de madeira por categoria;

1 = móveis de madeira para uso em escritório;

2 = móveis de madeira para uso em cozinha;

3 = móveis de madeira para uso em dormitórios;

4 = outros móveis de madeira.

**Valor real das importações totais de móveis de madeira dos principais mercados para o Brasil:** medido pelo preço FOB das importações de cada país, em US\$, (UNCOMTRADE).

**Peso de móveis de madeira exportados pelo Brasil:** medido pelo *quantum* exportado em quilograma – kg, (ALICEWEB).

**Preço real das exportações brasileiras de móveis de madeira:** medido pelo valor unitário das exportações brasileiras de móveis de madeira e calculado pelo quociente entre o valor e *quantum* exportados (US\$/kg). Sendo:

$$P = \frac{VE}{QE} \quad (2)$$

Em que:

$P$  = preço real unitário (US\$/t);

$VE$  = valor real total exportado (US\$);

$QE$  = *quantum* total exportado (t).

Os valores monetários foram deflacionados para o ano de 2010 e por estarem expressos em dólares, foi necessário o uso do deflator *Consumer Price Index* – CPI, índice de preços para o consumidor americano. Para o deflacionamento utilizou-se a seguinte fórmula:

$$V_{r_{tb}} = \frac{V_{c_t} * I_{eb}}{I_{et}} \quad (3)$$

Onde:

$V_{r_{tb}}$  = valor real do preço do tempo  $t$  deflacionado para o tempo base  $b$  escolhido;

$V_{c_t}$  = valor nominal no tempo  $t$ ;

$I_{eb}$  = valor do índice escolhido (neste caso CPI) no tempo base  $b$  escolhido;

$I_{et}$  = valor do índice escolhido (neste caso CPI) no tempo  $t$ .

**Taxa de câmbio:** real (R\$) / dólar americano (US\$).

A série sobre a taxa de câmbio foi coletada no banco de dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA.

### 3.3 MÉTODOS

#### 3.3.1 Caracterização das exportações do setor moveleiro

##### 3.3.1.1 As exportações brasileiras de móveis - segundo a pauta do setor

O levantamento sobre a pauta das exportações do setor moveleiro apoiou no entendimento das dimensões do mercado, assim como no posicionamento da relevância dos móveis feitos de madeira com relação aos móveis feitos com outros materiais.

No levantamento da pauta das exportações de móveis do Brasil, obteve-se como componente da pauta seis subcapítulos. No entanto, avaliaram-se somente três deles como sendo de produtos da indústria de base florestal e destes procedeu-se a análise dos produtos que os compõem. Sendo que para os demais subcapítulos, que não eram de interesse da pesquisa, não se realizou análise.

Para o entendimento das diferenças entre os tipos de móveis exportados, procedeu-se à análise das quantidades, preço real médio e valor real das exportações separando-se em móveis fabricados com madeira e móveis feitos de outros materiais.

Para a análise dos preços médios reais, considerou-se, conforme Franzoni (2005, p. 47), que quando se analisa preços médios de exportação é necessário levar em conta que estes desconsideram aspectos como o segmento do mercado a que os produtos se destinam, por exemplo, bem como outras características dos produtos e dos mercados e serviços envolvidos nos inúmeros processos de negociação que compõem a pauta de exportação de um determinado país.

Além disso, de acordo com procedimentos indicados por Bussab e Morettin (2006, p. 36) efetuou-se a média aritmética ponderada para o preço médio de exportação, pois a média aritmética simples pode conduzir a erros de interpretação por ser influenciada pelos valores extremos. Neste caso, como as observações tiveram pesos diferentes (produto do *quantum* e preço), e estes pesos terão influência sobre a média. O mesmo procedimento foi utilizado quando se analisou a evolução do preço médio de exportação.

$$M_p = \frac{\sum (X_i \times P_i)}{\sum P_i} \quad (4)$$

Onde:

$M_p$  = Média Ponderada;

$\sum (X_i \times P_i)$  = soma dos produtos de cada preço unitário de exportação pelo seu respectivo *quantum* e;

$\sum P_i$  = soma do *quantum* total.

Assim, mesmo que de forma mais macro, os dados, possíveis de serem obtidos, com relação ao preço real médio praticado no mercado internacional nos oferecem informações importantes, possibilitando ressaltar, por exemplo, as diferenças de preço de exportação entre os móveis fabricados utilizando madeira e móveis com outras matérias-primas.

### 3.3.1.2 Principais destinos das exportações brasileiras de móveis de madeira

Quando se analisou os principais destinos das exportações de móveis de madeira, primeiramente foi feito o levantamento de quais países foram os dez principais mercados em valor de exportação (US\$) para os móveis de madeira do Brasil no ano de 2010. O mesmo foi realizado para a determinação dos dez mercados principais em *quantum* exportado.

Já com relação aos preços reais mais elevados, pagos pelos móveis de madeira do Brasil, a análise não foi realizada entre todos os países para os quais o Brasil exporta, mas sim entre os dez principais mercados em valor.

### 3.3.1.3 Evolução das exportações brasileiras de móveis de madeira no período de 1991 a 2010

A partir da informação obtida no item anterior efetuou-se a análise da evolução, no período de 1991 a 2010, dos cinco principais mercados para o produto em questão, além da evolução pelo uso e tipo de matéria-prima.

Utilizou-se da análise descritiva aplicada aos dados de exportação de móveis de madeira do Brasil, prezando assim pela sua simplicidade o que proporcionou um melhor conhecimento do mercado e sua dinâmica. Para analisar a participação relativa dos países utilizou-se:

$$P\% = \left( \frac{E_{Pi}}{E_T} \right) * 100 \quad (5)$$

Onde:

P% = participação relativa;

$E_{Pi}$  = Exportações de móveis de madeira do Brasil para o país  $i$ ;

$E_T$  = Exportações totais de móveis de madeira do Brasil.

Esta análise foi feita para *quantum*, preço real de exportação e valor real exportado.

### 3.3.1.4 Teste de médias

Aplicou-se o teste  $t$  para amostras independentes objetivando identificar se existe diferença estatística entre o preço de exportação entre as seguintes categorias:

- Pelo uso: escritório com residenciais (cozinha, dormitório e outros fins);
- Por matéria-prima: móveis de madeira e com outras matérias-primas;
- Por destino: entre os principais mercados de destinos das exportações de móveis de madeira.

Ou seja, as hipóteses são:

$H_0$ : as médias de preço são iguais

$H_1$ : as médias de preço não são iguais

As amostras utilizadas para verificar as hipóteses acima foram de dados quadrimestrais coletados nos meses de março, julho e novembro entre o período de 1991 e 2010. Conforme Pestana e Cageiro (2005, p. 227), devido à dimensão das amostras utilizadas em todas as análises serem superior a 30 casos, podem-se aplicar os testes  $t$  independente da presença de normalidade nos dados.

O teste  $t$  pode ter duas expressões diferentes conforme a possibilidade de assumir se as variâncias entre as amostras testadas são iguais. A verificação da igualdade das variâncias foi conforme o teste indicado por Levene (1960, p. 278 – 292); em caso de igualdade de variância, o teste  $t$  aplicado obedeceu a equação (5), para a situação contrária, considerou-se a equação (6) para o referido teste.

#### **Teste $t$ assumindo igualdade de variâncias**

$$t = \frac{\bar{X}_1 - \bar{X}_2}{S_{x_1x_2} \sqrt{\frac{1}{n_1} + \frac{1}{n_2}}} \quad (6)$$

$$S_{x_1x_2} = \sqrt{\frac{(n_1 - 1)S_{x_1}^2 + (n_2 - 1)S_{x_2}^2}{n_1 + n_2 - 2}}$$

#### **Teste $t$ rejeitando a igualdade de variâncias**

$$t = \frac{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}{S_{\bar{x}_1 - \bar{x}_2}} \quad (7)$$

$$S_{\bar{x}_1 - \bar{x}_2} = \sqrt{\frac{S_1^2}{n_1} + \frac{S_2^2}{n_2}}$$

Onde:

$\bar{x}_1$  e  $\bar{x}_2$  = Média das amostras 1 e 2;

S = Desvio padrão amostral;

$n_1$  e  $n_2$  = Tamanho das amostras 1 e 2.

O nível de significância admitido foi de 5%, considerando teste bicaudal em todas as análises.

### 3.3.1.5 Taxa de crescimento das exportações - com base em uma regressão linear simples

Uma taxa de crescimento representa o ritmo médio de crescimento ocorrido em um período considerado, permitindo verificar a tendência da série. No entanto, segundo De Souza *et al.* (2008, p. 8), as técnicas de obtenção de tais taxas podem não refletir a real magnitude, uma vez que os dados utilizados são referentes ao período inicial e final, deixando de lado os dados intermediários, os quais podem ser subestimados ou superestimados.

Desta forma, há a necessidade de uma técnica que pondere cada elemento da série temporal analisada. Para isso, de acordo com o procedimento adotado por Brasil (2002, p. 15), utilizou-se a análise de tendência linear.

A regressão linear simples consiste em um método estatístico de ajuste a um conjunto de dados composto por uma variável dependente e uma independente. Especificamente para a análise de tendência, o tempo é definido como regressor e o evento que se pretende analisar, como o regressando (FINAMORE; GOMES, 1999<sup>24</sup>, *apud* NOCCE *et al.*, 2008, p. 246).

A tendência linear de uma variável pode ser ajustada pelo Método dos Mínimos Quadrados Ordinários (MQO) em equações de modelo tipo *semilog* (GUJARATI, 2000, p.47).

Desta forma, conforme demonstra Brasil (2002, p. 16), os seguintes modelos foram utilizados:

$$\ln V_t = \beta_0 + \beta_1 T + u_t \quad (8)$$

$$\ln V'_t = \beta_0 + \beta_1 T + u_t \quad (9)$$

$$\ln PR_t = \beta_0 + \beta_1 T + u_t \quad (10)$$

Onde:

$V_t$  = valor exportado do produto no ano  $t$ ;

$V'_t$  = volume exportado do produto no ano  $t$ ;

$PR_t$  = preço FOB real do produto no ano  $t$ ;

$T$  = variável tendência, medida em ano  $e$ ;

<sup>24</sup> FINAMORE, E. B. M. C.; GOMES, A. P. Uma alternativa a análise de tendências em séries temporais. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 37, 1999, Foz do Iguaçu. Anais... Brasília: SOBER, 1999.

$u_t$  = termo de perturbação.

Ainda de acordo com Brasil (2002, p. 16), o coeficiente de inclinação angular  $\beta_1$  mede a variação relativa (instantânea) constante para uma dada variação absoluta do regressor  $T$ . Assim, seguindo Gujarati (2000, p.47), que afirma que para ser calculada a taxa de crescimento composta  $r$ , deve-se utilizar a fórmula que se segue:

$$r = [(\text{anti log } \beta_1 - 1)] * 100 \quad (11)$$

A taxa de crescimento das exportações expressa o crescimento da série em termos percentuais, por período de tempo analisado. Para este trabalho a análise foi dividida por períodos, como se segue: 1991 a 2000, 2001 a 2010 e outro período englobando toda a evolução estudada no trabalho, 1991 a 2010.

A divisão dos períodos foi feita no sentido de verificar, em separado, o crescimento ocorrido nas duas décadas, 1990 e 2000, e assim ressaltar o impacto dos fatos que afetaram diretamente as exportações nos anos 90 e suas consequências na década seguinte.

### 3.4 ESTRUTURA DO MERCADO BRASILEIRO DE MÓVEIS DE MADEIRA

#### 3.4.1 Razões de Concentração ( $CR_k$ )

Para o cálculo sobre razões de concentração utilizou-se a participação dos quatro e oito maiores mercados para as exportações brasileiras e utilizou-se uma medida parcial como medida de concentração. O tamanho de  $k$  é que define a medida calculada. Assim, se  $k = 4$  tem-se o  $CR_4$ , se  $k = 8$  chama-se de  $CR_8$ , e assim por diante. Desta forma, o  $CR_4$  é a participação relativa dos quatro maiores mercados no total das exportações do Brasil e  $CR_8$  representa a participação dos oito, ou seja, o tamanho de  $k$  é igual ao número dos maiores mercados que se deseja verificar a concentração.

A razão pela qual se utilizou os quatro e oito maiores mercados foi devido à disponibilidade de literatura comparativa para a classificação destes mercados, além

do fato de representarem uma grande parcela das exportações brasileiras de móveis de madeira.

Quando se estudou as razões de concentração, buscou-se adaptar os conceitos existentes, na sua maioria, para o estudo da concentração entre as indústrias e assim aplicá-los para analisar o grau de concentração das exportações, segundo o valor e *quantum* exportados, por país de destino das exportações brasileiras de móveis de madeira.

Adaptando os conceitos de Hoffmann (2006, p. 370), as razões de concentração dos  $k$  maiores mercados é, por definição, a proporção do valor total da exportação da indústria moveleira que corresponde aos  $k$  maiores mercados de destino. Assim, define-se como razão de concentração a seguinte equação:

$$CR_k (\%) = \sum_{i=1}^k Si \quad (12)$$

onde,  $Si$  é a parcela de mercado do  $i$ -ésimo país e  $i=(1,...,k,..n)$ . Admitindo que os mercados de destinos estejam ordenados de maneira que:

$$S_1 \geq S_2 \geq S_3 \geq \dots \geq S_n$$

Ou então pode ser definido como:

$$CR_k = \sum_{i=1}^k \beta_i \quad (13)$$

em que:

$$\beta_i = \sum_{i=1}^k \left( \frac{Qi}{\sum_{j=1}^M Q_j} \right) \quad (14)$$

onde,  $\beta_i$  é o *market share* do país  $i$ . Assim o índice pode ser expresso como:

$$CR_k = \sum_{i=1}^k \left( \frac{Qi}{\sum_{j=1}^M Q_j} \right) \quad (15)$$

Onde,  $Qi$  é a referência para o cálculo da participação do país  $i$  no mercado e  $Q_j$  é o total exportado de móveis de madeira pelo Brasil.

Para nível de comparação literária segundo a razão de concentração utilizada por Medeiros e Reis (1999)<sup>25</sup>, optou-se pela mensuração do CR<sub>4</sub> e CR<sub>8</sub>. No QUADRO 3 pode ser visto a definição de seis tipos de mercados.

NÍVEIS DE MERCADO	RAZÃO DE CONCENTRAÇÃO	
	CR <sub>4</sub>	CR <sub>8</sub>
<b>Altamente Concentrado</b>	$i > 75\%$	$i > 90\%$
<b>Alta Concentração</b>	$65\% < i < 75\%$	$85\% < i < 90\%$
<b>Concentração Moderada</b>	$50\% < i < 65\%$	$70\% < i < 85\%$
<b>Baixa Concentração</b>	$35\% < i < 50\%$	$45\% < i < 70\%$
<b>Ausência de Concentração</b>	$i < 35\%$	$i < 45\%$
<b>Claramente Atomístico</b>	$i = 2\%$	

QUADRO 3 - TIPOS DE MERCADOS SEGUNDO A RAZÃO DE CONCENTRAÇÃO (CR)  
 FONTE: MEDEIROS & REIS (1999).

Assim, de posse dos resultados revelados pelo CR<sub>4</sub> e CR<sub>8</sub>, efetuou-se a classificação dos níveis de concentração das exportações brasileiras de móveis de madeira para os seus quatro e oito maiores mercados de destino.

### 3.5 EVOLUÇÃO DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA

#### 3.5.1 *Constant Market Share*

A análise da competitividade foi feita utilizando o método do *Constant Market Share* – CMS. Para tanto, considerou-se competitividade como sendo o desempenho nas exportações, sendo competitivas as nações que ampliaram sua participação no comércio mundial, concepção já adotada por PINHEIRO e HORTA (1992, p. 441), COELHO (2004, p. 63), NOCCE (2005, p. 29), ALMEIDA (2010, p. 39), entre outros.

Para o cálculo do CMS, o período de análise escolhido foi somente os anos recentes compreendendo 1999 a 2009, quando se observou um significativo salto no

<sup>25</sup> MEDEIROS, N.H.; REIS, S.V. A concentração industrial na cadeia alimentar da soja. In: XXXVII CONGRESSO BRASILEIRO DA SOBER, 1999, Foz do Iguaçu. **Anais** ... Brasília: SOBER, 1997. P. 1-15

total das exportações, comparativamente aos anos anteriores. Não foi possível o cálculo para o ano de 2010 devido à ausência de dados completos do comércio mundial.

Para melhor entendimento da evolução dos efeitos obtidos pelo modelo CMS, optou-se calculá-los ano a ano, sendo considerado como “período” o desempenho do ano posterior contra o ano anterior, assim inicia-se com o ano 2000 sobre o desempenho do ano de 1999 e nesta sequência segue-se até o ano de 2009 sobre o desempenho de 2008.

Foram considerados os dez principais<sup>26</sup> importadores de móveis de madeira do Brasil em 2009, além de outro denominado “resto do mundo” englobando todos os demais países.

Para decompor a variação nas exportações brasileiras de móveis de madeira e avaliar a contribuição de cada um dos componentes para o aumento ou decréscimo das exportações foi utilizada a seguinte equação:

$$\sum (V'_{ij} - V_{ij}) = \underbrace{\sum rV_j}_{(a)} + \underbrace{\sum_i (r_i - r)V_j}_{(b)} + \underbrace{\sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i)V_j}_{(c)} + \underbrace{\sum (V'_j - V_j - r_j V_j)}_{(d)} \quad (16)$$

Onde:

a =  $\sum rV_j$  - crescimento do comércio mundial;

b =  $\sum_i (r_i - r)V_j$  - efeito composição da pauta;

c =  $\sum_i \sum_j (r_{ij} - r_i)V_j$  - efeito destino das exportações e;

d =  $\sum (V'_j - V_j - r_j V_j)$  - competitividade.

$V'_{ij}$  = valor monetário das exportações da mercadoria  $i$  (móveis de madeira) do país em foco (Brasil) para o mercado  $j$ , no período 2;

$V_{ij}$  = valor monetário das exportações da mercadoria  $i$  (móveis de madeira) do país em foco (Brasil) para o mercado  $j$ , no período 1;

$V'_{ij} - V_{ij}$  = crescimento efetivo do valor das exportações de móveis de madeira do país em foco (Brasil) para o mercado  $j$ ;

$r$  = percentagem de crescimento do valor das exportações mundiais de móveis de madeira, do período 1 para o período 2;

$r_{ij}$  = percentagem de crescimento do valor das exportações mundiais da mercadoria  $i$  para o país  $j$  do período 1 para o período 2.

Dessa forma, com base na equação 16, o crescimento das exportações brasileiras de móveis de madeira pode ser decomposto nos seguintes efeitos:

a) crescimento do comércio mundial;

<sup>26</sup> Os dez países selecionados foram: França, Reino Unido, Estados Unidos, Angola, Espanha, Alemanha, Argentina, Chile, Países Baixos e Uruguai.

- b) composição da pauta;
- c) destino das exportações e;
- d) competitividade.

Neste estudo não foi considerado o efeito pauta, pois as análises consideram somente um produto, móveis de madeira. Assim o modelo ficou como segue:

$$\sum V'_j - V_j = \sum rV_j + \sum i \sum j (r_{ij} - r_i)V_j + \sum (V'_j - V_j - r_j V_j) \quad (17)$$

De acordo com Gonçalves (1987, p. 417), os efeitos crescimento do comércio mundial e composição da pauta refletiriam a influência de fatores externos, enquanto que os efeitos destinos das exportações e competitividade refletiriam a influência de fatores internos. Contrariando o exposto por Gonçalves, Noce *et al.* (2003, p. 697), afirmaram que o efeito destino das exportações é exógeno, pois representa o aquecimento dos mercados-alvo.

O efeito crescimento do comércio mundial, que representa o crescimento porcentual que seria observado caso as exportações do país crescessem proporcionalmente ao comércio mundial, será positivo quando o país em questão crescer à taxa igual ou superior ao crescimento do comércio mundial e, negativo se crescer a taxas menores.

Já, o efeito destino, que se refere ao aquecimento dos mercados-alvo, será positivo se as exportações estiverem concentradas em mercados que experimentaram maior dinamismo no período analisado e, negativo se as exportações se concentraram em regiões com crescimentos menores que a média (FIALHO, 2006, p. 49).

Leamer e Stern (1976<sup>27</sup>, citados por FIALHO, 2006, p. 46), afirmam que a diferença entre o estimado crescimento das exportações, calculado a partir da participação constante, e o seu crescimento efetivo é associada a uma mudança nos preços relativos. Tal diferença é identificada como “efeito competitividade”. Assim, quando uma região deixa de manter sua parcela no mercado mundial, o termo competitividade é negativo e indica preços aumentando para a região em questão, em proporção maior que os preços de seus competidores. Esse efeito residual está

---

<sup>27</sup> LEARMER, E.E.; STERN, R.M. **Quantitative international economics**. Chicago, Illinois: Aldine Publishing Company. 1976.

relacionado com mudanças nos preços relativos, ou seja, os importadores tendem a substituir o consumo dos bens cujos preços se elevaram pelo consumo daqueles com preços menores, em termos relativos.

## 4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 4.1 A INDÚSTRIA DE MÓVEIS DO BRASIL

O setor moveleiro representou, em 2010, 1,4% da produção e 3,6% do emprego na indústria brasileira. Com relação ao número de empresas e total de empregados do setor moveleiro, a MOVERGS – Associação das Indústrias de móveis do Estado do Rio Grande do Sul (2011, p. 4), afirma que em 2010 o Brasil tinha 15.250 indústrias com 276 mil trabalhadores que produziram 423 milhões de peças no ano.

Do universo de indústrias, 97,5% são de micro e pequeno porte (até 99 pessoas ocupadas), 2,3% de médio porte (de 100 a 499 pessoas ocupadas) e 0,2% de grande porte (mais de 500 pessoas ocupadas), sendo responsáveis por 61,9%, 28,9% e 9,2%, respectivamente, dos trabalhadores empregados na atividade, o que demonstra a importância das Micro, Pequenas e Médias (MPMs) empresas para a estrutura da atividade, pois juntas, detêm quase a totalidade de estabelecimentos (99,8%) e grande porção (90,8%) na quantidade de trabalhadores empregados na atividade (DECOMTEC/FIESP, 2009 p. 7).

O faturamento das indústrias de móveis foi de R\$ 31,46 bilhões em 2010, apresentando crescimento de 16,7% em relação a 2009, quando apresentou faturamento de R\$ 26,2 bilhões (MOVERGS, 2011, p. 9). O crescimento foi atribuído, principalmente, à redução do IPI (Imposto sobre Produtos Industrializados). O crescimento da renda das classes C e D e o poder do setor da construção civil também colaboraram para este faturamento (ABIMÓVEL, 2011, *apud*, KOPYCKI, 2011, p. 63).

Já, nas exportações totais do Brasil, a indústria moveleira representou 0,44% do valor e 0,06% do *quantum* total exportado no ano de 2010 (SECEX, 2011). A maior representatividade no valor de exportação, diante da menor representatividade no *quantum*, mostra que a indústria moveleira consegue agregar valor aos seus produtos exportados.

E no comércio mundial de móveis que totalizou, em 2010, US\$ 161,5 bilhões, a indústria moveleira do Brasil participou com 0,6% desse valor (UNCOMTRADE, 2011 e SECEX, 2011).

Nas duas últimas décadas, o comércio de móveis do Brasil teve significativa ampliação, sendo que as exportações aumentaram, entre os anos de 1991 e 2010, em 848,2% e as importações cresceram 8.840,7%, sendo possível observar mudança de tendência nas exportações a partir do ano de 2004 (FIGURA 1).

Assim, é possível observar dois momentos distintos para as exportações brasileiras de móveis, sendo o primeiro com forte crescimento até 2004 e o segundo que apresentou queda a partir deste ano. No período de crescimento, o Brasil ampliou suas exportações de móveis em 1.568,4% e após 2004 a queda foi de 76%.

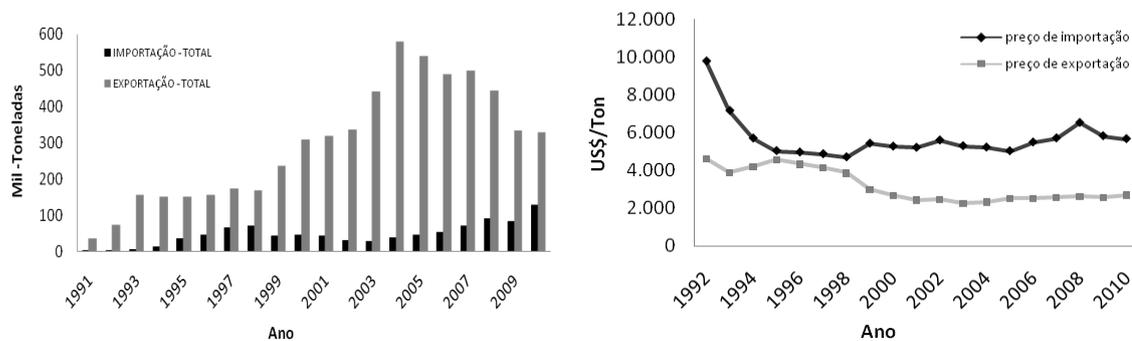


FIGURA 1 - EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE MÓVEIS EM GERAL – EM MIL TONELADAS E PREÇO EM US\$/T (1991 A 2010)

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Por sua vez, as importações aumentaram mais intensamente até o ano de 1998, sendo 4.763,7% maiores que em 1991. O que se verifica em 1998 é uma mudança na tendência que era de crescimento e passou a ser de queda até o ano de 2003. No entanto, observa-se alto crescimento nos últimos anos e em 2010, as importações de móveis de madeira já foram 377,3% maiores do que o observado em 2003, ou seja, nos últimos setes anos as importações de móveis mais que triplicaram seu volume.

O grande crescimento observado nas exportações, principalmente, nos primeiros anos da década de dois mil, está ligado às mudanças realizadas durante os anos de 90, período em que a indústria de móveis passou por grandes transformações, devido à abertura comercial e o Plano Real, sendo que neste período houve investimentos significativos destinados à modernização tecnológica e reestruturação das empresas (MARION FILHO e SONAGLIO, 2010, p. 103).

Corroborando, Reis (2004<sup>28</sup>, *apud* SERPE *et al.*, 2010, p. 3) ressalta a importância da tecnologia para a alavancagem do progresso como sendo um item básico para o crescimento e consolidação de qualquer organização.

Além disso, vale ressaltar que as exportações também são uma função de variáveis macroeconômicas e que para o resultado observado no período de análise, deve-se considerar como uma soma aos fatores internos da indústria moveleira do Brasil, a evolução favorável destas variáveis. Neste sentido, Marçal e Holland (2010, p. 3) afirmam que:

as exportações são uma função, entre outras, de duas importantes variáveis, a saber: o crescimento da renda mundial, e mudanças na taxa real de câmbio. Dada a renda mundial, é esperado que desvalorizações reais na taxa de câmbio estimulem as exportações de um dado país. Isso, contudo, não necessariamente é automático; pode ter algum efeito defasado, dada a rigidez contratual, a elasticidade-preço de oferta de bens exportáveis, entre outros fatores. Pode até ser que, no curto prazo, desvalorizações cambiais reduzam a receita total com as exportações, se o *quantum* exportado se mantiver constante. Assim, uma pesquisa empírica sobre a relação entre a taxa de câmbio real e as exportações deve considerar efeitos sobre o *quantum* exportado, muito mais do que efeitos sobre o valor exportado.

Como pode ser observado na Figura 2, ainda que com efeito defasado, os períodos de desvalorização da taxa de câmbio coincidem com os períodos em que se observou crescimento das quantidades exportadas e tendência contrária é observada quando a moeda nacional esteve mais valorizada, ou seja, neste caso houve redução das exportações, porém, as importações aumentaram.

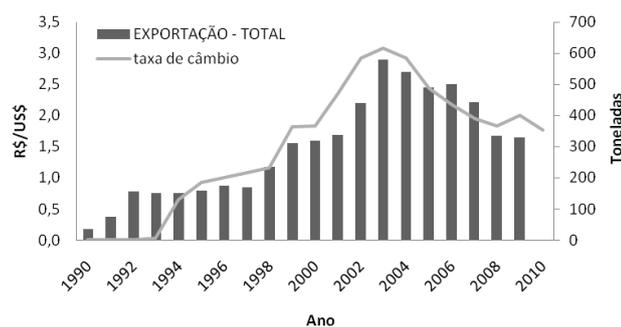


FIGURA 2 - EVOLUÇÃO DA TAXA NOMINAL DE CÂMBIO EM R\$/US\$, 1991 - 2010  
 FONTE: IPEADATA (2012)

Por sua vez, quando se analisa os preços de exportação e importação de móveis indicados na FIGURA 1, tem-se que os preços de importação são mais elevados, sendo que a diferença entre eles é de 80,5%, ou seja, em média, a

<sup>28</sup> REIS, Dácio R. **Gestão da Inovação Tecnológica**. Barueri, SP: Manole, 2004.

tonelada importada teve o preço de US\$ 5.714 e o preço da tonelada exportada foi de US\$ 3.167. Contudo, no início do período analisado é possível observar diferenças ainda maiores entre os preços de importação e exportação de móveis.

Entre os anos de 1995 e 1998 observa-se que os preços de exportação e importação, praticamente, se igualaram, porém, a partir daí os dois seguem em tendências opostas, sendo queda e posterior estabilização no preço de exportação e aumento no preço da tonelada importada de móveis, e por consequência, um aumento mais que proporcional é observado no valor de importação (FIGURA 3).

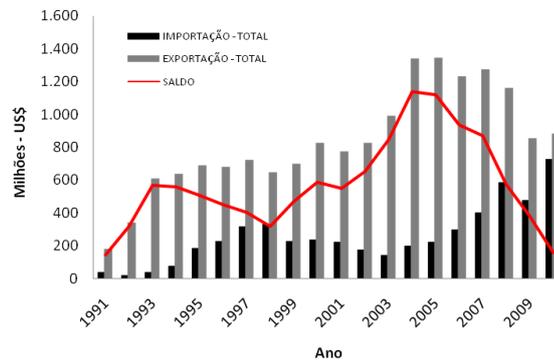


FIGURA 3 - EVOLUÇÃO DO VALOR DE EXPORTAÇÃO E IMPORTAÇÃO DE MÓVEIS EM MILHÕES DE US\$ (1991 A 2010)

FONTES: SECEX (2011)

No entanto, embora o preço de importação seja superior, a diferença de volume exportado proporciona maior ganho no valor total de exportação (FIGURA 3).

Com relação ao saldo comercial, observam-se três variações, a saber: inicialmente uma leve queda decorrente do aumento das importações na década de 90, seguido de forte crescimento na primeira metade dos anos dois mil devido à grande expansão das exportações e um terceiro momento, onde o saldo comercial ficou reduzido, tanto pelo aumento nas importações, quanto pela redução da quantidade exportada.

Entre outros, pode-se inferir que o cenário observado para a balança comercial foi consequência, novamente, das variações cambiais durante o período analisado, pois, conforme afirmam Medeiros e Franchini (2008, p.13), “a taxa de câmbio apreciada tem várias consequências para a economia do país, principalmente em relação à balança comercial, pois ela estimula as importações e desestimula as exportações”. Situação inversa é observada diante de uma situação onde a taxa de câmbio está depreciada, sendo que ocorre um aumento nas exportações e as importações tendem a se reduzirem.

A consequência deste tipo de interação é de redução do saldo da balança comercial em períodos de valorização da moeda nacional e aumento do saldo comercial quando ocorre uma desvalorização na taxa de câmbio.

#### 4.2 A PAUTA DE EXPORTAÇÃO DA INDÚSTRIA DE MÓVEIS DO BRASIL - 2010

A composição da pauta de exportação do setor moveleiro brasileiro é bastante diversificada (TABELA 2).

TABELA 2 - COMPOSIÇÃO DA PAUTA DE EXPORTAÇÃO DO SETOR MOVELEIRO DO BRASIL NO ANO DE 2010

DESCRIÇÃO DO PRODUTO	QUANTUM %	VALOR %	PREÇO UNITÁRIO (US\$/T)
(9401) - Assentos, mesmo os transformáveis em camas			
Assentos ejetáveis, para veículos aéreos	-	-	-
Outros assentos para veículos aéreos, exceto ejetáveis	0,001	0,09	166.851,2
Assentos para veículos automóveis	1,00	2,99	7.193,4
Assentos giratórios, de altura ajustável, de madeira	0,001	0,01	17.255,9
Assentos giratórios, de alt. Ajustável, de outras matérias	0,06	0,25	9.371,7
Assentos transformáveis em camas, de madeira	1,17	0,78	1.612,6
Assentos transformáveis em camas, de outras matérias	0,003	0,01	8.085,4
Assentos de cana, vime, bambu/matérias semelhantes	-	-	-
Assentos de bambu ou ratã/matérias semelhantes	0,001	0,01	25.639,2
Outros assentos de ratã, bambu/matérias semelhantes	0,01	0,04	19.506,7
Assentos estofados, com armação de madeira	0,95	2,66	6.776,1
Outros assentos com armação de madeira	0,39	0,93	5.763,4
<b>PARTICIPAÇÃO NO TOTAL</b>	<b>3,6</b>	<b>7,8</b>	
<b>PREÇO MÉDIO</b>			<b>5.230,3</b>
(9402) - Mobiliário para medicina, cirurgia, odontologia ou veterinária; cadeiras para salões de cabeleireiro e cadeiras semelhantes			
Cadeiras de dentista e cabeleireiros; e cadeiras semelhantes, e partes	0,37	2,35	15.278,4
Mesas para operação cirúrgica	0,01	0,20	42.467,3
Camas dotadas de mecanismos de uso clínicos	0,02	0,16	18.944,4
Outros mobiliários para medicina, cirurgia, odontologia ou veterinária	0,05	0,37	19.829,6
<b>PARTICIPAÇÃO NO TOTAL</b>	<b>0,45</b>	<b>3,1</b>	
<b>PREÇO MÉDIO</b>			<b>16.604,1</b>
(9403) - Outros móveis e suas partes			
Móveis de metal para escritório	0,03	0,09	8.577,2
Outros móveis de metal	2,13	3,13	3.535,4
Móveis de madeira para escritório	2,21	2,14	2.333,4
Móveis de madeira para cozinha	7,78	6,33	1.961,6
Móveis de madeira para dormitórios	46,4	35,2	1.826,3
Outros móveis de madeira	31,2	28,7	2.219,6
Móveis de plásticos	0,32	0,71	5.280,4
Móveis de outras matérias, incluindo rotim, vime, bambu, etc.	-	-	-
Móveis de bambu ou ratã	0,0001	0,001	16.135,8
Móveis de outros materiais, incluindo ratã, vimi, bambu/semelhantes	0,003	0,03	19.303,3
<b>PARTICIPAÇÃO NO TOTAL</b>	<b>90,1</b>	<b>76,3</b>	
<b>PREÇO MÉDIO</b>			<b>2.042,0</b>
<b>TOTAL</b>	<b>94,1</b>	<b>87,2</b>	
<b>OUTROS</b>	<b>5,9</b>	<b>12,8</b>	
<b>TOTAL DO CAPÍTULO</b>	<b>100</b>	<b>100</b>	

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

O fato de tratar de produtos tão distintos entre si, tanto pelo material quanto pelo uso, pode levar a inferências bastante genéricas, e muitas vezes até errôneas, quando se realiza a análise da pauta como um todo, pois, pode-se estar inferindo sobre firmas diferentes dentro da indústria. Todavia, a análise das exportações do setor moveleiro como um todo é comum de ser observada em vários trabalhos, levando à necessidade de cautela no entendimento dos resultados.

Das seis categorias que compõem a pauta de exportação do setor moveleiro, três delas representaram, em 2010, quase que o total das exportações do setor, sendo 94,1% do *quantum* e 87,2% do valor exportados, predominando, neste total, móveis de madeira e semelhantes.

Com relação à produção, os móveis de madeira têm uma participação de 83,2% no valor da produção, vindo em seguida os móveis de metal com 7,8%, móveis feitos com outros materiais 6,9% e 2,1% colchões. Com relação ao uso, a participação na produção é de 71,6% dos móveis residenciais, 13,7% dos móveis de escritório e 14,6% outros<sup>29</sup> (ABIMÓVEL, 2009, *apud* DEPEC, 2009, p. 4).

Os assentos representaram 3,6% do *quantum* total exportado de móveis, mobiliários para medicina 0,4% e outros móveis e suas partes 90,1%. Por sua vez, ao se referir ao preço médio de exportação, a primeira categoria recebeu US\$ 5.250,3/tonelada, US\$ 16.604,1/tonelada foi o preço médio pago aos mobiliários para medicina e outros móveis e suas partes recebeu, em média, US\$ 2.042/tonelada (TABELA 2).

Dentro da categoria dos assentos, destaque para as exportações de assentos para veículos aéreos (exceto os ejetáveis), no entanto, não pela quantidade exportada e sim pelo preço de exportação (TABELA 2). No ano de 2010, este tipo de produto recebeu, em média, US\$ 166.851/tonelada exportada, sendo o produto que recebeu o maior preço pela tonelada entre todos demais que compõem a pauta.

A categoria de outros móveis e suas partes é a mais representativa em quantidade, porém, foi a que recebeu os menores preços médios pela tonelada exportada, sendo que esta é representada basicamente pelos móveis residenciais de madeira. Por outro lado, assentos é uma categoria pouco representativa em *quantum* exportado, mas, no entanto, é nesta categoria que se observam os maiores preços pagos pela tonelada exportada.

---

<sup>29</sup> Móveis institucionais para escolas, consultórios médicos, hospitais, restaurantes, hotéis e similares.

Em se tratando de matéria-prima oriunda do setor de base florestal, destaque para os móveis e assentos feitos a partir de bambu, vimi, ratã e outros materiais semelhantes. Estes tipos de produtos foram responsáveis por pequena participação nas exportações brasileiras de móveis, contudo, são categorias de móveis que receberam alto valor pela tonelada exportada, chegando até a US\$ 25.639/tonelada, mostrando-se como uma opção de diversificação de matéria-prima às tradicionais exportações em grande quantidade, porém com baixo valor agregado, dos móveis feitos a partir de madeira.

Quando se analisa o preço recebido por tonelada, os mobiliários que têm a madeira como a principal matéria-prima, estão entre os que recebem os menores preços, em média US\$ 2.005,1/tonelada, exceto os assentos giratórios de madeira que receberam, em média, US\$ 17.255/tonelada.

Em síntese, pode-se dizer que os móveis de madeira são a maioria na pauta de exportação do setor moveleiro, porém, é o tipo de móveis que possui baixo valor agregado.

Com relação à importância na pauta do comércio mundial de móveis, os produtos com mais representatividade na pauta, no ano de 2010, foram: outros móveis de madeira, partes para móveis, outros móveis de metal, móveis de madeira para dormitório, móveis para uso na medicina, e móveis de outras matérias incluindo vime, bambu e semelhantes (UNCOMTRADE, 2012).

Comparando com a pauta das exportações dos móveis do Brasil, os oito produtos mais representativos em 2010 foram: móveis de madeira para dormitório, outros móveis de madeira, móveis de madeira para cozinha, outros móveis de metal, assentos para veículos automóveis, assentos estofados com armação de madeira, cadeiras (dentista, cabeleireiros e semelhantes) e por fim, móveis de madeira para escritório (TABELA 2).

Os móveis residenciais de madeira têm participações importantes na pauta, tanto das exportações mundiais como nas brasileiras, estando nas duas entre os oito principais produtos, com diferença na ordem de colocação.

#### 4.3 PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS NO COMÉRCIO MUNDIAL

A participação das exportações de móveis de madeira (residenciais e escritório) no comércio mundial de móveis foi de US\$ 36,7 bilhões no ano de 2010, representando 22,8% do total comercializado, sendo que a indústria brasileira participou com 1,4% deste valor.

No cenário mundial, as exportações brasileiras de móveis de madeira são mais representativas do que as exportações de móveis de outras matérias-primas. Quando comparado o percentual de participação dos móveis de madeira com o percentual de móveis de outros materiais, a participação dos móveis de madeira no comércio mundial de móveis é quase 3 vezes maior.

Com relação às últimas décadas, a evolução do comércio mundial de móveis de madeira mostra grande ampliação entre os anos de 1991 a 2010, quando as vendas foram 651,7% maiores que no início do período (FIGURA 4).

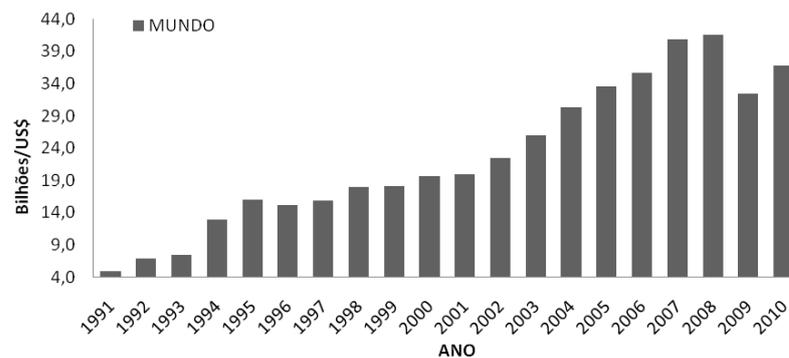


FIGURA 4 - EVOLUÇÃO DO COMÉRCIO MUNDIAL DE MÓVEIS DE MADEIRA, 1991 A 2010  
 FONTE: UNcomtrade (2011)

Em anos mais recentes, os países que mais contribuíram para o aumento observado nas exportações de móveis de madeira foram: China, Alemanha, Itália, Polônia e EUA, sendo que juntos, os cinco países foram responsáveis por 58,3% do total comercializado de móveis de madeira no mundo (FIGURA 5).

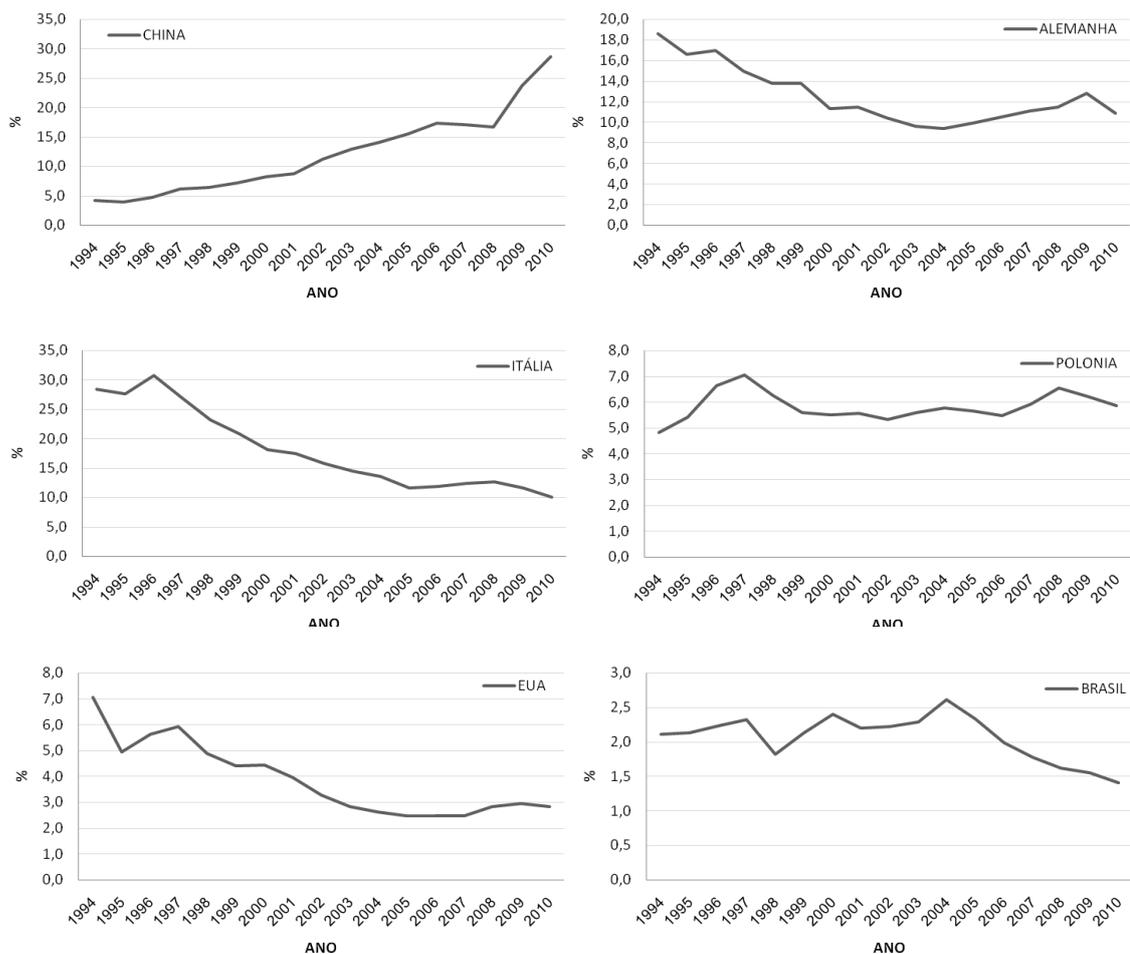


FIGURA 5 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA DOS PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES E DO BRASIL NO COMÉRCIO MUNDIAL, 1994<sup>30</sup> A 2010

FONTE: A Autora (2011) com base em UNcomtrade (2012)

A China foi o país que mais aumentou sua participação no comércio mundial de móveis de madeira, passando de 4,3% em 1994 para 28,7% em 2010, mostrando tendência contrária aos demais países importantes no comércio mundial que reduziram suas participações nos últimos anos (FIGURA 5).

O Brasil, 30º no ranking dos exportadores (CSIL Milano 2011, *apud* PORTAL MOVELEIRO, 2011), também reduziu sua participação no comércio mundial em anos recentes, porém com a diferença de que a redução mais acentuada se iniciou somente a partir de 2005, enquanto que para a Itália, país tradicional por sua produção moveleira, a queda de participação se iniciou em 1998 e desde então continua a diminuir (FIGURA 5).

<sup>30</sup> Não foi possível obter dados a partir de 1991 para todos os países, optando-se por comparar a partir de 1994, período que havia dados de exportação dos cinco países.

Tendência semelhante é observada para a participação da Alemanha e dos EUA, FIGURA 5, sendo que os dois países passaram por um período longo de queda na participação do comércio mundial de móveis de madeira.

Destaque para a participação da Polônia que se manteve, praticamente, estável entre os anos de 1999 a 2006, período em que, exceto a China, os demais países tiveram queda de participação. Neste mesmo período o comércio mundial de móveis de madeira aumentou o que significa dizer que a China e a Polônia aproveitaram deste crescimento e os demais países não, indicando que não conseguiram ser competitivos.

Com relação à participação da indústria brasileira no comércio mundial de móveis de madeira, FIGURA 5, é possível observar duas tendências durante o período analisado, sendo, no geral, estabilidade até o ano de 2004 e queda após, mostrando uma evolução mais similar ao observado para a participação da indústria polonesa.

Entre 1994 e 2004, a participação do Brasil nas exportações mundiais de móveis de madeira aumentou em 23,6%, passando de 2,1% para 2,6%. e após 2004 registrou redução de 85,4%, diminuindo sua participação dos 2,6% para apenas 1,4% do total comercializado deste produto no mundo.

A redução da participação do Brasil, nos últimos anos ocorreu tanto pela diminuição das exportações brasileiras em si quanto pelo aumento nas exportações mundiais. O que indica perda significativa de competitividade, pois o Brasil não conseguiu ao menos aproveitar de forma proporcional o aumento de demanda mundial no período. Situação semelhante à vivida pela Itália, Alemanha e EUA.

### 4.3 ANÁLISE DA DINÂMICA DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS

Uma vez conhecidos os dados macroeconômicos que caracterizam a indústria brasileira de móveis, sua pauta de exportações e como participa do comércio mundial, inicia-se a partir daqui a análise desagregada pelo uso, matéria-prima e destinos das exportações desta indústria.

#### 4.3.1 Exportações brasileiras de móveis de madeira - pelo uso

Com relação ao uso, os móveis de madeira residenciais representaram maioria na pauta de exportação do setor moveleiro em 2010 (FIGURA 6).

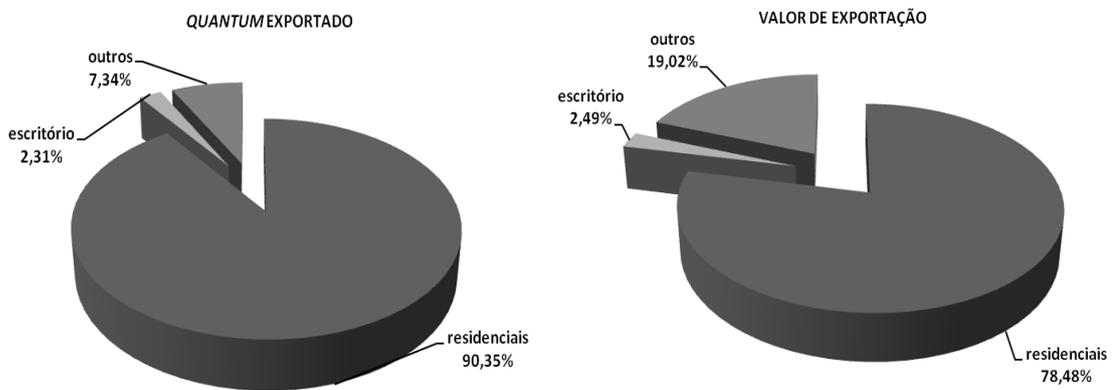


FIGURA 6 - PARTICIPAÇÃO NA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MÓVEIS DE ACORDO COM O USO, 2010

FONTE: A autora (2011) com base em SECEX (2011)

Os móveis de madeira para uso residencial representaram 90,3% do *quantum* exportado e 78,4% do valor das exportações brasileiras de móveis, em 2010. Sendo que os móveis de uso em escritório representaram apenas 2,3% do *quantum* e 2,4% do valor de exportação.

Mundialmente também se observa situação semelhante onde o comércio de móveis de madeira para escritório não é muito representativo comparado a outros usos. Segundo dados do UNcomtrade (2012), no ano de 2010 as exportações totais deste tipo de móvel foi de 8,3% do *quantum* e 7,9% do valor exportado de móveis de madeira.

Dentro da categoria de móveis residenciais, confeccionados com madeira, os móveis de dormitório têm maior participação nas exportações (FIGURA 7).

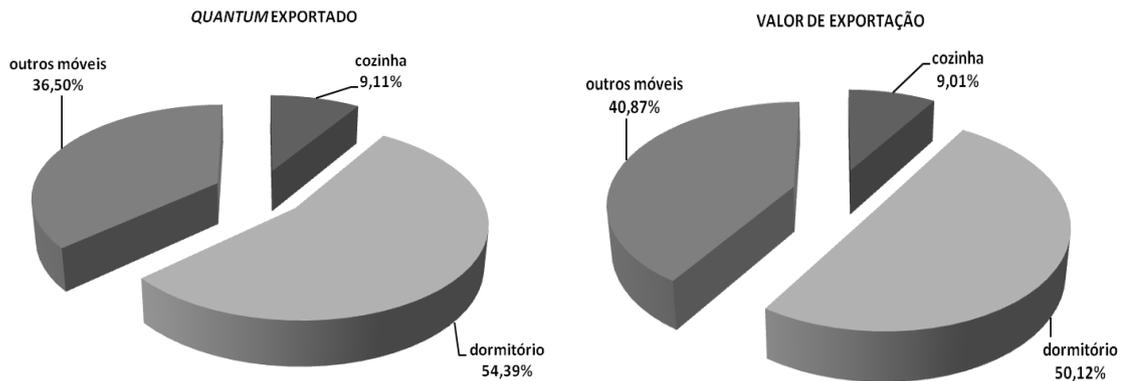


FIGURA 7 - PARTICIPAÇÃO NA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MÓVEIS DE MADEIRA DE ACORDO COM O USO RESIDENCIAL, 2010.

FONTE: A autora (2011) com base em SECEX (2011)

Em 2010, a participação de móveis para dormitório nas exportações brasileiras de móveis residenciais foi de 54,3% no *quantum* exportado e 50,1% no valor de exportação.

Já, com relação ao comércio mundial deste produto, as exportações de móveis para uso em dormitórios, em 2010, representaram 23,9% do *quantum* e 19,5% do valor de exportação de móveis feitos de madeira (UNCOMTRADE, 2012). Isto indica que, igualmente como ocorre nas exportações brasileiras, esse produto tem menor valor agregado.

Os móveis de cozinha representaram somente 9,1% do *quantum* e 9% do valor exportados, próximo à participação das exportações a nível mundial que representaram, em 2010, o percentual de 10,2% do *quantum* e 13,5% do valor de exportação total de móveis de madeira (UNCOMTRADE, 2012).

Por fim, a categoria outros móveis de madeira foi responsável por 36,5% do *quantum* e 40,8% do valor total exportado de móveis de madeira para residências (FIGURA 7), no entanto, quando compara-se ao comércio mundial, esta categoria de móveis foi responsável por 65,9% do *quantum* e 59% do valor total comercializado de móveis de madeira.

Com relação ao preço unitário de exportação dos móveis de madeira de acordo com o seu uso, existe diferença nos preços praticados entre os móveis para escritório e móveis residenciais.

Em um nível de 5% de significância, pode-se afirmar que o preço de exportação dos móveis de madeira para escritório é estatisticamente maior do que o preço pago aos móveis de madeira para cozinha (TABELA 3).

TABELA 3 - DIFERENÇA DE MÉDIAS ENTRE OS PREÇOS DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS PARA ESCRITÓRIO E MÓVEIS RESIDENCIAIS

	Grupos com médias iguais*		
	1	2	3
Escritório	1.975,23		
Outros	1.952,79	1.952,79	
Cozinha		1.841,33	
Dormitório			1.626,11

FONTE – A Autora (2011) com base em dados SECEX (2011)

NOTA: \*Ao nível de 5% de significância.

Por sua vez, o preço dos móveis de madeira para cozinha é estatisticamente maior do que o preço de exportação de móveis de dormitório, apontando que há diferenças de preço dentro da categoria, mesmo sendo móveis que se destinam a mesmo uso, porém com a diferença de ambiente residencial onde são colocados.

Já, com relação à classificação “outros móveis”, que possivelmente englobam móveis com uma maior variabilidade de valor agregado, não é possível afirmar estatisticamente que recebem preços de exportação maiores que os móveis de dormitório e nem mais baixos que os preços de exportação de móveis de escritório.

#### 4.3.1.1 Evolução do *quantum* exportado – pelo uso

Entre os anos de 1991 a 2010, é possível perceber, no geral, duas tendências para os móveis pelo seu tipo de uso, sendo a primeira de aumento das exportações nas quatro categorias e num segundo momento houve queda nas quantidades exportadas para todas as categorias (FIGURA 8).

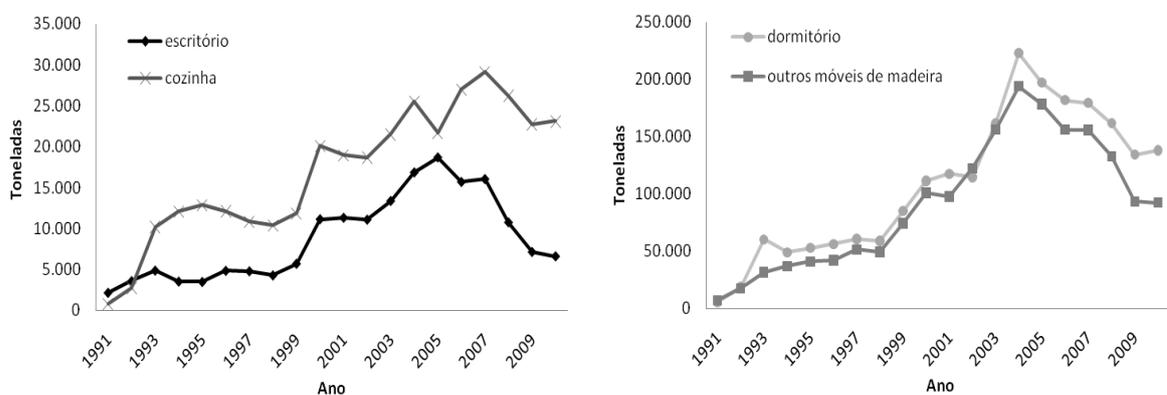


FIGURA 8 - EVOLUÇÃO DO *QUANTUM* EXPORTADO DE MÓVEIS DE MADEIRA DE ACORDO COM O USO, 1991 A 2010  
FONTE: SECEX (2011)

O crescimento médio observado entre os anos de 1991 e 2004 para as quatro categorias foi de 2.532,3%, enquanto que a queda nos anos seguintes foi da ordem de 84,3%, no entanto, para os móveis de cozinha e dormitório é possível notar a retomada de crescimento em 2010.

A categoria de móveis de dormitório, principal segmento exportador entre os móveis de madeira, aumentou suas exportações de 5.755 toneladas em 1991 para 137,9 mil toneladas em 2010. Este tipo de móvel não é somente o mais representativo nas exportações, como também o é na produção da indústria moveleira nacional. De acordo com IEMI (2006 *apud* SEBRAE, 2008 p. 24), em 2006 os mobiliários de dormitórios respondiam por 37% da produção de móveis no Brasil e era o segmento com maior produção, seguido por móveis de escritório, salas de jantar e estofados.

Para o crescimento das exportações, em específico dos móveis de dormitório, além dos motivos já citados, pode-se inferir sobre a importância do mercado americano para o Brasil durante a sua fase da “bolha imobiliária” como um grande motivador do aumento das exportações de móveis do Brasil até o ano de 2005.

Quando se analisa o que ocorreu nas exportações brasileiras de móveis de dormitório durante a fase da expansão imobiliária no mercado americano, tem-se que, em 2001, as vendas do Brasil para este mercado representavam 21,9% e, já no ano seguinte estas passaram a representar 34,9% e assim continuou tendo forte presença nas compras dos produtos brasileiros até o ano de 2004. Porém, no ano seguinte, já sofrendo os efeitos do estouro da bolha, a participação americana nas exportações brasileiras de móveis de dormitório foi de apenas 22,1%, praticamente o mesmo nível observado em 2001.

Foi, justamente, no período entre 2001 a 2004 que se observa grande crescimento das exportações dos móveis de madeira para uso em dormitórios, quando o Brasil aumentou suas exportações em 89,5% em poucos anos.

Outros móveis de madeira também apresentaram tendência bastante semelhante ao observado para os móveis de dormitório e juntas, as duas categorias responderam, em 2010, por 88,6% das exportações de móveis de madeira residenciais.

A exportação dos outros tipos de móveis de madeira apresentou claramente três momentos distintos, igualmente ao observado para os móveis de dormitório, sendo: crescimento moderado entre os anos de 1991 a 1998, crescimento bastante

pronunciado após 1998 até o ano de 2004 e posterior queda de 109,5% nos anos seguintes (FIGURA 8).

No entanto, quando se compara aos móveis de cozinha, esta categoria não apresentou tendências semelhantemente pronunciadas, nem com o comportamento das exportações de móveis para escritório e tão pouco com os móveis para dormitório e outros móveis de madeira.

As exportações de móveis de cozinha apresentaram um grande crescimento durante o período analisado, passando de 784,3 toneladas em 1991 para mais de 23 mil toneladas em 2010, FIGURA 8, um aumento de 3.157,5%.

No entanto, nota-se que o crescimento foi bastante inconstante, não mostrando uma clara tendência de comportamento, intercalando períodos de aumento e queda de maneira repetida.

Conforme CSIL Milano (2007, citado por SEBRAE, 2008, p. 61) o consumo de móveis de cozinha é concentrado, sendo que 82% do consumo vêm dos maiores mercados moveleiros: EUA, Alemanha, Japão, Itália, Reino Unido, França, Canadá, Espanha, Coreia do Sul e Austrália.

No entanto, o Brasil não soube aproveitar plenamente os maiores mercados consumidores de móveis de cozinha, pois, quase 30% de suas exportações daquele ano foram direcionadas à Argentina, Chile e Uruguai, sendo que para os principais países consumidores, o percentual não passou de 34% (SECEX, 2010).

O mercado de móveis para cozinha é marcado por fortes diferenças territoriais, dependendo da região e até do país, o que aumenta a complexidade para a escolha do mercado-alvo, sendo que, segundo SEBRAE (2008, p. 61), prevalecem diferentes características, tais como:

- Cozinha integrada com objetos encaixados: mercado europeu, principalmente Itália e Alemanha;
- Cozinha integrada à estrutura da casa: sobretudo mercado norte-americano, mas também na Suíça, Espanha e Grã-Bretanha;
- Kit cozinha para ser montado: França e Grã-Bretanha;
- Cozinhas com espaço econômico, usadas em pequenos flats europeus e também na China e no Japão.

Por isso faz-se muito importante, para os empresários brasileiros, o conhecimento a respeito do mercado-alvo para a colocação de seu produto, sendo o determinante de sucesso no mercado externo.

E, por fim, tem-se como a categoria menos representativa nas exportações de móveis de madeira, os móveis de escritório, que apresentaram tendência semelhante ao observado para os móveis de dormitório e outros móveis de madeira, porém, com queda mais acentuada no final do período, -155,6% (FIGURA 8).

Entre os anos 1999 e 2005, período de grande crescimento, as exportações brasileiras de móveis de escritório aumentaram em 229%, enquanto que nos anos anteriores, o crescimento foi de 167,4%, no entanto, considera-se, neste, a reduzida base inicial do comércio internacional do Brasil em 1991.

Para Gorini (1998, p. 40), o segmento de móveis de madeira para escritório revelou um baixo grau de competitividade externa durante os anos 90. Em geral, as plantas eram muito verticalizadas e os processos básicos de produção bastante arcaicos, principalmente a metalurgia e a tapeçaria. No entanto, segundo a autora, em anos posteriores, algumas empresas começaram a mudar suas estratégias, seja racionalizando o processo de produção, seja licenciando produtos estrangeiros, promovendo *joint ventures* e terceirizando determinadas etapas da produção.

Carvalho et. al (2004, p. 7) também definiram este segmento como o menos atualizado do ponto de vista da planta industrial (*lay-out*) e do grau de modernização de suas máquinas e equipamentos, sendo que o *lay-out* das fábricas complexo.

Estes podem ser motivos para a baixa participação deste segmento nas exportações brasileiras de móveis de madeira, porém, não os únicos.

Para Quadros (2002, p. 63), a indústria de móveis de escritório estava mais voltada para o mercado interno, e desta forma, as exportações são pequenas e de ocorrência apenas esporádica. Além disso, ainda de acordo com a autora, esperar uma grande quantidade de exportações, com exceção da base no preço, seria uma utopia, pois, preço mais baixo é obtido na China, retirando do Brasil as condições para um verdadeiro diferencial.

Entretanto, contrariando ao exposto pela autora, verificou-se que, em média, nos últimos cinco anos o preço de exportação dos móveis de escritório chineses foi superior ao praticado pelo Brasil no comércio internacional, sendo os preços chineses 40,9% maiores que os preços brasileiros. Assim sendo, a baixa participação das exportações brasileiras de móveis de escritório não pode ser devida à concorrência chinesa neste segmento, sendo mais provável que grande parte da produção é consumida pelo mercado doméstico.

#### 4.3.1.2 Evolução do preço real unitário de exportação – pelo uso

Analisando como foi a evolução dos preços dos móveis residenciais e de escritório, percebe-se claramente nível de preço diferente, nas quatro categorias, entre as décadas de noventa e dois mil (FIGURA 9 no anexo).

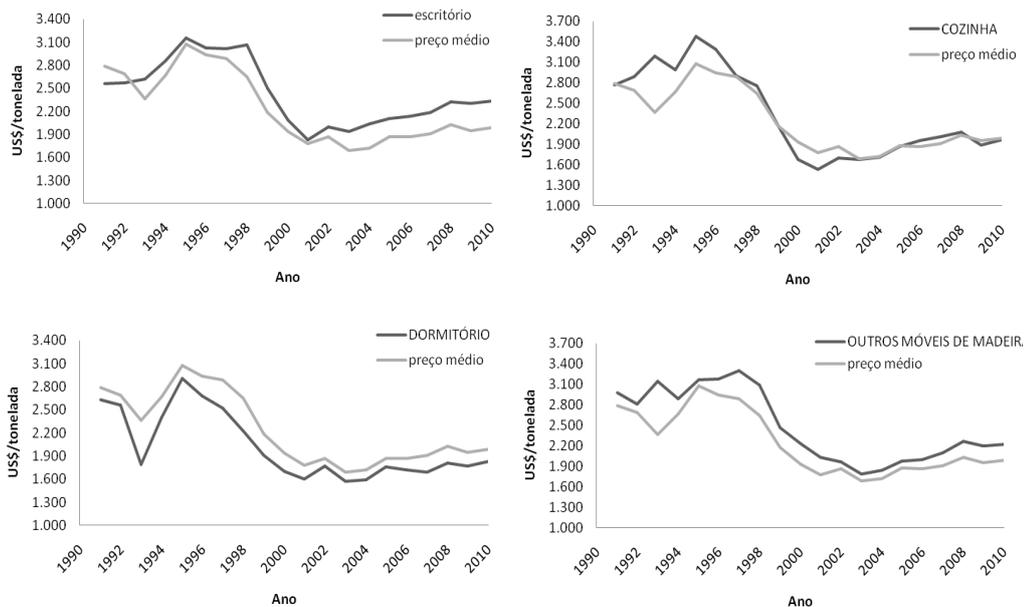


FIGURA 9 - EVOLUÇÃO DO PREÇOS REAL DE EXPORTAÇÃO E PREÇO REAL MÉDIO DOS MÓVEIS RESIDENCIAIS E DE ESCRITÓRIO EM US\$/TONELADAS, 1991 A 2010  
 FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Na década de 90, a média de preço real entre as quatro categorias foi de US\$ 2.792,6/tonelada, sendo que na década seguinte, esta não foi maior que US\$ 1.926,9/tonelada, uma queda real no nível do preço de 44,9%.

A diferença de preço real nas duas décadas pode estar associada, entre outros, a melhorias tecnológicas na indústria produtora de móveis.

Como já comentado, os reflexos da abertura comercial durante os anos da década de 90, trouxeram como benefícios não somente a abertura de mercados para exportar como também favoreceu as importações e com isso a indústria moveleira se beneficiou importando maquinários de ponta o que possibilitou a muitas empresas grande modernização de suas plantas industriais, que conseqüentemente as tornou mais eficientes na produção.

Roese (2003, p. 75), também afirma que a referida adequação à abertura comercial deu-se, sobretudo, no aspecto da tecnologia e organização industrial que afetam os custos e padrões de qualidade, pois as empresas necessitavam cada vez

mais recorrer às exportações ou concorrer com produtos similares importados, sendo que os efeitos da melhoria tecnológica foram sentidos na década seguinte.

A tendência do preço real de exportação, tanto para os móveis residenciais como os do tipo para escritório, foi bastante similar durante o período analisado mostrando três períodos: crescimento, queda e retomada do crescimento nos últimos anos (FIGURA 9), porém com diferentes intensidades.

Em média, no primeiro período entre os anos de 1991 a 1996, o crescimento foi de 17,9% para o preço de móveis de escritório e 9,1% para os residenciais, no período seguinte entre os anos de 1997 a 2001 foi verificada queda de 64,4% para os móveis de escritório e 69,9% foi a redução de preços para a outra categoria e no restante do período o aumento do preço de exportação dos móveis de escritório foi de 16,6% e para os móveis residenciais, 10,5%.

No entanto, quando se analisa cada categoria individualmente, o maior crescimento no primeiro período foi observado para os preços dos móveis para cozinha, 19,1%, sendo também nesta categoria a maior queda entre os anos de 1997 e 2001, com preços 89,1% menores. E no final do período, o maior crescimento dos preços foi observado para os móveis de escritório.

Outra constatação importante nesta análise é com relação ao preço médio de exportação das quatro categorias aqui estudadas.

No geral, os móveis de madeira para escritório e os outros móveis de madeira tiveram seus preços acima do preço médio, móveis de dormitório abaixo e móveis de cozinha alternou entre períodos acima e abaixo do preço médio de exportação (FIGURA 9).

Desde o ano de 1993, o preço de exportação dos móveis de madeira para escritório esteve acima do preço médio, sendo, em média, 8,5% maior que este.

Lembrando o observado para o *quantum* exportado dos móveis residenciais e de escritório, a categoria dos móveis de escritório era a menos representativa entre as quatro, porém aqui mostra sua importância devido aos preços de exportação mais elevados.

Ao proceder a uma análise de regressão para estabelecer se há relação entre o preço de exportação e a quantidade exportada de móveis de madeira para escritório, encontrou-se um coeficiente de determinação (R-quadrado) no valor de -0,61, ou seja, 61% da variação nas quantidades exportadas de móveis de madeira

para escritório é explicada pela variação do seu preço de exportação, sendo atribuído a outros fatores, que não o preço, o restante da variação nas quantidades.

Isto indica que há uma relação entre o preço de exportação e a quantidade exportada de móveis de madeira para escritório, e sendo esta negativa, significa dizer que um aumento no preço leva a uma redução na quantidade exportada ou por outro lado, uma redução no preço de exportação leva a aumento na quantidade.

Já, para os outros móveis de madeira, em todo o período de análise o preço de exportação esteve acima do preço médio de exportação, sendo, em média, 10,7% maior. Esta é uma categoria importante nas exportações brasileiras de móveis conforme foi observado pelo *quantum* de exportação.

E da mesma maneira como foi constatado para os móveis de escritório, aqui também há uma relação do preço com a quantidade exportada, no entanto, de maior intensidade, indicando que a quantidade exportada de outros móveis de madeira é mais sensível ao preço de exportação.

O coeficiente de determinação de  $-0,77$  mostra que, 77% das variações observadas nas quantidades exportadas de outros móveis de madeira é devido ao preço de exportação deste produto.

Por outro lado, os móveis de cozinha não mostraram uma tendência definida com relação ao preço médio de exportação, sendo que somente no início do período esteve, claramente, acima do preço médio, e tão pouco mostrou elevada relação entre as quantidades exportadas e o seu preço de exportação.

Com um coeficiente de determinação de  $-0,51$ , pode-se dizer que para as quantidades exportadas de móveis de cozinha o preço de exportação não apresenta elevada influência, ou em outras palavras, o preço de exportação explica somente 51% das variações observadas nas quantidades exportadas, sendo que outros fatores, além do preço de exportação, explicam o restante.

E, finalmente, tem-se a evolução dos preços de exportação dos móveis de madeira para dormitório, lembrando que esta é a categoria mais importante em *quantum* exportado.

Com relação ao preço médio de exportação, os móveis de madeira para dormitório tiveram seus preços sempre abaixo do preço médio, sendo, em média, 10,9% menores.

A relação entre preço de exportação e quantidade exportada de móveis de madeira para dormitório resultou no coeficiente de determinação de  $-0,64$ ,

mostrando que 64% das variações observadas na quantidade exportada deste produto são devidas ao seu preço de exportação, ou seja, o preço exerce significativa influência sobre as quantidades vendidas do produto ao mercado externo.

#### 4.3.1.3 Evolução do valor real de exportação – pelo uso

Em síntese, o que se tem da relação quantidade *versus* preço real, FIGURA 10, é que, embora os móveis de madeira para dormitório sejam a categoria que recebe os menores preços de exportação, é a mais representativa no valor das exportações de móveis de madeira devido à grande quantidade exportada. Já, os móveis de madeira para escritório que recebem os maiores preços de exportação, representaram apenas 2,9% do valor exportado, mostrando sua importância somente para o preço de exportação e não em quantidade exportada.

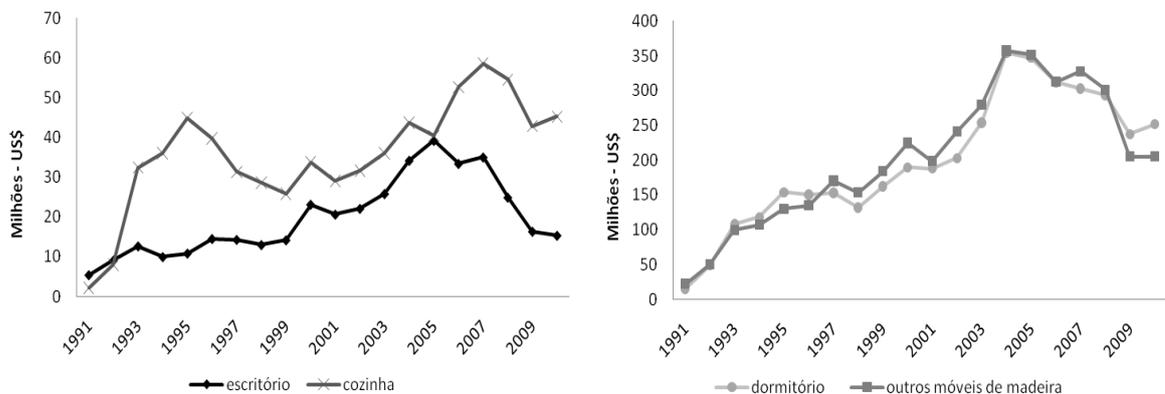


FIGURA 10 - EVOLUÇÃO DO VALOR REAL DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA PELO USO 1991/2010  
 FONTE: SECEX (2011)

Com relação à evolução observada para o valor de exportação, as exportações de móveis de madeira para dormitório e outros móveis de madeira apresentaram intenso crescimento até o ano de 2004, reduzindo o total exportado após este ano, resultado este devido ao preço da tonelada dos produtos, uma vez que se verificou que estas categorias de móveis são bastante sensíveis ao seu preço de exportação, ou seja, diante de queda ou aumento, reduz ou aumenta a quantidade exportada que por consequência influencia o valor de exportação.

Situação semelhante foi verificada para o valor de exportação dos móveis de madeira para escritório (FIGURA 10).

Por outro lado, para o valor exportado de móveis de cozinha, FIGURA 10, estas relações não são tão pronunciadas, pois esta categoria não possui intensa sensibilidade ao preço de exportação. A evolução do valor exportado de móveis de madeira para cozinha foi bastante inconstante, não apresentando clara tendência.

#### 4.3.2 Exportações brasileiras de móveis - por matéria-prima

Seguindo outra ótica de análise, quando se considera a exportação somente de mobiliários de madeira, essa representou na pauta do setor, em 2010, 93,0% do *quantum* exportado e 81,3% do valor de exportação. Móveis feitos de metal é a segunda categoria mais importante quanto à matéria-prima, participando com 2,6% do *quantum* e 6,5% do valor exportado, evidenciando que os mobiliários feitos de madeira têm menor valor agregado comparativamente aos mobiliários de outras matérias-primas (FIGURA 11).

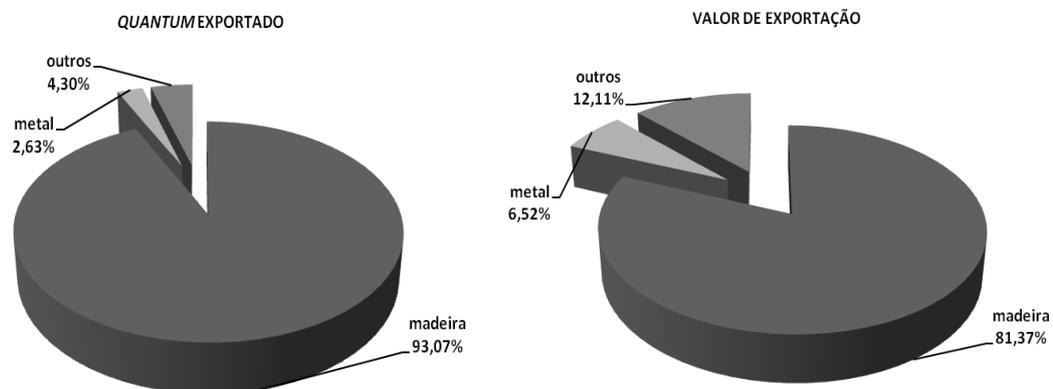


FIGURA 11 - PARTICIPAÇÃO NA EXPORTAÇÃO BRASILEIRA DE MOBILIÁRIOS DE ACORDO COM O TIPO DE MATERIAL UTILIZADO - 2010

FONTE: A autora (2011) com base em SECEX (2011)

NOTA: a categoria "madeira" inclui vimi, ratã e bambu

Entende-se que a menor utilização de outros materiais (metal, plástico, vimi, ratã ou bambu) na fabricação de móveis é devida, principalmente, a questões culturais do uso da madeira, sendo esta, uma matéria-prima tradicionalmente utilizada na indústria moveleira. E como consequência disso, tem-se já estabelecidas plantas industriais para a produção deste tipo de móvel, sendo, muitas vezes, difícil a mudança para produzir móveis a partir de outras matérias-primas, e com isso,

pode-se dizer que o Brasil se especializou na fabricação de produtos mobiliários de madeira.

A especialização do Brasil em produzir e exportar mobiliários a partir da madeira fica evidente quando comparado à participação dos móveis de madeira no comércio mundial e quanto estas representam nas exportações brasileiras. Como foi visto, nas exportações brasileiras os móveis de madeira representam mais de 80% do valor exportado e na pauta mundial de exportação estes somam apenas 22,8% do valor total exportado.

No entanto, quando se analisa o preço real unitário das exportações de móveis de madeira e os móveis feitos de outros materiais, os móveis de madeira são menos importantes.

TABELA 4 - DIFERENÇA DE MÉDIA ENTRE O PREÇO UNITÁRIO DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA E MÓVEIS DE OUTRAS MATÉRIAS-PRIMAS, EM US\$.

	Grupos com médias iguais*	
	1	2
Móveis de outras matérias-primas	2.883,34	
Móveis de madeira		1.783,62

FONTE: A Autora (2011)

NOTA: \*Ao nível de 5% de significância

Por meio do teste de médias foi possível comprovar que o preço de exportação de móveis feitos de madeira é estatisticamente menor, ao nível de 5% de probabilidade, do que o preço pago pela tonelada exportada de móveis de outras matérias-primas (TABELA 4).

#### 4.3.2.1 Evolução do *quantum* exportado – por matéria-prima

No início da década de 90, a quantidade exportada de móveis de madeira era levemente inferior ao observado para as exportações de móveis de outras matérias-primas, sendo que, em 1991 o Brasil exportava 16,1 mil toneladas de móveis de madeira e 18,5 mil toneladas de móveis feitos a partir de outras matérias-primas, porém ao longo do período, as exportações de móveis feitos de madeira obtiveram crescimento altamente superior ao observado para os outros tipos de móveis (FIGURA 12).

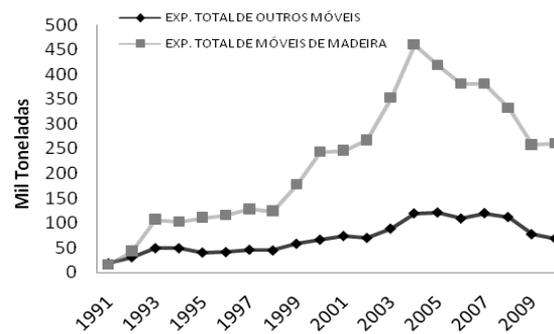


FIGURA 12 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS POR MATÉRIA-PRIMA EM MIL TONELADAS, 1991 A 2010

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Entre os anos de 1991 e 2010, o total exportado de móveis de madeira cresceu 1.516,1%, enquanto que a exportação de móveis de outras matérias-primas apresentou, no mesmo período, crescimento de 268,6%.

Apesar do crescimento altamente expressivo sob a ótica de mercado interno, as exportações de móveis feitos de madeira foram, como já apresentado aqui, pouco representativas no comércio mundial deste produto durante as duas últimas décadas, representando 0,9% do comércio mundial em 1991 e no ano de 2010, a participação não foi maior que 1,4%.

Durante o período analisado, pode-se afirmar que, no geral, existiram duas tendências para a quantidade exportada dos móveis de madeira, sendo de intenso crescimento até o ano de 2004 e queda após este ano. O crescimento observado até o ano de 2004 foi da ordem de 2.752%, enquanto que a queda após foi de 43,3%.

Comparativamente ao crescimento das exportações dos móveis de outras matérias-primas, é observado que as exportações de móveis de madeira cresceram mais que proporcionalmente.

Este fato pode estar associado, entre outros, à tradição do Brasil em produzir móveis usando como matéria-prima a madeira, por outro lado, pode estar refletindo aspectos puramente ligados ao mercado internacional, ou seja, atendendo a demandas específicas para este tipo de móvel.

As consequências disto levaram, por assim dizer, ao desenvolvimento mais intenso da indústria de móveis de madeira, ficando um pouco esquecidas as indústrias de móveis de metal e plástico. Em outras palavras, pode-se afirmar que o

Brasil, consciente ou inconscientemente, se especializou em produzir móveis de madeira.

Entre as razões para o maior desenvolvimento da indústria de móveis de madeira, em detrimento de não ser observado crescimento semelhante nas exportações de outros móveis, está a grande influência exercida por aquela indústria no início das exportações de móveis do Brasil.

Segundo Denk (2002<sup>31</sup> *apud* ROSA *et al.* 2007, p. 89), a partir da década de 80, devido a retrações internas de consumo, e sendo visto como uma oportunidade para atender os países da Europa antes abastecidos pelo Leste Europeu (que deixou de fornecer seus clientes da Europa por causa da crise soviética na época), o pólo moveleiro de São Bento do Sul<sup>32</sup> incrementou suas atividades no mercado internacional.

Ainda de acordo com o autor, os importadores europeus, que encontraram em São Bento produtores já com alguma experiência em exportação de móveis de pinus de acordo com os padrões da Europa e Estados Unidos e conhecendo a grande disponibilidade de áreas plantadas desta espécie, passaram, através de *tradings*, a fazer pedidos por encomenda com planos detalhados, definindo modelos, normas e especificações técnicas.

Em consequência, de certa forma, o pólo tornou-se especializado em atender este tipo de demanda reequipando e modernizando suas plantas de produção para atender a demanda específica de móveis feitos de madeira de pinus, os chamados “móveis tipo exportação” e que até os dias de hoje predominam nas exportações da indústria moveleira do Brasil.

---

<sup>31</sup> DENK, Adelino. **Série estudos 9 – Pólos moveleiros I – São Bento do Sul**. São Paulo: ABIMÓVEL, 2002.

<sup>32</sup> Lembrando que o Pólo moveleiro de São Bento do Sul está entre os principais exportadores de móveis do Brasil.

#### 4.3.2.2 Evolução do preço real unitário de exportação – por matéria-prima

Durante o período analisado é possível verificar que na década de 90 as diferenças dos preços recebidos pelas duas categorias era menor, sendo que na década seguinte houve aumento nos preços dos móveis de outros materiais e os preços dos móveis de madeira se mantiveram praticamente estáveis oscilando entre quedas e aumentos (FIGURA 13).

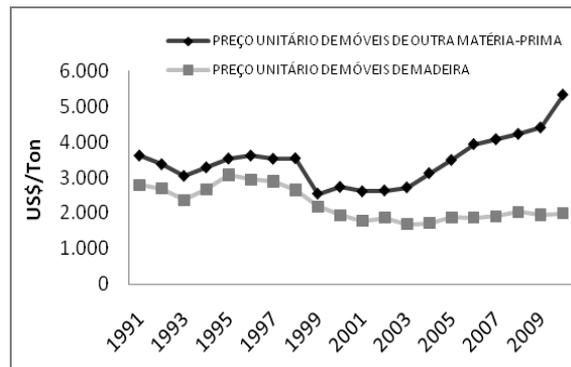


FIGURA 13 - EVOLUÇÃO DOS PREÇOS MÉDIOS REAIS E QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA E MÓVEIS DE OUTRAS MATÉRIAS-PRIMAS 1991-2010  
 FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Quando se analisa a evolução dos preços reais de exportação das duas categorias é possível notar três momentos distintos durante o período analisado (FIGURA 13).

No primeiro período, entre 1991 até 1998, os preços médios reais de móveis de madeira e móveis de outras matérias-primas apresentaram praticamente a mesma tendência.

O segundo momento é observado no ano de 1999, quando o preço dos móveis de outras matérias-primas apresenta forte queda, 39,3%, enquanto que os preços de exportação dos móveis de madeira caem menos, 21,4%.

A partir daí, verifica-se mudança de tendências, sendo que os preços de exportação das duas categorias seguem em movimentos opostos.

Com a queda de preço dos móveis no ano de 1999 observou-se um aumento na quantidade exportada, sendo que neste ano com relação a 1998, o Brasil exportou, em toneladas, 30,3% a mais de móveis de madeira e 23,3% foi o aumento da quantidade exportada de móveis feitos de outros materiais.

O maior aumento da quantidade exportada de móveis de madeira frente a uma menor redução de preço (comparativamente ao observado para as exportações

de móveis de outras matérias-primas), leva a supor que as exportações de móveis de madeira são mais sensíveis ao preço.

Esse fato é comprovado ao realizar a análise de regressão para mensurar se existe relação entre o preço de exportação e a quantidade exportada. Com coeficiente de determinação no valor de - 0,72, pode-se afirmar que as quantidades exportadas de móveis de madeira são altamente dependentes do preço de exportação, enquanto que para os móveis de outras matérias-primas, o coeficiente de determinação de - 0,02 indica que a exportação deste tipo de móvel não tem nenhuma dependência do preço de exportação.

Corroborando com esse resultado, Franzoni (2005, p. 51) aponta crescimento de 70% das exportações brasileiras de móveis de madeira entre 1999 a 2003, quando os móveis brasileiros se tornaram 15% mais baratos. Segundo o autor, o Brasil adotou, claramente, a estratégia de redução de preço.

Finalmente, um terceiro momento é observado a partir de 2001, quando os preços de móveis de outras matérias-primas começaram a se elevar de maneira mais ascentuada, enquanto que para os móveis de madeira observa-se quase que uma estabilidade.

Durante a década de 90, percebem-se níveis de preços maiores nas vendas de móveis de madeira para o exterior, comparado com os preços desta categoria na década seguinte. As razões para esse resultado são várias, cabe destacar algumas delas.

Além da renovação tecnológica nos parques industriais, ocorreu, no final da década de 90, uma importante mudança com relação à matéria-prima utilizada. Os empresários que até então usavam, quase, que exclusivamente a madeira, passaram a contar, a partir do ano de 1997, com a produção nacional de painéis de madeira, antes importados.

Segundo IEMI (2006, p. 51), no ano de 2005 a produção brasileira de móveis de madeira consumia cerca de 59% de madeira maciça serrada e 41% de madeira industrializada. A madeira serrada era composta de 26% de pinus e 33% de “madeira de lei”, obtidas quase sempre de florestas naturais. Já, a madeira industrializada utilizada era na sua maioria painéis de MDF (20%) e aglomerados (17%).

Com a entrada da produção nacional de painéis de madeira, houve uma diminuição da pressão no consumo de madeira maciça, o que pode ter levado a

redução no preço da mesma, uma vez que, os painéis de madeira são substitutos perfeitos. E, no caso das indústrias produtoras de móveis para exportação (em sua maioria baseada no uso de madeira de pinus), uma redução no preço da madeira leva a uma diminuição direta no custo de matéria-prima.

No ano de 2008, o consumo de painéis de madeira pela indústria moveleira foi de 73% da produção, ou seja, 3,5 milhões de m<sup>3</sup>, sendo que, entre os anos de 1997 a 2008, o consumo de painéis de madeira apresentou crescimento médio de 7,2% a.a. (11,2% a.a. para os painéis de madeira reconstituída e - 4,2% a.a. para os compensados), basicamente em função da qualidade dos novos produtos oferecidos, sobretudo do MDF (BIAZUS *et al.* 2010, p. 68).

Carvalho *et al.* (2004, p. 9) também acreditam que o menor nível de preço observado foi em decorrência da introdução do MDF, a partir de 1997. Segundo eles, como matéria-prima para a indústria moveleira levou a uma redução nos custos de fabricação, pois com o uso desse tipo de matéria-prima algumas etapas da produção puderam ser dispensadas, além de proporcionar novas opções para melhoria tecnológica.

Corroborando, Rosa *et al.* (2007, p. 100) sugerem ter sido graças a investimentos na modernização tecnológica das indústrias de painéis de madeira que ajudaram a quase duplicar a produção. Segundo os autores, isso permitiu o aumento da oferta de outras matérias-primas para a indústria como um todo e diminuiu, assim, a pressão sobre a oferta de matérias-primas tradicionais (pínus) utilizadas pela indústria exportadora, acarretando queda nos preços.

Por fim, pode-se citar o aumento na produtividade das florestas plantadas que por consequência melhorou a oferta de matéria-prima para a indústria moveleira. A produtividade das plantações de pinus aumentou de 30,7 m<sup>3</sup>/ha.ano em 2005 para 37,6 m<sup>3</sup>/ha.ano em 2009 e, além disso, a Associação Brasileira de Produtores de Florestas Plantadas – ABRAF (2011, p. 68) afirmou que com os altos investimentos na produção de florestas, observou-se também melhora na qualidade da matéria-prima para o setor moveleiro.

#### 4.3.2.3 Evolução do valor de exportação – por matéria-prima

Finalmente, quando se analisa o valor das exportações, verifica-se que, embora o preço de exportação dos móveis de outras matérias-primas seja superior, a grande diferença de volume exportado de móveis de madeira proporciona maiores ganhos no valor total destas exportações (FIGURA 14).

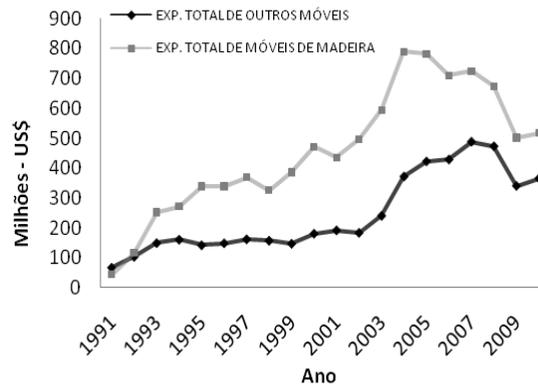


FIGURA 14 - EVOLUÇÃO DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA E OUTROS MÓVEIS, MILHÕES DE DÓLARES 1991- 2010  
 FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Com relação à evolução do valor de exportação das duas categorias é possível verificar tendência bastante semelhante entre elas, FIGURA 14, sendo, no geral, um longo período de crescimento seguido de queda após, porém ocorrendo em anos diferentes.

Para os móveis de madeira, o crescimento do valor das exportações se deu até o ano de 2004, enquanto que para os móveis de outras matérias-primas, este período continuou até o ano de 2007.

No período de aumento das exportações, o valor de exportação dos móveis de madeira aumentou em 1.657% e para os móveis de outros materiais o aumento observado foi de 625,6%.

Relembrando que as razões para o grande crescimento das exportações da indústria de móveis de madeira estão relacionadas a melhorias tecnológicas, introdução de novas matérias-primas, entre outros.

#### 4.3.3 Exportações brasileiras de móveis de madeira – por destino

Em 2010, os principais destinos das exportações, em *quantum* exportado, foram: 1) Reino Unido, 2) França, 3) Argentina, 4) Estados Unidos, 5) Chile, 6) Uruguai, 7) Angola, 8) Alemanha, 9) Espanha e 10) Países Baixos, sendo que os mesmos destinos principais foram observados para o valor de exportação, porém em ordem de importância diferente (TABELA 5). Juntos, estes países foram responsáveis por 68,7% da quantidade e 71,9% do valor exportados.

Com relação ao preço de exportação, do maior para o menor preço, a ordem de importância, entre os dez principais mercados, foi: 1) EUA, 2) Angola, 3) Países Baixos, 4) Espanha, 5) França, 6) Reino Unido, 7) Alemanha, 8) Chile, 9) Uruguai e 10) Argentina.

TABELA 5 - PRINCIPAIS DESTINOS DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL NO ANO DE 2010 EM *QUANTUM*, PREÇO REAL UNITÁRIO E VALOR REAL.

PAÍS	<i>QUANTUM</i> (toneladas)	Part. nas exportações (%)	PAÍS	PREÇO (US\$/TON)	PAÍS	VALOR (milhões US\$)	Part. nas exportações (%)
R. Unido	30.018,9	11,5	EUA	2.829,8	França	65,5	12,7
França	27.510,6	10,6	Angola	2.699,8	R. Unido	62,9	12,2
Argentina	21.264,7	8,2	P. Baixos	2.642,0	EUA	58,3	11,3
EUA	20.601,9	7,9	Espanha	2.630,8	Angola	35,9	6,9
Chile	18.955,2	7,3	França	2.380,9	Espanha	29,3	5,7
Uruguai	17.432,3	6,7	R. Unido	2.095,3	Argentina	28,2	5,4
Angola	13.297,2	5,1	Alemanha	2.063,4	Chile	26,6	5,1
Alemanha	11.679,7	4,5	Chile	1.403,3	Alemanha	24,1	4,6
Espanha	11.137,2	4,3	Uruguai	1.336,6	Uruguai	23,3	4,5
P. Baixos	6.737,2	2,6	Argentina	1.326,1	P. Baixos	17,8	3,5
Outros	81.503,4	31,3	Outros	1.717,7	Outros	140	28,2
Total	260.138,5	100		-		517,9	100

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Em 2010, o principal destino das exportações brasileiras de móveis de madeira, em toneladas, foi o Reino Unido (11,5%), enquanto que o principal mercado em valor exportado foi a França (12,7%), sendo os dois países, mercados mais importantes tanto em *quantum* quanto em valor exportados e juntos responderam por, respectivamente, 22,1% e 24,9% do total exportado (TABELA 5).

Com relação à participação de países da Europa, além do Reino Unido e França, nota-se também importante presença de outros países como Alemanha,

Espanha e Países Baixos, entre os principais destinos das exportações de móveis de madeira do Brasil. Juntos, os cinco países foram responsáveis, em 2010, por 33,5% do *quantum* e 38,7% do valor exportados, indicando que são mais importantes devido aos preços pagos do que quantidades importadas, ou seja, há diferença em agregação de valor por mercado alvo, o que é importante para definição de estratégias.

A participação das exportações brasileiras de móveis em alguns dos principais mercados da União Européia é importante, uma vez que a maior parte do que é comercializado no bloco são advindos da Itália e Alemanha. Isto pode indicar que o produto brasileiro consegue ser competitivo no bloco econômico.

Já os EUA, que foi o quarto mercado mais importante em *quantum* exportado com participação de 7,9%, devido ao preço de exportação mais elevado, é o terceiro mercado mais importante em valor de exportação com participação de 11,3%.

Ainda, vale ressaltar a presença de Angola como um destino importante para os móveis de madeira do Brasil em 2010. Entre os principais mercados, esse país ocupou a sétima colocação no *quantum* exportado com participação de 5,1% e foi o quarto mercado mais importante em valor exportado do Brasil, 6,9%, ficando atrás apenas de França, Reino Unido e EUA.

E, finalmente, pode-se citar a presença de países do MERCOSUL entre os dez principais parceiros do Brasil, em especial a Argentina, como terceiro mercado mais importante em quantidade, com uma participação de 8,2% do total. Porém, quando se analisa a participação em valor, o país aparece como o sexto mercado mais importante para os móveis de madeira do Brasil, com participação de 5,4%.

Chile<sup>33</sup> e Uruguai também são importantes parceiros comerciais do Brasil no MERCOSUL e em 2010, foram responsáveis por 7,3% e 6,7% do *quantum* total exportados, respectivamente, no entanto, em valor exportado estes países são menos representativos, pois seus preços pela tonelada de móveis do Brasil são baixos. Somando a participação dos três países, estes respondem por 22,2% do *quantum* e 15,1% do valor exportados.

Com relação ao preço de exportação nos principais mercados para os móveis de madeira do Brasil, o que se verifica no geral, é que não há diferença significativa,

---

<sup>33</sup> País associado ao MERCOSUL.

ao nível de 5% de probabilidade, entre os preços praticados nos países desenvolvidos, TABELA 6.

TABELA 6 - DIFERENÇA DE MÉDIAS DE PREÇO ENTRE OS PRINCIPAIS DESTINOS DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL

	Grupos com médias iguais*				
	1	2	3	4	5
Angola	3.138,56				
EUA		2.216,49			
Países Baixos		2.149,60	2.149,60		
França			2.025,36	2.025,36	
Angola (2000 – 2010)			1.949,45	1.949,45	
Espanha				1.884,32	
Chile					1.136,97
Argentina					1.023,93

FONTE: A Autora (2012)

Nota: 1) \*Ao nível de 5% de significância; 2) Além de considerar uma amostragem para Angola entre 1991 até 2010, como todos os outros países analisados, considerou-se na análise a média do preço do país africano para o período de 2000 até 2010.

O que se nota, TABELA 6, é que não há uma uniformidade do preço de exportação dos móveis de madeira entre os mercados europeus, sendo que o nível de preço praticado pelos Países Baixos é mais próximo daquele praticado no mercado americano e, por sua vez, é maior que o preço de exportação no mercado espanhol, por exemplo.

Já, os países sul americanos, são os países, entre os dez principais destinos das exportações brasileiras de móveis de madeira, que pagam o menor preço pela tonelada do produto brasileiro.

Todavia, ênfase especial deve ser dada ao mercado angolano como um parceiro potencial para o Brasil. Esse mercado vem se consolidando e tornando-se um mercado de massas, e mesmo com a queda no nível de preço, TABELA 6, manteve-se num patamar acima do preço praticado pelos mercados sul americanos, com média de preço de exportação do produto brasileiro igual ao observado para os países do continente europeu.

Esta é uma constatação importante, pois ao contrário da tese muito repetida por empresários, exportar para continentes mais pobres não significa necessariamente, ao menos no caso dos móveis de madeira, vender produtos baratos ou de qualidade diferente comparativamente aos países mais ricos.

#### 4.3.3.1 Evolução do *quantum* exportado – por destino

Da TABELA 5, temos que os cinco maiores mercados, no ano de 2010, em *quantum* exportado para os móveis de madeira do Brasil, em ordem de importância, foram: Reino Unido, França, Argentina, EUA e Chile, é a evolução destes que será analisada a partir daqui.

O maior aumento da quantidade exportada foi observado para as exportações que tinham como mercado de destino o Chile, sendo que, entre 1991 e 2010, a quantidade vendida para este país aumentou em mais de 22.500%. O segundo país que mais aumentou suas importações dos móveis brasileiros foi a Argentina, 9.074,8%, seguido do Reino Unido com aumento de 3.888,9%, França 1.930,5% e por fim, o aumento observado para o mercado americano foi de 548,9%.

Vale ressaltar que, o menor crescimento observado para o mercado americano é devido ao fato de que este país já importava uma quantidade grande de móveis de madeira em 1991, situação que não é observada para os demais países, e uma vez que, os mesmos partiram de bases iniciais pequenas de importação, os percentuais de crescimento parecem extremamente grandes.

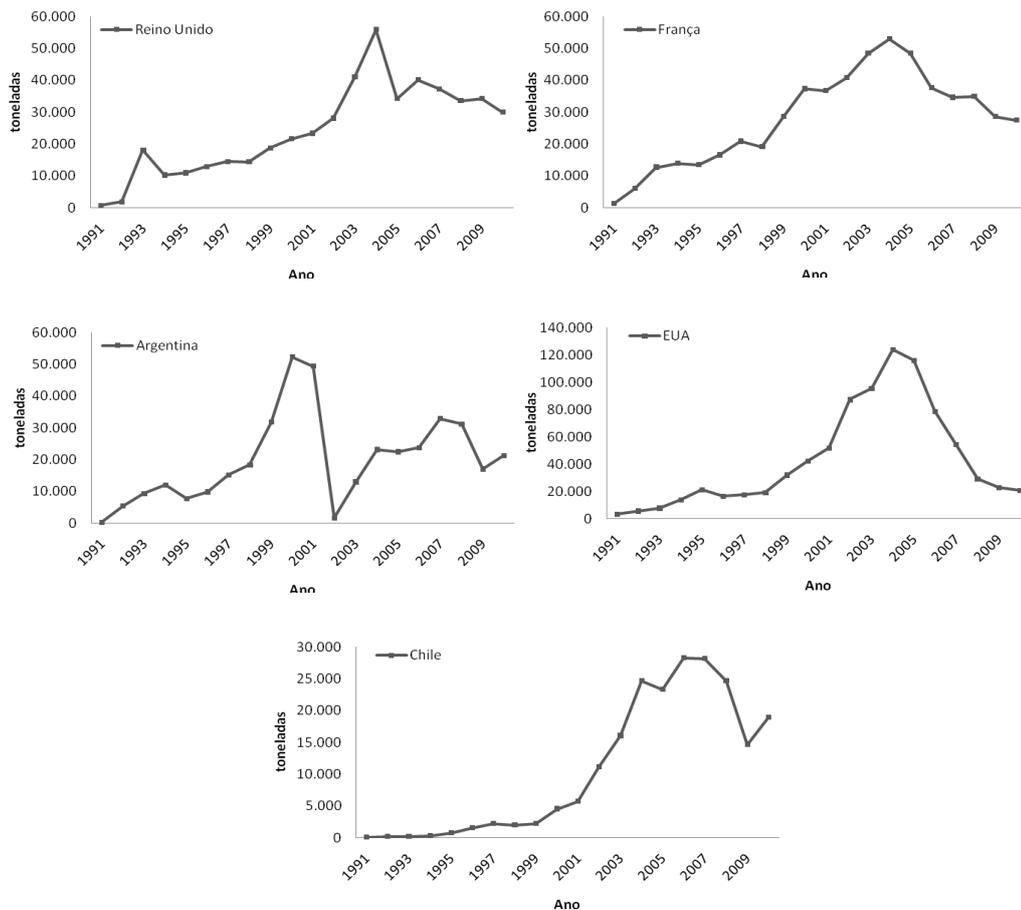


FIGURA 15 - TOP 5 DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991- 2010, EM TONELADAS  
 FONTE: SECEX (2011)

Com relação à tendência da evolução do *quantum* exportado para cada destino, no geral o que se observa é que para os cinco países, as exportações brasileiras cresceram até certo período, sofrendo quedas após, porém em anos diferentes. No entanto, o que se verifica, FIGURA 15, é uma maior semelhança entre os países da Europa na evolução das exportações.

No período de crescimento, novamente as exportações para o mercado chileno foram as que apresentaram maiores aumentos, porém esse resultado é acompanhado da mesma ressalva com relação à reduzida base inicial das exportações brasileiras para este país. Também foi para o mercado chileno que se observou a menor redução da quantidade exportada nos últimos anos, - 49,1%, enquanto que para o mercado americano verificou-se a maior queda das exportações de móveis do Brasil, - 501,6%, entre os anos de 2004 e 2010.

Assim, merece destaque a participação do mercado americano nas exportações brasileiras pois, passou de primeiro mercado em importância no ano de 1991 para quarto em 2010.

No geral, o que se verificou para as exportações brasileiras de móveis para os EUA foi um forte crescimento até o ano de 2004, e queda quase que proporcional nos anos seguintes (FIGURA 15).

Até o ano de 2007 o Estados Unidos foi o principal mercado para os móveis brasileiros, com participações expressivas, chegando a 32,7% no ano de 2002 (FIGURA 15). Neste ano, sozinho, o país comprou do Brasil mais de 87 mil toneladas de móveis, 35 mil toneladas a mais que no ano anterior, um aumento de 69,1%.

No ano de 2002, as importações americanas cresceram 16,3% com relação a 2001 (UNCOMTRADE, 2012), indicando que o Brasil acompanhou o bom desempenho do mercado americano que encontrava-se com sua demanda aquecida.

Já no final do período, mesmo com quedas seguidas, o destino dos EUA ainda foi responsável pela compra de 20,6 mil toneladas dos móveis brasileiros, ou 7,9% do total exportado pelo Brasil em 2010, mostrando a importância deste país para as vendas de móveis de madeira do Brasil, pois é um mercado de grandes dimensões.

Entre as causas para o desempenho das vendas de móveis de madeira do Brasil para os EUA pode ser citado o esforço brasileiro para ampliar o comércio com esse mercado, principalmente no período de 1998 a 2002, quando foi criado o programa de incremento às exportações do setor moveleiro– o Promóvel.

No programa, os EUA era tido como o principal mercado-alvo para as exportações brasileiras, sendo que esse mercado foi estudado profundamente para tentar identificar as características e necessidades de seus consumidores, assim como levantar o potencial do mercado norte-americano e incrementar as exportações de móveis do Brasil neste mercado (ABIMÓVEL, 1999, p. 138).

No entanto, há controvérsias do real estímulo que o programa proporcionou às exportações brasileiras em direção ao mercado americano.

Com relação aos resultados do programa, os empresários do setor foram questionados sobre os incrementos na exportação, a partir da implantação do Promóvel, sendo unânimes em afirmar que o aumento nas exportações não foi

proporcionado pela adesão das empresas ao programa e sim resultaram de outros fatores, como, por exemplo, o câmbio favorável na época da implantação das ações (GUIMARÃES, 2006 p.74).

Todavia, olhando pelo lado da demanda, o repentino crescimento e queda das exportações brasileiras de móveis em direção ao mercado norte-americano parece estar ligado à forte aceleração na indústria da construção imobiliária dos EUA até meados de 2005, quando começou-se a observar declínio neste mercado. Segundo o *U.S. Census Bureau - USCB*<sup>34</sup> (2010, *apud* ALMEIDA, 2010, p. 75), o número de casas iniciadas reduziu a uma taxa média de 33% ao ano entre 2005 e 2009, caindo de aproximadamente 2 milhões de moradias iniciadas em 2005 para cerca de 500 mil em 2009.

A participação dos demais países nas exportações brasileiras de móveis de madeira pode ser visualizada na FIGURA 16.

---

<sup>34</sup> USCB. United State Census Bureau. Disponível em: <<http://www.census.gov/>>. Acesso em: 07 de nov. 2010.

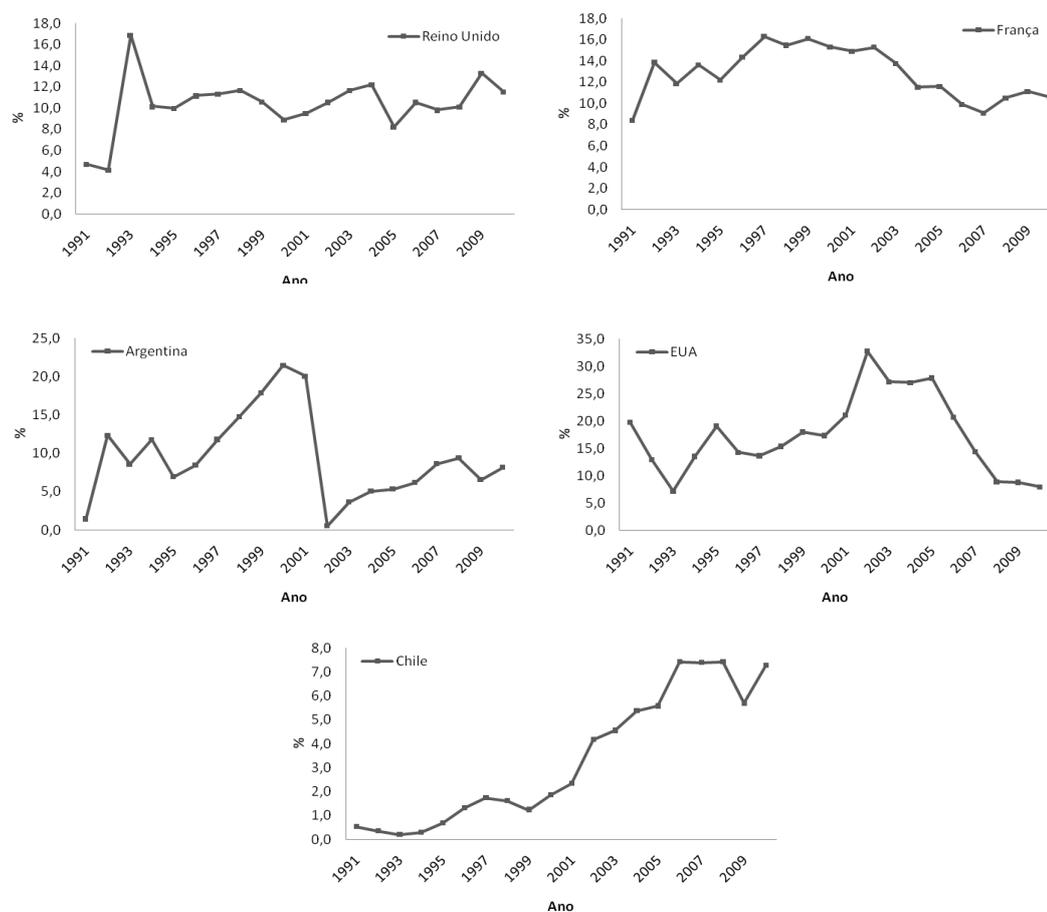


FIGURA 16 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS MERCADOS NO QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL 1991 A 2010  
 FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Reino Unido e França foram os países que mantiveram mais constantes suas participações no comércio de móveis com o Brasil, exceto nos primeiros anos do período analisado. O que se verifica para estes dois países é que nos últimos anos, mesmo com queda da quantidade exportada houve aumento da sua participação nas exportações brasileiras de móveis, pois a queda nas quantidades exportadas para o Reino Unido e França foi menos que o proporcional observado para a queda do total.

Os mercados do Reino Unido e da França têm reconhecimento internacional como mercados de elevado padrão de consumo (Rosa *et al.* (2007, p. 99). Essa informação dá a dimensão da importância das exportações brasileiras para estes países, uma vez que, reflete gostos dos consumidores com relação a produtos de maior valor agregado.

Já, a Argentina, também um importante mercado consumidor dos móveis brasileiros, apresentou bastante variação da sua participação durante o período

analisado. A participação que, em 1991 era de 1,4% do total vendido do Brasil e em 2010 foi de 8,2% e chegou a ser 0,6% no ano de 2002.

Um dos motivos para a drástica queda das importações argentinas dos móveis brasileiros está ligado ao período recessivo pelo qual o País passou e que teve seu ápice entre o final de 2001 e início de 2002, no entanto, em termos gerais, pode-se afirmar que esse comportamento foi atípico, uma vez que, nos anos seguintes, as exportações brasileiras para o país retomaram seu crescimento.

Somando-se a isso, vale lembrar que a Argentina impõe obstáculos à livre entrada dos móveis brasileiros, sendo que, entre outras, havia uma manobra que obrigava os exportadores brasileiros de móveis a se deslocarem até um consulado argentino para obter o chamado visto consular para a entrada dos móveis brasileiros no país vizinho. Em meados de 2009 o governo argentino sinalizou a intenção de acabar com a exigência do visto consular, e após fortes pressões do governo brasileiro, foi efetivado o cancelamento desta exigência no final do mesmo ano.

Ainda falando em comércio do Brasil entre os países Sul-americanos, destaca-se a participação do Chile nas vendas brasileiras de móveis de madeira, que passou de 0,5% em 1991 para 7,3% em 2010, sendo que neste ano, foi o único, entre os cinco países, que não apresentou queda de participação com relação a 2009.

Entre os fatores para a intensidade de comércio da indústria moveleira do Brasil com países do MERCOSUL, pode-se citar, além da ausência de barreiras, a proximidade geográfica da maior concentração de empresas produtoras de móveis para exportação, os pólos de São Bento do Sul/SC e Bento Gonçalves/RS. Somando-se a isso, Roese (2003, p. 94), cita ainda a facilidade para exportar no interior do MERCOSUL.

Com relação ao papel do comércio Intra-MERCOSUL, Seabra (2008, p. 56) afirmou que este pode expressar desvio de comércio, ou seja, existe estímulo ao comércio intra-regional devido à preferência tarifária estabelecida pela união aduaneira.

O Brasil é o principal vendedor de móveis ao mercado argentino, sendo que em 2010 foi responsável por 78,9% das importações argentinas deste produto (UNCOMTRADE, 2012). O restante das importações da Argentina é advindo, praticamente, de mercados asiáticos como a China, Malásia e Indonésia.

Situação semelhante é observada para as importações chilenas, das quais o Brasil também é o parceiro mais importante, sendo responsável por 32,8% (UNCOMTRADE, 2012) das compras de móveis de madeira por este país.

#### 4.3.3.2 Evolução do preço real unitário de exportação – por destino

Ainda da TABELA 5, tem-se que, os preços reais de exportação mais elevados, no ano de 2010, são pagos pelos Estados Unidos, Angola, Países Baixos, Espanha e França, dos quais, será avaliada como foi a evolução no período de 1991 a 2010.

Durante o período analisado, foram verificadas amplas variações nos preços de exportação em cada mercado, FIGURA 17.

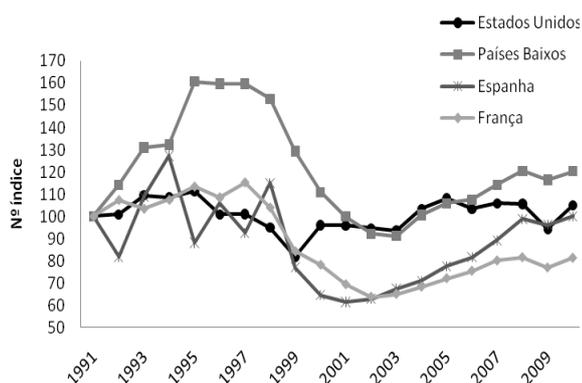


FIGURA 17 - VARIAÇÃO DO PREÇO REAL DE EXPORTAÇÃO PARA OS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL EM SEUS PRINCIPAIS MERCADOS 1991/2010  
 FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Devido a grandes diferenças, não somente com relação aos demais países, para os quais o Brasil exporta, mas também aos altos valores, não será apresentada, neste momento, a evolução dos preços no mercado angolano.

Os preços de exportação para o mercado norte-americano foram os que se apresentaram mais constantes, com poucas variações no período. Por sua vez, o preço da tonelada exportada para os Países Baixos foi o que apresentou as maiores variações positivas, e as maiores variações negativas foram observadas para os preços de exportação na Espanha e na França, sendo que a variação dos preços dos dois países ficou abaixo de cem desde o ano de 2000 (FIGURA 17).

Assim, além da variação nos preços de cada um dos cinco países, é importante avaliar o que ocorreu individualmente no mercado, pois, as mudanças que afetaram diretamente a produção da indústria moveleira no Brasil, sozinhas, não são capazes de explicar o preço de exportação porque este é também condicionado a questões inerentes ao mercado interno de cada país comprador dos móveis brasileiros.

Por isso, a partir deste ponto inicia-se a análise individual do preço praticado em cada mercado de destino das exportações de móveis do Brasil.

O maior aumento de preço no período analisado foi observado para os preços de exportação para a Angola, 159,4%, sendo que o segundo maior aumento foi verificado no preço de venda para os Países Baixos, 20,3% e o preço de exportação para a Espanha foi praticamente o mesmo do observado em 1991. Já, o preço no mercado americano aumentou em 10,7%. E a única redução de preço foi observada para as exportações com destino à França, -18,7%.

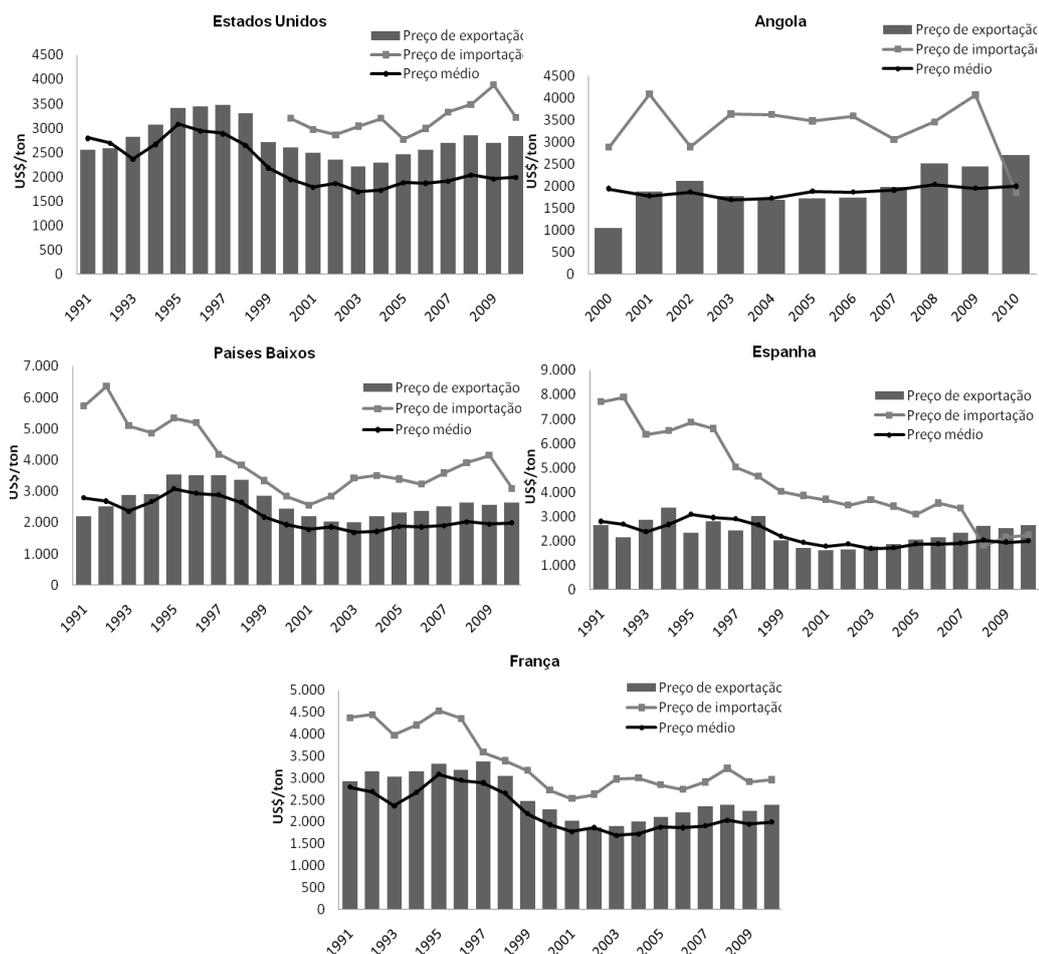


FIGURA 18 - EVOLUÇÃO DO PREÇO UNITÁRIO DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS BRASILEIROS PARA OS PRINCIPAIS DESTINOS 1991/2010

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011) e UNcomtrade (2011)

NOTA: 1) Não foi possível calcular o preço de importação nos EUA entre os anos de 1991 e 1999 por indisponibilidade dos dados sobre quantidade importada, portanto, não será feita nenhuma inferência sobre os preços de importação deste período. 2) Os dados de importação da Angola também não estavam disponíveis e neste caso, optou por usar como *proxie*, os dados de preço de exportação da China para este país por ser o maior exportador mundial de móveis na atualidade. 3) Preço médio refere-se ao preço médio de exportação dos móveis do Brasil para os dez maiores mercados. 4) Preço de importação refere-se ao preço dos móveis de madeira importado por cada um dos países.

O que se observa, no geral é que os preços de exportação de móveis de madeira para os EUA, Países Baixos e França foram mais elevados do que o preço médio de exportação deste produto, FIGURA 18, praticamente em todo o período.

Dos países da Europa, Países Baixos e França apresentaram níveis de preço bastante semelhantes entre si, variando dentro de uma faixa de US\$ 1.900 a US\$ 3.500/tonelada, já, o preço de exportação para a Espanha foi mais inconstante, não apresentando clara tendência, principalmente nos primeiros anos analisados.

Com relação ao preço de importação em cada um dos mercados selecionados, FIGURA 18, em todos os países verificou-se que os preços dos

móveis brasileiros estavam abaixo do preço de importação deste produto no referido mercado, sendo que, em geral, acompanharam a queda observada nos preços de importação. Somente na Espanha e Angola que os móveis brasileiros tiveram preços acima do preço de importação, no entanto, só nos últimos anos do período analisado.

Lembrando que para medida de análise, no mercado angolano foi necessário efetuar a comparação com o preço de exportação da China (maior exportador mundial) para este país. O que significa dizer neste caso, que as exportações chinesas de móveis de madeira conseguem melhores preços na Angola do que aqueles pagos pelos móveis brasileiros, sugerindo que os móveis da China não só competem via preço ou que seus produtos são de baixa qualidade, ao menos para as vendas de móveis de madeira no mercado angolano.

A diferença da média do preço dos móveis brasileiros e os móveis chineses no mercado angolano é de 69,6%, o que pode indicar, entre outros, que a China atua em um segmento de móveis de madeira com maior valor agregado e, que olhando somente pelos níveis de preços, o Brasil não compete com a China no mercado angolano, pois podem estar atuando em segmentos diferentes.

Com relação aos demais países, a maior diferença da média dos preços do produto brasileiro e a média do preço de importação do mesmo produto de outros mercados foi verificada para o mercado espanhol, 93,1%, devido principalmente ao alto nível dos preços de importação no início do período. A segunda maior diferença entre o preço brasileiro e o preço de importação foi nos Países Baixos, sendo que a diferença da média dos preços brasileiros e os preços de importação foi de 51%. Já, na França, essa diferença foi menor, 31,3%, mostrando que os preços brasileiros estão mais próximos do preço de importação dos móveis de madeira de outros países.

Por fim, vale destacar a dinâmica dos preços de móveis de madeira no mercado dos EUA. Neste país foi observado a menor diferença da média do preço de exportação do produto brasileiro e aquela para o produto dos demais países que são parceiros comerciais dos EUA.

No mercado americano, a média dos preços dos móveis brasileiros é somente 13,7% menor do que a média do preço de importação deste produto pelos EUA, o que levar a reafirmar a enorme importância deste mercado para as exportações brasileiras, uma vez que, além dos melhores preços para o produto brasileiro, foi por

muitos anos o maior mercado para os móveis do Brasil, deixando de o ser somente a partir dos anos em que começou a enfrentar a crise na sua economia.

#### 4.3.3.3 Evolução do valor real de exportação – por destino

E, finalmente, da TABELA 5, tem-se como principais parceiros do Brasil, no ano de 2010, em valor de exportação dos móveis de madeira: 1) França, 2) Reino Unido, 3) Estados Unidos, 4) Angola e 5) Espanha, para os quais será analisada a evolução de comércio no período de 1991 a 2010 (ver QUADRO 10 no anexo).

No período de análise, os valores de exportação para o Reino Unido foram os que mais aumentaram, sendo que, entre 1991 e 2010, o valor exportado para este país aumentou em mais de 13.000%, e, por sua vez, o país para o qual o Brasil menos aumentou suas exportações, no mesmo período, foi os EUA, 618%.

Todavia, vale lembrar que esses valores são resultados do observado na base inicial de análise, onde o Reino Unido importava uma quantidade muito pequena de móveis de madeira, enquanto que os EUA já tinham uma participação mais significativa no ano de 1991, o que leva a parecer que cresceu menos em percentual do que o observado para o Reino Unido.

Com relação à tendência da evolução, FIGURA 19, o que se verificou para os cinco países foi crescimento até determinado período e queda após, no entanto, esse comportamento se dá em anos e intensidades diferentes para cada país.



FIGURA 19 - PRINCIPAIS DESTINOS DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991- 2010, EM VALOR (US\$)  
 FONTE: SECEX (2011)

No geral, se observa crescimento bastante intenso para todos os mercados estudados, no entanto, quanto às quedas no final do período os países foram afetados de forma diferente, sendo que, França e Reino Unido apresentaram reduções menos acentuadas, enquanto que os valores de exportação para o mercado americano foram fortemente reduzidos, 391,7%, entre os anos de 2005 e 2010. Já para as exportações com destino à Angola, a redução nos valores só se deu a partir de 2008, e as com destino à Espanha finalizaram 2010 com tendência de aumento.

Das discussões anteriores tem-se que, EUA e França são dois destinos importantes para as exportações dos móveis brasileiros tanto em *quantum* exportado como em preço pago pela tonelada, sendo natural, os dois países apresentarem grandes participações percentuais no valor de exportações, FIGURA 19.

Devido ao tamanho que os EUA já representaram nas exportações brasileiras de móveis de madeira, este é um mercado bastante importante para Brasil. Além

disso, é o mercado em que os móveis brasileiros recebem os melhores preços de exportação.

No entanto, conforme afirmou DECOMTEC/FIESP (2009, p. 41), a taxa de penetração brasileira neste mercado é de apenas 1,2%, o que quer dizer que o Brasil é responsável por somente uma pequena parte do total das compras estadunidenses de móveis. Ainda assim, essa parcela de vendas de móveis brasileiros para este mercado representou por muitos anos o maior mercado consumidor dos móveis brasileiros exportados, posição essa perdida para a França.

A França é um mercado que mais importa móveis do que exporta (PEREIRA, 2009, p. 31). Nota-se, na FIGURA 19, que as importações dos móveis brasileiros pelo mercado francês aumentaram consideravelmente no período analisado, 1.550,7%, tornando-a um importante destino para as vendas de móveis do Brasil.

Já, o Reino Unido, como segundo mercado mais importante em valor exportado, apresenta esse resultado devido à grande quantidade em toneladas exportadas, sendo que não apareceu entre os cinco mercados com os melhores preços para os móveis brasileiros. Igualmente ao observado para a Argentina e o Chile.

Assim, das análises anteriores, é possível verificar que Argentina e Chile aparecem entre os cinco principais em *quantum* exportado, mas não estão entre os cinco principais em valor de exportação o que indica que são parceiros importantes principalmente em quantidade.

Situação oposta é observada para Angola e Espanha. Estes mercados não aparecem entre os cinco principais parceiros do Brasil em *quantum* exportado, porém, estão entre os maiores preços o que resulta em importantes participações no valor de exportação e por isso, são compradores importantes dos móveis do Brasil.

Já, com relação à participação, FIGURA 20, dos cinco maiores mercados nas exportações totais de móveis de madeira do Brasil, o mercado americano foi o único país a reduzir sua participação, passando de 18,1% em 1991 para 11,3% em 2010, no entanto, ao longo do período de análise, este país chegou a ser responsável por 41,3% do total exportado pelo Brasil no ano de 2002.

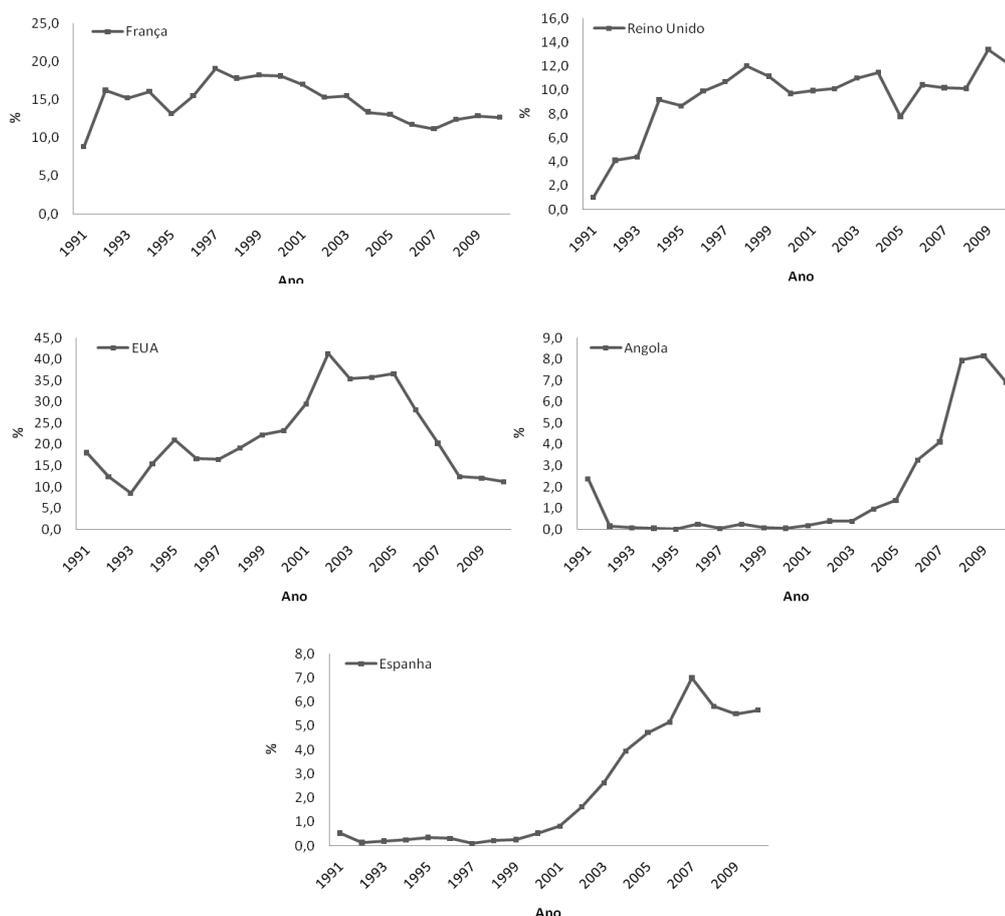


FIGURA 20 - EVOLUÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS PRINCIPAIS MERCADOS NO VALOR DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL 1991 A 2010  
 FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

Por sua vez, o Reino Unido aumentou sua participação de 1% no início do período para 12,2% em 2010, sendo o país que mais ampliou sua participação no total das exportações brasileiras. Já, a França foi o mercado que manteve participação mais constante, pois possuía, em 1991, um *market share* elevado, 8,8%, e finaliza 2010 com 12,7% do mercado brasileiro de móveis de madeira.

Destaque para as participações dos mercados espanhol e angolano, sendo que estes dois países apresentaram grande crescimento a partir dos primeiros anos da década de dois mil. Ambos, países participavam com menos de 1% do mercado brasileiro nos anos noventa, ampliaram suas importações do Brasil e em 2010 a Espanha foi responsável por 6,9% e a Angola por 5,7% das vendas dos móveis brasileiros.

O aumento expressivo da participação do mercado angolano nas exportações brasileiras veio se mostrando, ao longo do período, como uma opção de

diversificação de mercados para o Brasil, a se considerar os mais tradicionais como o EUA, os mercados da Europa e do MERCOSUL.

Para finalizar este capítulo, em resumo pode-se afirmar que o Reino Unido e França são importantes parceiros do Brasil no comércio de móveis de madeira devido à quantidade exportada, enquanto que EUA é um parceiro importante tanto pela quantidade importada do Brasil quanto pelo preço pago pela tonelada dos móveis brasileiros. E Angola vem se mostrando um mercado importante para as exportações brasileiras de móveis de madeira.

#### 4.4 TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA

O cálculo das taxas de crescimento das exportações possibilitou realizar comparações de qual foi o desempenho das exportações brasileiras do setor moveleiro *versus* as exportações totais.

Comparativamente, a taxa de crescimento do *quantum* exportado de móveis de madeira foi maior que as exportações de outros móveis e as exportações totais, no período de 1991 a 2010, sendo que o crescimento observado foi 12,6% a.a., 7,5% a.a. e 6,6% a.a., respectivamente (TABELA 7). O mesmo foi observado para o valor de exportação, ou seja, a maior taxa de crescimento no período foi observada para os móveis de madeira.

Com relação ao preço de exportação, também é observada, no mesmo período, taxa de crescimento superior para os móveis de madeira em comparação ao aumento do preço de exportação dos outros móveis. Durante as duas últimas décadas, os preços de exportação de móveis de madeira cresceram a uma taxa de 4,3% a.a., enquanto que para os outros móveis, o preço de exportação cresceu à taxa de 1,4% a.a.

O cenário de maior crescimento para as exportações de móveis de madeira, em comparação ao observado para outros móveis e as exportações totais do Brasil, indica que o setor moveleiro foi altamente dinâmico no período, aproveitando de forma mais intensa os fatores que favoreceram as exportações durante as duas últimas décadas.

TABELA 7 - TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS E DE MÓVEIS 1991/2010

TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES - (%) a.a./período								
PERÍODO	MÓVEIS DE MADEIRA			OUTROS MÓVEIS			EXPORTAÇÕES TOTAIS - BR	
	QUANTUM	PREÇO	VALOR	QUANTUM	PREÇO	VALOR	QUANTUM	VALOR
1991 a 2000	24,2	-2,4	21,2	9,7	-2,1	7,3	4,3	3,0
2001 a 2010	-0,42	1,6	0,16	0,7	8,3	9,1	7,2	12,9
1991 a 2010	12,6	4,3	9,7	7,5	1,4	8,9	6,6	7,4

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

No entanto, quando se divide em subperíodos, os resultados mostram que o crescimento das exportações de móveis de madeira se deu de forma mais intensa durante a década de 90, sendo que, nos anos seguintes a quantidade exportada apresentou taxa de crescimento negativa.

Durante os anos de 1991 a 2000, a taxa de crescimento do *quantum* exportado de móveis de madeira foi de 24,2% a.a., 9,7% a.a. foi a taxa de crescimento para os outros móveis e as exportações totais do Brasil cresceram à taxa de 4,3% a.a.

Cabe aqui, fazer uma ressalva quanto à elevada taxa de crescimento das exportações de móveis na década 90. Conforme afirmam Coelho (2004, p. 100) e Franzoni (2005, p.53), ao analisar o crescimento das exportações de móveis, deve-se ressaltar a reduzida base inicial das exportações nos primeiros anos daquela década e também a melhoria da capacidade produtiva do setor no período.

Porém, como a reduzida base inicial das exportações era tanto para os móveis de madeira quanto para os outros móveis, o que fica evidente com os resultados da taxa de crescimento é que a indústria de móveis de madeira se desenvolveu de forma mais intensa, ampliando suas exportações mais que o proporcional observado para a indústria de móveis com outras matérias-primas.

Ainda, com relação ao desempenho nos anos 90, há outros fatores que podem ser associados ao bom desempenho do Brasil quanto às exportações de móveis de madeira naquele período.

Para Franzoni (2005, p.53), o setor moveleiro teve um bom desempenho na década de 90 devido ao crescente aumento da destinação da produção doméstica para exportação. Já para Gorini (2000, p.34), o forte investimento na renovação do parque de máquinas, favoreceu as exportações do Brasil.

Corroborando, Rangel<sup>35</sup> (1993, citado por Coelho, 2004, p. 101) destaca que o crescimento das exportações de móveis brasileiros foi devido, principalmente, a: melhoria da capacidade produtiva; transformações no Leste Europeu (que permitiram ao Brasil exportar para os mercados que antes eram supridos por outros países); avanço das negociações do MERCOSUL e um grande salto tecnológico da indústria moveleira.

Contudo, analisando detalhadamente cada um dos apontamentos de Rangel (1993), todos foram impulsionadores de crescimento das exportações de móveis de madeira, exceto o que o autor se refere como transformações no Leste Europeu. E mesmo que estas transformações tenham existido, os mercados do Leste Europeu nem sequer aparecem entre os dez principais mercados para os móveis brasileiros, e um aumento das exportações destinadas a estes países não seria tão perceptível assim. O que se observou no período, e que realmente somou para o resultado das exportações brasileiras de móveis, foi aumento das exportações para outros países da Europa, como a Alemanha, a França, o Reino Unido, entre outros.

Por sua vez, para Rosa *et al.* (2007, p. 99), as exportações de móveis de madeira fazem distinções entre tipos de crescimento.

Segundo os autores acima, entre os anos de 1990 e 1995, as taxas médias de crescimento anuais se explicam, em parte, pela reduzida base inicial de exportações naquele período, pela melhoria da capacidade produtiva da indústria e pelo câmbio favorável. Já, a partir de 1995, observa-se um crescimento menos expressivo em função do câmbio desfavorável, sendo que, do ano de 1998 até 2005, o câmbio foi, mais uma vez, um dos principais fatores que impulsionaram as exportações brasileiras de móveis (ROSA *et al.*, 2007, p.99).

Todavia, quando se analisa os resultados, TABELA 7, das taxas de crescimento do valor de exportação no período de 1991 a 2000, nota-se que estas não apresentaram a mesma intensidade do que o observado para o *quantum* exportado, pois o valor de exportação sofreu influência da taxa negativa de crescimento do preço.

Durante os anos 90, a taxa de crescimento do valor das exportações de móveis de madeira foi de 21,2% a.a., outros móveis apresentou crescimento de

---

<sup>35</sup> RANGEL, A. Competitividade da indústria de móveis de madeira. In: Universidade Estadual de Campinas. **Estudo da competitividade da Indústria brasileira**. Campinas: Unicamp, 1993, v. 10, p. 84.

7,3% a.a., enquanto que as exportações totais do Brasil cresceram à taxa de, apenas 3,3% a.a. (TABELA 7).

Já, os preços de exportação, tanto de móveis de madeira como de outros móveis, apresentaram taxa negativa de crescimento no mesmo período, sendo, - 2,3% a.a. e - 2,1% a.a., respectivamente.

Situação oposta é verificada no segundo subperíodo durante os anos de 2001 a 2010, pois nestes anos, a taxa de crescimento do preço de exportação, dos móveis de madeira e outros móveis, foi positiva, enquanto que para o *quantum* exportado observou-se redução na taxa de crescimento e no caso dos móveis de madeira, esta foi até negativa.

Na segunda década analisada, as taxas de crescimento, TABELA 7, do *quantum* exportado foram: -0,42% a.a. para os móveis de madeira, 0,7% a.a. para outros móveis e 7,7% a.a. para as exportações totais do Brasil. Com relação ao valor de exportação, obtiveram-se os seguintes resultados: 0,16% a.a. foi o crescimento as exportações de móveis de madeira, 9,1% a.a. cresceram as exportações de outros móveis e as exportações totais do Brasil aumentaram à taxa de 12,9% a.a. E, por fim, os preços de exportação para os móveis de madeira e outros móveis cresceram às taxas de 1,6% a.a. e 8,3% a.a., respectivamente.

Comparando-se os dois subperíodos analisados, pode-se dizer que, as taxas de crescimento do valor das exportações para os outros móveis apresentaram uma maior estabilidade, fato não observado para as taxas de crescimento de móveis de madeira e para as exportações totais, sendo que, estas mostraram variações significativas entre um período e outro.

E, por fim, o que se pode dizer do valor de exportação dos móveis de madeira é que a baixa taxa de crescimento observada, comparativamente ao primeiro subperíodo, é reflexo da taxa negativa de crescimento da quantidade exportada naquele período. Já, para os móveis em geral, o que se observa no segundo subperíodo é aumento, maior que no período anterior, na taxa de crescimento do valor exportado, sendo que este resultou do aumento na taxa de crescimento dos preços destes móveis e não do *quantum* exportado.

#### 4.4.1 Taxa de crescimento por país de destino

Com relação aos principais destinos das exportações brasileiras de móveis de madeira, TABELA 8, verifica-se que os maiores ganhos, tanto em *quantum* exportado como em valor de exportação, ocorreram no primeiro período quando todos os países de destino apresentaram taxas de crescimento positivas.

TABELA 8 - TAXA DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA PARA OS PRINCIPAIS PARCEIROS (%) a.a.

QUANTUM			PREÇO			VALOR		
PAÍS	P1	P2	PAÍS	P1	P2	PAÍS	P1	P2
Reino Unido	32,7	0,9	EUA	1,0	2,4	França	27,8	-2,3
França	30,8	-4,9	Angola	-11,2	4,0	Reino Unido	47,8	3,2
Argentina	48,9	9,5	Países baixos	1,9	3,1	EUA	29,1	-12,8
EUA	27,8	-14,9	Espanha	-2,9	6,3	Angola	0,5	58,8
Chile	55,3	9,8	França	-2,2	2,7	Espanha	22,7	22,6
Outros	16,5	5,8	Reino unido	11,3	2,2	Outros	15,8	6,0

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

NOTA: P1 refere-se ao período de 1991 a 2000; P2 refere-se ao período de 2001 a 2010.

Entre os países analisados para o *quantum* exportado, a maior taxa de crescimento observada, TABELA 8, em P1 foi para o Chile, 55,3% a.a., e as exportações para os EUA foram as que apresentaram o menor crescimento entre os cinco, 27,8% a.a. Já, para os preços de exportações, observou-se que o maior crescimento no período foi apresentado pelo Reino Unido, 11,3% a.a., enquanto que Angola<sup>36</sup> apresentou redução de seus preços, a uma taxa de -11,2% a.a., entre 1991 a 2000. E, finalmente, para o valor de exportação a maior taxa de crescimento foi observada para as exportações para o Reino Unido, 47,8% a.a. e o menor crescimento foi para as vendas direcionadas ao mercado angolano, 0,5% a.a.

Por sua vez, quando se verifica as taxas de crescimento em P2, nota-se que todos os países analisados com relação ao *quantum* exportado, reduziram suas taxas de crescimento comparativamente a P1, sendo que o mesmo foi observado para o valor exportado, exceto para as exportações que se destinavam à Angola. Situação inversa é verificada nos resultados da taxa de crescimento do preço de exportação, pois neste, o que se vê são taxas de crescimento maiores daquelas observadas entre os anos de 1991 a 2000.

<sup>36</sup> Vale lembrar que, há possíveis equívocos com os dados de exportação para Angola no primeiro período, conforme foi ressaltado em análises anteriores, e por isso, será analisado somente o P2 para este País.

Durante os anos de 2001 a 2010, novamente as exportações para o Chile e EUA apresentaram maior (9,8% a.a.) e menor (-14,9% a.a.) taxa de crescimento, respectivamente, entre os países analisados com relação ao *quantum* exportado. Quando se analisou a taxa de crescimento do preço de exportação no mesmo período, as vendas para a Espanha apresentaram maior taxa de crescimento do preço, 6,3% .a.a., e o preço de exportação para o Reino Unido foi o que apresentou a menor taxa de crescimento, 2,2% a.a. E, por fim, para o valor de exportação, as compras pelo mercado angolano foram as que apresentaram maior taxa de crescimento, 58,8% a.a. e o mercado estadunidense foi o que mais reduziu suas compras dos móveis brasileiros, -12,8% a.a. (TABELA 8), confirmando o observado na análise descritiva sobre os destinos de exportação.

Considerando a importância do mercado para as exportações brasileiras de móveis de madeira, pode-se dizer que, no geral, os EUA foi o país que mais influenciou no resultado das vendas externas do setor moveleiro, sendo possível afirmar, que a taxa negativa do crescimento para o *quantum* das exportações de móveis de madeira (ver TABELA 7) foi reflexo da taxa negativa do crescimento aqui observada, uma vez que, conforme já discutido antes, o mercado americano, sozinho, chegou a comprar mais de 30% da quantidade exportada de móveis do Brasil.

Ainda, merece destaque a grande dinâmica apresentada nas exportações para a Angola que mostrou elevado aumento na taxa de crescimento do valor exportado entre um período e outro, indicando ser um destino potencial para o redirecionamento das exportações não mais absorvidas pelo mercado americano.

No geral, o que se pode dizer, é o que os mercados menos tradicionais (ou menos importantes) como parceiros comerciais do Brasil se mostraram, na segunda década analisada, como oportunidades a serem exploradas, a exemplo da Espanha, que, como vimos antes, aumentou sua participação significativamente nas exportações brasileiras. Os vizinhos, Argentina e Chile, apesar de não estarem entre os países que melhor pagam pelos móveis do Brasil, apresentaram alta dinâmica nas taxas de crescimento de compra da indústria brasileira de móveis.

Por outro lado, as taxas de crescimento das exportações de móveis do Brasil também são reflexos da variação nas importações dos países selecionados. Quando se fala de móveis em geral, incluindo os móveis de madeira, DECOMTEC/FIESP (2009, p. 38), afirma que as importações realizadas pelos principais países de

destino das exportações brasileiras, aumentaram seu valor exportado, em média, 70% entre os anos de 2001 a 2006.

Neste sentido, dos países para os quais o Brasil mais aumentou suas exportações, merece destaque o Chile e Espanha que tiveram alto crescimento de suas importações e alto crescimento da importação de móveis brasileiros, o que equivale dizer que o Brasil aproveitou a expansão desses mercados. O Chile aumentou suas importações mundiais em 155% entre os anos de 2001 e 2006, e suas importações brasileiras em 475% no mesmo período; para a Espanha o aumento de suas importações de móveis brasileiros foi ainda mais significativo: 930%, sendo que o aumento de suas importações mundiais foi de 171% no mesmo período (DECOMTEC/FIESP, 2009, p. 38).

#### 4.5 ESTRUTURA DO MERCADO BRASILEIRO DE MÓVEIS DE MADEIRA

##### 4.5.1 Razões de concentração - $CR_k$

As exportações brasileiras de móveis de madeira são pouco diversificadas quanto aos mercados de destino, 10 países absorveram, em 2010, mais de 70% do total das exportações do Brasil, entretanto, os principais países de destino variaram durante as duas décadas estudadas.

Ao longo do período de análise, os países que representaram o  $CR_4$  foram: EUA, França, Reino Unido, sendo que estes sempre estiveram entre os quatro principais, enquanto a Alemanha só esteve entre eles até o ano de 1999. Após 1999, o quarto país mais importante não se manteve constante, mudando entre a Espanha, Países Baixos e nos últimos anos a Angola.

A concentração dos quatro maiores mercados individuais para a exportação de móveis, TABELA 9, variou de 42,8% a 73,4% com média de 61,1%, indicando, no geral, concentração moderada, conforme classificação utilizada por Medeiros & Reis (1999), sendo que o  $CR_4$  para as exportações de móveis de madeira variou de baixa concentração (B.C.) a alta concentração (A.C.), passando por períodos de concentração moderada (C.M.).

O maior índice de concentração dos quatro principais mercados foi observado no ano de 2002 (73,4%), enquanto que o menor índice ocorreu no ano de 2008 (42,8%), ambos na década de dois mil, indicando que as maiores mudanças de tendência com relação ao valor de exportação para os principais destinos das exportações brasileiras de móveis foram vinculadas aos acontecimentos ocorridos nos anos de dois mil.

TABELA 9 - EVOLUÇÃO DO ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO, EM VALOR (CR<sub>4</sub> E CR<sub>8</sub>) DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA, 1991 A 2010

ANO	CR4	Níveis de Mercado (CR4)	CR8	Níveis de Mercado (CR8)
1991	61,2	C.M.	66,4	B.C.
1992	69,3	A.C.	79,0	C.M.
1993	69,5	A.C.	82,5	C.M.
1994	61,2	C.M.	82,7	C.M.
1995	68,2	A.C.	84,6	C.M.
1996	67,0	A.C.	85,5	A.C.
1997	66,6	A.C.	88,2	A.C.
1998	63,4	C.M.	<b>90,4</b>	A.C.*
1999	63,4	C.M.	89,4	A.C.
2000	64,0	C.M.	87,2	A.C.
2001	68,4	A.C.	85,0	A.C.
2002	<b>73,4</b>	A.C.	82,8	C.M.
2003	68,4	A.C.	79,5	C.M.
2004	65,9	A.C.	78,8	C.M.
2005	62,2	C.M.	76,4	C.M.
2006	55,5	C.M.	70,6	C.M.
2007	48,7	B.C.	66,9	B.C.
2008	<b>42,8</b>	B.C.	64,4	B.C.
2009	46,5	B.C.	66,4	B.C.
2010	43,0	B.C.	<b>63,9</b>	B.C.

FONTE: A Autora (2011)

NOTA: A.C. = A.C.\* = Altamente Concentrado; Alta Concentração; B.C. = Baixa Concentração; C.M. = Concentração Moderada.

Com relação aos dois momentos, do maior e menor índice, tem-se que no primeiro, juntos, os quatro países foram responsáveis pela importação de US\$ 365,4 milhões de um total de US\$ 498 milhões exportados no ano de 2002. O mercado responsável pela alta concentração foi o EUA que sozinho importou US\$ 205,9 milhões. Já, com relação ao ano de menor concentração, os quatro mercados principais importaram o equivalente a US\$ 288,5 milhões de um total de US\$ 674

milhões, sendo que, mais uma vez o resultado foi influenciado pela participação dos EUA, no entanto, neste caso é pela redução do total que comprou do Brasil.

Continuando a análise dos mesmos momentos, pode-se afirmar que a desconcentração observada, especificamente em 2008, não representou redução com relação ao valor exportado em 2002, o que significa dizer que outros mercados, que não os quatro maiores, absorveram, não só o aumento, como também as quantidades que o Brasil deixou de exportar para os quatro destinos principais.

Por outro lado, a concentração dos oito maiores mercados individuais para as exportações de móveis de madeira variou de 63,9% a 90,4%, com média de 78,2%, caracterizando também uma concentração moderada na maior parte do tempo.

A concentração dos oito maiores mercados individuais, o  $CR_8$ , variou de baixa concentração (B.C.) a altamente concentrado (A.C.\*), passando por períodos de concentração moderada (C.M.) e alta concentração (A.C.).

O maior índice de concentração, TABELA 9, dos oitos mercados principais foi observado no ano de 1998 (90,4%), enquanto que a menor concentração aconteceu no ano de 2010 (63,9%), diferentemente do observado para a concentração do  $CR_4$  em que os dois momentos ocorreram durante a mesma década.

Em 1998, os oito maiores mercados foram responsáveis pelo consumo de US\$ 295,8 milhões de um total de US\$ 327 milhões exportados em móveis de madeira, enquanto que em 2010, esse consumo foi de US\$ 330,7 milhões de um total de US\$ 517,9 milhões vendidos de móveis ao mercado externo, levando à mesma afirmação feita com relação ao  $CR_4$ , onde se percebe que com a diminuição da concentração nos maiores mercados, o Brasil não deixou de aumentar suas exportações, apenas redirecionou os destinos, pulverizando mais as exportações.

No geral, com relação à tendência, FIGURA 21, de ambos os índices ( $CR_4$  e  $CR_8$ ), verifica-se dois momentos distintos, sendo, maior concentração até meados do ano de 2002 e posterior a isso se verifica que os índices de concentração tornaram-se menores.

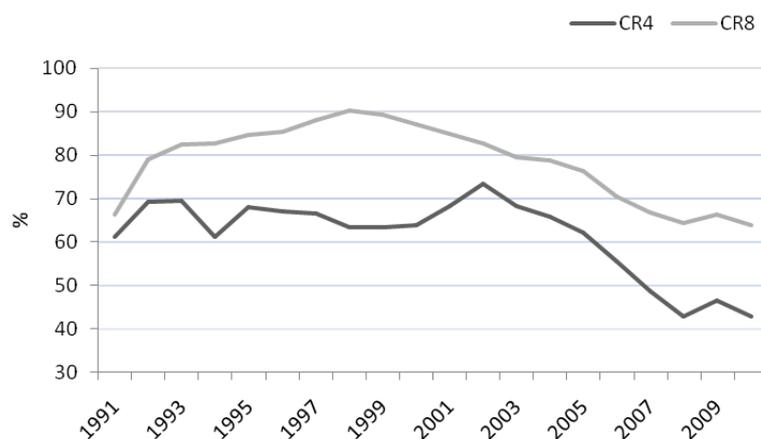


FIGURA 21 - EVOLUÇÃO DO CR<sub>4</sub> E CR<sub>8</sub> PARA O VALOR DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991/2010  
 FONTE: A Autora (2011)

A redução de concentração do CR<sub>4</sub>, no período citado, foi devida às reduções das exportações de móveis brasileiros para Alemanha, que até então era um mercado com participação significativa.

No entanto, o mercado que mais influenciou, tanto para o aumento de concentração quanto para a queda nos índices, foi mesmo o mercado americano. Todavia, o interessante é que quando este mercado reduziu sua participação na compra dos móveis brasileiros, que como vimos que foi a partir de 2002, sua queda não foi absorvida pelos outros três maiores mercados, e sim pelos demais países, pois o CR<sub>4</sub> continuou diminuindo.

Quando se procedeu aos mesmos cálculos para o *quantum* exportado de móveis de madeira, verificou-se que, em 2010, os dez maiores mercados foram responsáveis por 68,7% do consumo dos móveis brasileiros.

Para o *quantum* exportado, ao longo do período os países que representaram o CR<sub>4</sub> foram: França, Argentina e EUA, sendo que até 1998 a Alemanha completava como o quarto maior mercado, entretanto, após, esse ano o Reino Unido aparece nesta colocação.

TABELA 10 - ÍNDICE DE CONCENTRAÇÃO, EM *QUANTUM* (CR<sub>4</sub> E CR<sub>8</sub>) DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991/2010

ANO	CR4	Níveis de Mercado (CR4)	CR8	Níveis de Mercado (CR8)
1991	61,4	C.M.	69,5	B.C.
1992	67,8	A.C.	79,0	C.M.
1993	<b>68,5</b>	A.C.	85,3	A.C.
1994	56,9	C.M.	83,9	C.M.
1995	61,4	C.M.	84,8	C.M.
1996	61,5	C.M.	86,3	A.C.
1997	58,0	C.M.	88,6	A.C.
1998	57,3	C.M.	<b>91,1</b>	A.C.*
1999	62,5	C.M.	90,2	A.C.*
2000	63,0	C.M.	87,6	A.C.
2001	65,5	A.C.	84,8	C.M.
2002	64,7	C.M.	78,1	C.M.
2003	58,0	C.M.	71,7	C.M.
2004	56,1	C.M.	69,9	B.C.
2005	53,2	C.M.	67,4	B.C.
2006	48,5	B.C.	62,7	B.C.
2007	41,8	B.C.	63,1	B.C.
2008	38,8	B.C.	<b>61,4</b>	B.C.
2009	39,8	B.C.	62,4	B.C.
2010	<b>38,2</b>	B.C.	61,8	B.C.

FONTE: A Autora (2011)

NOTA: A.C. = A.C.\* = Altamente Concentrado; Alta Concentração; B.C. = Baixa Concentração; C.M. = Concentração Moderada.

A concentração dos quatro maiores mercados individuais para o *quantum* exportado de móveis de madeira variou de 38,2% a 68,5% com média de 56,1%, indicando, no geral concentração moderada, sendo similar ao observado para o valor de exportado.

Com relação ao *quantum* exportado dos quatros maiores mercados, TABELA 10, o maior índice de concentração foi observado no ano de 1993 (68,5%) e o menor ocorreu no ano de 2010 (38,2%), sendo que, quando as exportações foram mais concentradas, os quatro mercados mais importantes foram responsáveis por consumir 73,3 mil toneladas de um total de 178,6 mil, e, para o ano em que se observou o menor índice, os quatro maiores mercados compraram 99,3 mil toneladas do total de 260,1 mil toneladas vendidas naquele ano.

Aqui, novamente, percebe-se que a redução da concentração não levou à diminuição da quantidade total exportada, relativamente ao observado para o ano de

maior concentração, o que significa que o aumento relativo foi absorvido pelos demais países.

Já, para o CR<sub>8</sub>, a concentração do *quantum* exportado, variou de 61,4% a 91,1%, com média de 76,5%, caracterizando concentração moderada na maior parte do tempo (TABELA 10)

No ano de 1998 foi quando se observou o maior índice de concentração, 91,1%, e o menor índice foi no ano de 2008, quando os oito maiores mercados representavam 61,4%.

Quando as exportações foram mais concentradas, os oito maiores mercados para os móveis brasileiros foram responsáveis pelo consumo de 112,4 mil toneladas de um total de 123,5 mil toneladas exportadas naquele ano, enquanto que no ano em que se observou o menor índice de concentração, os oito maiores mercados consumiram 203,7 mil toneladas de um total de 331,8 mil toneladas vendidas ao exterior.

Com relação à tendência da evolução dos índices de concentração do *quantum* exportado, é observado maior incremento até o ano de 2001, sendo que a partir daí, os índices de concentração tornaram-se menores, FIGURA 22.

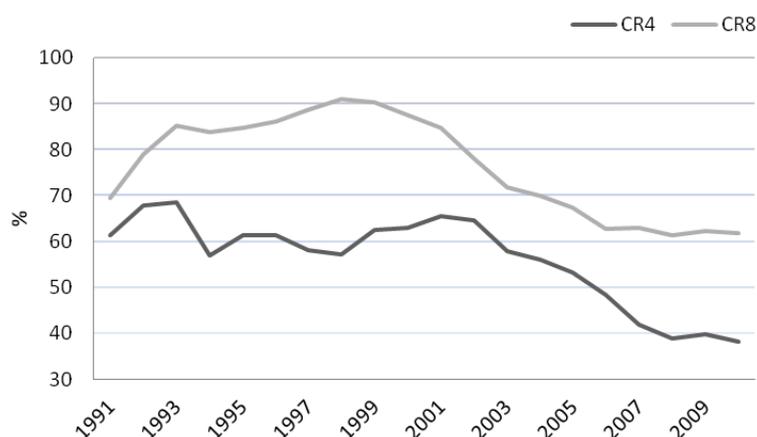


FIGURA 22 – EVOLUÇÃO DO CR<sub>4</sub> E CR<sub>8</sub> PARA O *QUANTUM* EXPORTADO DE MÓVEIS DE MADEIRA 1991/2010  
 FONTE: A Autora (2011)

E, finalmente, cabe um comparativo da evolução da concentração do valor de exportação *versus* a concentração observada para o *quantum* exportado (FIGURA 23).

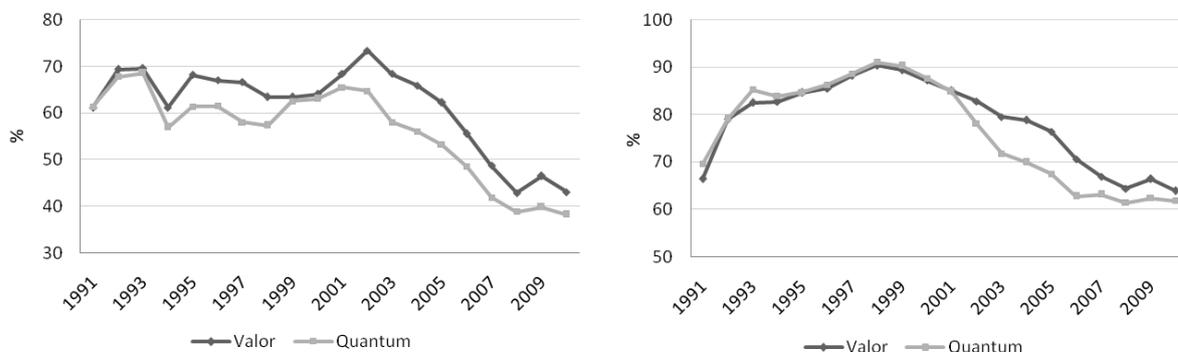


FIGURA 23 - COMPARATIVO DO VALOR E QUANTUM EXPORTADOS PARA O CR<sub>4</sub> E CR<sub>8</sub>, RESPECTIVAMENTE  
 FONTE: A Autora (2012)

Do comparativo entre a evolução da concentração entre o valor de exportação e o *quantum*, para o CR<sub>4</sub>, tem-se que para o *quantum* exportado o índice de concentração foi relativamente mais baixo do que o observado para o valor de exportação, ou seja, o que se observou, no geral, foi que para a quantidade exportada a concentração no quatro mercados principais é mais baixa.

Porém, quando se faz a mesma análise para o CR<sub>8</sub>, nota-se que até o ano de 2001, os índices de concentração, tanto para o valor quanto para o *quantum* exportado, eram praticamente os mesmos, sendo que, a partir daí, verifica-se índices de concentração mais baixos para o *quantum* exportado, o que significa dizer que a partir de 2001, a concentração da quantidade exportada para os oito maiores mercados ficou menor do que o observado para a concentração do valor exportado para estes mesmos mercados.

## 4.6 ANÁLISE DA COMPETITIVIDADE DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA

### 4.6.1 *Constant Market Share* – CMS

No período de 1999 a 2009, a taxa de crescimento das exportações mundiais de móveis de madeira, TABELA 11, foi mais elevada do que a taxa de crescimento das exportações do Brasil, 8,8% a.a. contra apenas 4,9% a.a. para os produtos brasileiros.

TABELA 11 – TAXAS DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAIS E BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA 1999-2009 – (%) DO VALOR DE COMÉRCIO

Produto	Períodos					
	1999/2009		1999/2004		2004/2009	
	Brasil	Mundo	Brasil	Mundo	Brasil	Mundo
Móveis de Madeira <sup>37</sup>	4,9	8,8	13,4	10,6	-7,4	3,2

FONTE: A Autora com base em SECEX (2011) e UNcomtrade (2011)

No entanto, quando se consideram separadamente os subperíodos, observa-se que entre 1999 e 2004 as exportações brasileiras cresceram a uma taxa superior às exportações mundiais, sendo que a taxa de crescimento do Brasil foi 2,8% maior, porém no segundo subperíodo as exportações brasileiras apresentam uma taxa de crescimento negativa e o mundo cresce, em média, a 3,2% a.a (TABELA 11).

Analisando cada efeito do modelo, o crescimento do comércio mundial favoreceu o crescimento das exportações brasileiras de móveis de madeira, contribuindo positivamente praticamente em todo o período analisado como pode ser visto na TABELA 12. Já a contribuição dos efeitos destino das exportações e competitividade foi, em média, negativa ao crescimento.

<sup>37</sup> Inclui os códigos: 930330, 940340, 940350 e 940360.

TABELA 12 - FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS DE MADEIRA, NO PERÍODO DE 1999 A 2009 – %

Períodos	Var. das exp. brasileiras de móveis de madeira (%)	Efeitos		
		Crescimento do Comércio Mundial (%)	Destino das exportações (%)	Competitividade (%)
1999/00	18,0	38,9	-5,62	66,8
2000/01	-8,0	14,07	-75,33	-38,74
2001/02	12,4	90,0	-112,9	122,9
2002/03	16,4	82,8	-1,18	18,4
2003/04	24,6	50,0	8,9	41,1
2004/05	-0,9	1179,5	-108,3	-1171,2
2005/06	-10,1	69,1	1,74	-170,8
2006/07	1,9	730,9	186,0	-816,8
2007/08	-7,5	23,9	30,6	-154,6
2008/09	-34,2	-86,4	-6,7	-6,9
MÉDIA				
1999/09	1,2	219,3	-8,3	-211,0
1999/04	-0,6	55,2	-37,2	42,1
2004/09	0,4	383,4	20,7	-464,0

FONTE: A Autora (2011) com base em UNCOMTRADE (2011)

No período analisado o crescimento das exportações brasileiras de móveis apresentou grande dependência do crescimento do comércio mundial, sendo esse efeito o mais representativo, o que equivale dizer que o Brasil só teve bons resultados porque o comércio mundial desse produto foi favorável.

No período de 1999 a 2004, verifica-se contribuição positiva dos efeitos crescimento do comércio mundial e competitividade (exceto para o período de 2000/01 quando o efeito competitividade foi negativo) para o crescimento das exportações brasileiras e o efeito destino das exportações foi negativo.

Ao decompor as fontes de crescimento das exportações de móveis em geral para o período de 1995 a 2000, Coelho e Berger (2004, p. 63) encontraram resultados semelhantes ao observado neste trabalho. Segundo os autores, os efeitos crescimento do comércio mundial e competitividade contribuíram positivamente para o aumento das exportações observadas, 70% e 42%, respectivamente, enquanto o efeito destino das exportações foi negativo, -12%, expressando, já nesse período, a necessidade de incentivar os exportadores brasileiros a buscarem mercados mais dinâmicos.

Já para o período de 2004 a 2009 o resultado negativo da taxa de crescimento das exportações, observada na TABELA 11, foi devido à contribuição, em média, negativa do efeito competitividade, sendo que os dois outros efeitos contribuíram, em média, positivamente ao crescimento.

Cabe aqui, fazer uma ressalva e esclarecer, conforme afirma Noce (2005, p. 30), que os efeitos destino das exportações e crescimento do comércio mundial são exógenos às nações uma vez que representam, respectivamente, a expansão e aquecimento dos mercados alvos, mas, os empresários exportadores, teoricamente, têm o livre arbítrio na escolha do mercado de destino do seu produto, sendo, porém, possível realizar mudança nos mesmos.

Por sua vez, nota-se na TABELA 12 que a maior variação positiva nas exportações ocorreu no período de 2004 com relação ao ano anterior quando as exportações brasileiras tiveram um aumento de 24,6%.

Este foi o ano em que o Brasil obteve a sua maior participação no comércio mundial, quando foi responsável por 2,6% do total comercializado no mundo (UNCOMTRADE, 2011). O crescimento observado nesse período foi devido à contribuição positiva dos três efeitos. O efeito crescimento do comércio mundial contribuiu com 50% do crescimento das exportações, sendo que o efeito da competitividade contribuiu com outros 41,1% e menos significativo, o efeito destino das exportações com 8,9%.

Porém, foi no período seguinte, 2004/05, que o efeito crescimento do comércio mundial apresentou sua maior contribuição durante o período analisado, mas, no entanto, foi também nesse período que se observou, na mesma intensidade, a maior perda devido ao efeito competitividade, 1179,5% e - 1171,2%, respectivamente (TABELA 12).

A contribuição negativa do efeito competitividade somada ao efeito também negativo do destino das exportações provocou uma redução do crescimento das exportações de móveis de madeira na ordem de 0,9% em 2005 com relação a 2004, mostrando que o crescimento das exportações só não foi mais prejudicado devido ao crescimento do comércio mundial.

Por outro lado, a maior queda das exportações brasileiras de móveis de madeira ocorreu no período de 2009 com relação a 2008, quando as exportações foram 34,2% menores. Essa grande queda foi devida, principalmente ao resultado negativo do efeito crescimento do comércio mundial, -86,4%, seguida por resultados

negativos também para os efeitos destinos das exportações e competitividade, ainda que menos significativos (TABELA 12). A retração do comércio mundial, tanto de móveis de madeira como das exportações em geral, foi devido a crise econômica iniciada no mercado americano.

Estes resultados medem a alta dependência que as exportações brasileiras têm do crescimento mundial do comércio de móveis, especificamente das importações americanas.

No ano de 2009, auge da crise econômica no mercado americano, as importações dos EUA de móveis de madeira do Brasil foram 23,4% menores que em 2008, e a participação das exportações brasileiras nas importações americanas reduziu em 0,1%, passando de 0,8% em 2008 para 0,7% no ano seguinte, indicando que o comércio brasileiro foi afetado pela crise neste mercado.

#### 4.6.1.1 Análise do Efeito Crescimento do Comércio Mundial

O crescimento real do comércio mundial de móveis de madeira aumentou de US\$ 18 bilhões em 1999 para 32 bilhões em 2009 e as exportações brasileiras passaram de US\$ 386 milhões em 1999 para US\$ 502 milhões em 2009.

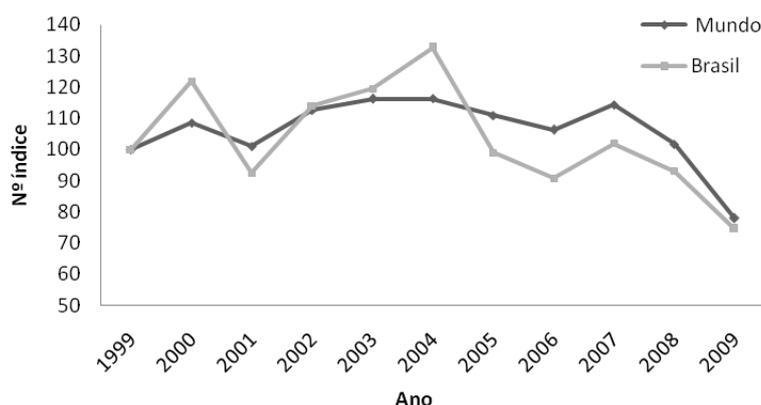


FIGURA 24 - EVOLUÇÃO DA VARIAÇÃO DAS EXPORTAÇÕES MUNDIAL E BRASILEIRA DE MÓVEIS DE MADEIRA, 1999 - 2009

FONTE: A Autora com base em SECEX (2011) e UNcomtrade (2011)

Nota-se, FIGURA 24, tendência bastante semelhante da taxa de crescimento das exportações brasileiras e as exportações mundiais, significando que o Brasil cresceu proporcionalmente ao crescimento do comércio mundial.

Nos períodos de: 1999/00, 2001/02, 2002/03 e 2003/04 o Brasil cresceu a uma taxa superior à taxa do crescimento mundial. E por outro lado, nos demais períodos a taxa de crescimento das exportações brasileiras foi menor que o observado para o resto do mundo.

Quando as exportações brasileiras cresceram acima do crescimento observado para o resto do mundo é porque os efeitos destino e competitividade também influenciaram positivamente para esse resultado, somando-se ao crescimento mundial.

Quando se observa a evolução do efeito crescimento do comércio mundial e a evolução do comércio mundial tem-se que em alguns períodos o Brasil não aproveitou mais intensamente do aumento do comércio mundial de móveis, ou seja, as exportações do setor moveleiro do Brasil não conseguiram crescer à mesma taxa que cresceu o comércio mundial.

Para esse fato é possível supor que houve outros fatores, que não os apresentados aqui, que influenciaram negativamente impedindo de o Brasil aproveitar o crescimento do comércio mundial.

O período de 2008/09, foi o único período em que as exportações mundiais apresentaram crescimento negativo, sendo que as exportações brasileiras também acompanharam e o efeito crescimento do comércio mundial foi negativo.

#### 4.6.1.2 Análise do Efeito Destino

A contribuição do efeito destino das exportações foi positiva ao crescimento das exportações nos seguintes períodos: 2003/04, 2005/06, 2006/07 e 2007/08. Nos demais períodos a contribuição desse efeito foi negativa.

Quando a contribuição do efeito destino das exportações foi positiva, significa dizer que as exportações de móveis do Brasil foram direcionadas para os países que apresentaram taxas de crescimento da demanda por móveis superiores às dos demais países.

Assim, nos períodos em que o efeito destino positivo foi mais significativo (2006/07 e 2007/08), o Brasil direcionou 39,7% e 30,2%, respectivamente, das suas exportações para mercados que tiveram crescimento superior ao crescimento dos

demais países. França e Reino Unido foram os mercados compradores dos móveis brasileiros que mais contribuíram para o efeito positivo do destino das exportações.

Por outro lado, quando se fala da contribuição negativa do efeito destino para o crescimento das exportações, os períodos em que este efeito foi mais significativo foram: 2000/01, 2001/02 e 2004/05. Nestes períodos o Brasil concentrou 75%, 28,1% e 69,1%, respectivamente, das suas exportações em mercados que cresceram a taxas inferiores ao observado para os demais países. E mais uma vez, França, Reino Unido somados aos EUA foram os principais países que contribuíram para o resultado negativo observado do efeito destino das exportações.

#### 4.6.1.3 Análise do Efeito Competitividade

O modelo de CMS permitiu a distinção dos efeitos explicativos da evolução das exportações brasileiras de móveis de madeira, no entanto, não permite a identificação dos fatores que explicam o efeito competitividade.

Assim, a revisão bibliográfica feita, anteriormente, permite fazer inferências sobre os fatores que têm influenciado os ganhos (ou perdas) de competitividade do setor moveleiro.

Relembrando que, de acordo com os vários autores, os fatores que influenciam a competitividade de uma indústria podem ser os seguintes: matéria-prima, tecnologia, mão de obra, *design*, qualidade do produto, política tributária e tarifária, oferta de crédito, taxas de juros, taxa doméstica de inflação (e no resto do mundo), taxa de câmbio, melhorias no preço, reduções nos custos de produção, entre outros.

Especificamente para a indústria moveleira, o BRDE (2006, p.55) afirma que para aumento de competitividade nesta indústria, ganham cada vez mais importância as inovações em termos de processo e de produto. Por isso a gestão empresarial (conhecimento nas áreas de gerenciamento financeiro, recursos humanos, produção, *marketing*) e gestão do *design* são fatores que vêm recebendo atenção crescente pela indústria de móveis, principalmente as empresas líderes, pelos diferenciais que podem trazer no cenário de competitividade pela agregação de qualidade e valor ao produto.

Estes são fatores que podem ser considerados internos à empresa, cabendo aos seus gestores identificá-los e elaborar programas de melhoria que levem ao aumento de competitividade da sua empresa no mercado.

O Brasil, considerado um país em desenvolvimento, tem como grande vetor de competitividade menores custos de mão de obra e até, em geral, maior oferta doméstica de matérias-primas, ainda detém modestas participações no comércio mundial de móveis, mostrando que não está aproveitando todo o seu potencial para melhorar sua inserção neste mercado.

Todavia, essas condições internas de produção que são importantes fatores para competitividade no mercado externo, são de certa forma, anulados pelo elevado *custo Brasil* que figura no nosso país, sendo esta uma das principais reclamações dos empresários brasileiros, que afirmam que reduzir o *custo Brasil* como um todo, constitui-se num eficiente instrumento para proporcionar ganhos de competitividade numa era de globalização.

Em síntese, pode-se dizer que, fatores competitivos inerentes à indústria de móveis o Brasil possui, o que se deve ser melhorado são os condicionantes exógenos a esta indústria, cabendo aqui o papel do governo para proporcionar, no que lhe cabe, estímulos à melhoria da atuação da indústria brasileira no cenário mundial, assim como cabe aos empresários da produção de móveis fazerem a sua lição de casa atuando fortemente em ações continuadas de melhorias da sua capacidade de gestão.

## 5. CONCLUSÃO

Durante as duas últimas décadas, houve grande aumento das exportações de móveis de madeira passando de US\$ 44,9 milhões no ano de 1991 para US\$ 517,9 milhões em 2010. Entre as principais influências para o bom desempenho da indústria moveleira no período destaca-se a modernização tecnológica vivida pelo setor na década de 90.

O segmento de móveis de madeira foi o que mais contribuiu para o aumento das exportações da indústria moveleira, em especial, os móveis residenciais que apresentaram grande participação na pauta de exportação do setor. Todavia, a exportação de móveis feito de outras matérias-primas tem preço de exportação maior do que aquele pago aos móveis de madeira.

A pauta das exportações brasileiras do setor moveleiro é ampla em produtos, porém, os móveis de madeira são a maioria, sendo essa a principal diferença do Brasil e a pauta do comércio mundial de móveis.

Os móveis para dormitório são os tipos mais exportados, no entanto, é a categoria entre os móveis residenciais que recebe os menores preços pela tonelada exportada. Os móveis de madeira para uso em escritório têm preços de exportação mais elevados que os preços pagos pelos móveis residenciais.

Entre os principais destinos das exportações dos móveis de madeira do Brasil, houve mudança nos mercados mais importantes nos anos recentes, e os EUA deixaram de ser o mercado mais importante para as exportações brasileiras de móveis. Com relação aos preços de exportação por mercado, não se observou diferença no preço pago entre os países desenvolvidos, países sul americanos são os mercados onde os móveis do Brasil recebem os menores preços e Angola se mostrou um importante mercado, pois pratica preços de exportação dos móveis brasileiros semelhante aos preços pagos pelos países desenvolvidos.

Reino Unido e França são importantes mercados para os móveis do Brasil devido ao preço pago e os Estados Unidos são importantes parceiros comerciais devido ao preço pago pela tonelada dos móveis brasileiros.

O segmento de móveis de madeira foi mais dinâmico e cresceu a taxas superiores ao observado para os móveis em geral e para as exportações totais do Brasil, indicando que a indústria de móveis de madeira aproveitou melhor as condições favoráveis às exportações, principalmente durante a década de 90.

Porém, suas exportações têm alta concentração, classificando-se como o tipo concentração moderada tanto para o CR<sub>4</sub> quanto para o CR<sub>8</sub>. Todavia, conforme houve aumento das exportações, tanto em *quantum* como em valor, verificou-se diminuição da concentração dos quatro e oito maiores mercados.

E, por fim, a principal fonte de crescimento das exportações foi o efeito crescimento do comércio mundial, ou seja, o setor exportador de móveis só foi bem porque a demanda mundial estava aquecida. O efeito destino das exportações contribuiu negativamente em quase todo o período analisado e o efeito competitividade foi positivo somente na primeira metade da década.

## REFERÊNCIAS

ABDI. Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. **Boletins de acompanhamento setorial**. Campinas, 2008. 370 p. Relatório técnico.

\_\_\_\_\_. Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial. Indústria de Móveis, Madeira e artefatos. **Estudos setoriais de inovação**. Brasília, 2009. 78 p. Relatório Técnico.

ABIMÓVEL. Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário. **Panorama do Setor Moveleiro no Brasil**. Várias edições.

\_\_\_\_\_. **O Mercado Norte-americano de móveis**. São Paulo, 1999. 189 p. Estudo técnico.

ABRAF. Associação Brasileira de produtores de Florestas Plantadas. **Anuário Estatístico ABRAF 2011 – Ano Base 2010**. Brasília, 2011. 136 p. Relatório Técnico.

ALMEIDA, A.N. **Comparação entre a competitividade do Brasil e Canadá para a produção de madeira serrada**. 209 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

BANCO REGIONAL DE DESENVOLVIMENTO DO EXTREMO SUL – BRDE. **Análise da competitividade das principais aglomerações produtivas de móveis da região sul do Brasil**. Florianópolis, 2006, p. 233. Relatório técnico.

BIAZUS, A.; HORA, A.B.; LEITE, B.G.P. **Panorama de mercado: painéis de madeira**. Disponível em:  
<[http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes\\_pt/Galerias/Arquivo/s/conhecimento/bnset/set32102.pdf](http://www.bndes.gov.br/SiteBNDES/export/sites/default/bndes_pt/Galerias/Arquivo/s/conhecimento/bnset/set32102.pdf)>. Acesso em: 04/03/2012.

BLANCHARD, O. **Macroeconomia**. 4 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BIERGER, B.N. **Caracterização e perspectivas do Pólo Moveleiro de Coronel Freitas/SC**. 138 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

BOLETIM DO BANCO CENTRAL DO BRASIL. Brasília: Banco Central do Brasil, várias edições.

BRAGA, H.C., MASCOLO, J.L. **Mensuração da concentração industrial no Brasil**. Brasília: ESAF, 1982. 359 a 454 p. Relatório Técnico.

BRASIL, A.A. **As exportações brasileiras de painéis de madeira**. 85 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.

BUSSAB, W. DE O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 5. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

CARVALHO, D.F.; SANTANA, A.C.; MENDES, F.A.T.; GOMES, S.C. **Estrutura industrial e padrão de concorrência no mercado de móveis de madeira do Brasil nos anos 90**. In: Congresso Brasileiro de Economia e Sociologia Rural - SOBER, 2004, Cuiabá, MT.

CARVALHO, K.H.A.; COSTA, C.C.M.; SOARES, N.S.; SILVA, M.L. Desempenho das exportações brasileiras de papel. **Scientia Forestalis**, Piracicaba, v. 38, n. 86, p. 263-271, 2010.

CASTOR, B.V.J. Custo Brasil: muito além dos suspeitos habituais. **Revista FAE**, Curitiba, v. 2, n. 2, p. 1-6, 1999.

CAVES, R. **Estrutura industrial americana**. New Jersey, EUA: Prentice Hall, 1967.

COELHO, M.H. **Estratégias competitivas da indústria moveleira: um estudo de caso nas empresas do Pólo Moveleiro de São Bento do Sul/SC**. 152 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

COELHO, M. R. **Fatores determinantes do desempenho das exportações de móveis: uma análise da indústria brasileira no período de 1990/2001**. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.

COELHO, M.R.F.; BERGER, R. Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão desempenho. **Revista FAE**, Curitiba, v.7, n.1, p. 51-65, 2004.

CONFEDERAÇÃO NACIONAL DAS INDÚSTRIAS – CNI: Coeficientes de abertura comercial. Disponível em:  
<<http://www.cni.org.br/portal/data/files/FF808081339DB18D0133CB41CD8F5B1E/Coficientes%20de%20Abertura%20Comercial%20n%C2%BA%201%20-%20jul-set%202011.pdf>>. Acesso em: 15/12/2011.

CORDEIRO, D.G. **A qualificação e salário do trabalhador no segmento moveleiro do município de Arapongas, no Paraná**. 135 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

COUTINHO, L.; FERRAZ, J.C. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1995.

DECOMTEC - DEPARTAMENTO DE COMPETITIVIDADE E TECNOLOGIA. **Análise setorial do mercado: Setor de Móveis FIESP**. São Paulo, 2009. 51 p. Relatório técnico.

DENK, A. **Dinâmica competitiva do Cluster moveleiro da região de São Bento do Sul/SC**. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

DEPEC – Departamento de pesquisas e Estudos Econômicos. Indústria de Móveis. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/setor/madeira-e-moveis/o-setor/perfis-e-diagnosticos/arquiv002.pdf>>. Acesso em: 06/12/11.

DE SOUZA, A.C.G. **Ensaio sobre a regulação monetária e financeira**. 206 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Setor de Ciências Sociais e Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

DE SOUZA, L.G.A.; SEREIA, V.J.; CAMARA, M.R.G.; PIZAIA, M.G. O comércio brasileiro de carnes e a competitividade brasileira a partir da década de 90. SOBER. *In*: XLVI Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural. Acre, 2008.

DIAS, J.G. **Abordagens sobre competitividade Internacional: um estudo dos fatores que contribuíram para o crescimento das exportações do setor calçadista cearense**. 184 f. Dissertação (Mestrado em Administração de empresas) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2007.

FAJNZYLBER, F. **Sistema industrial e exportação de manufaturados: análise da experiência brasileira**. Rio de Janeiro: IPEA/INPES, 1971. 334 p. Relatório técnico.

FERREIRA, M. J. B.; CUNHA, S. F.; ARAÚJO, R. D. de, MELLO, C. H.; BOEIRA, J. **Relatório de acompanhamento setorial: indústria moveleira**. Campinas: Unicamp/ABDI, 2009. 11 p. Relatório Técnico.

FIALHO, R. **Competitividade das exportações brasileiras de carne suína no período de 1990 a 2004.** 110 f. Dissertação (Mestrado em Economia Aplicada) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2006.

FRANCO, M. R. **Padrões de qualidade de produtos moveleiros: um estudo de casos no Pólo de Arapongas, Paraná.** 127 f. Tese (Doutorado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008.

FRANZONI, J.A. **Formulação de estratégias de marketing internacional: um estudo das principais empresas moveleiras da Região de São Bento do Sul - SC.** 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

GUIMARÃES, P.A. **Promoção das exportações de móveis em Santa Catarina: um estudo sobre os reflexos do Promóvel na área de São Bento do Sul.** 91 f. Trabalho de graduação (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

GOMES, S.C.; SANTANA, A.C.; CARVALHO, D.F.; MENDES, F.A.T. **Configuração estrutural e concentração do mercado das empresas de móveis de madeira do estado do Pará – 2003.** Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/12/04O235.pdf>>. Acesso em: 17/02/2012.

GONÇALVES, R. Competitividade Internacional, vantagem comparativa e empresas multinacionais: o caso das exportações brasileiras de manufaturados. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 411-436, 1987.

GORINI, A.P.F. Panorama do setor moveleiro no Brasil, com ênfase na competitividade externa a partir do desenvolvimento da cadeia industrial de produtos sólidos de madeira. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n. 8, 50 p.1998.

GORINI, A.P.F. **A indústria de móveis no Brasil**. São Paulo: Associação Brasileira das Indústrias do Mobiliário – ABIMÓVEL, 2000. 80p.

GUJARATI, D.N. *Econometria Básica*. São Paulo, Makron Books. 846 p. 2000.

HAGUENAUER, L. **Competitividade: conceitos e medidas, uma resenha da bibliografia recente com ênfase no caso Brasileiro**. Rio de Janeiro: UFRJ/IEI, agosto 1989. (Texto para Discussão n. 211).

HORTA, M.H.T.T. Fontes de crescimento das exportações brasileiras na década de 70. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.13, n. 2, p. 507 a 542, 1983.

HOFFMANN, R. **Estatística para economistas**. 4. Ed. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2006.

IBGE. Comunicação Social. IBGE detecta mudanças na família brasileira. Disponível em:

<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia\\_visualiza.php?id\\_noticia=774&id\\_pagina=1&titulo=IBGE-detecta-mudancas-na-familia-brasileira](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=774&id_pagina=1&titulo=IBGE-detecta-mudancas-na-familia-brasileira)>. Acesso em: 04/11/2011.

IEMI. Instituto de Estudos e Marketing Industrial. **Relatório setorial da indústria de móveis no Brasil**. São Paulo, 2006. 110 p. Relatório técnico.

IPEA. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicado. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br/Default.aspx>>. Acesso em: 18/10/2011.

KON, A. **Economia Industrial**. São Paulo: Nobel, 1994.

KOPYCKI, K. Setor cresceu em 2010. **RG Móvel**, Curitiba, n. 23. Edição especial.

LEÃO, M.S.; NAVEIRO, R.M. **Fatores de Competitividade da Indústria de Móveis de Madeira no Brasil.** Disponível em: <[http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1998\\_ART466.pdf](http://www.abepro.org.br/biblioteca/ENEGEP1998_ART466.pdf)>. Acesso em: 09/01/2012.

LEVENE, H. Robust tests for equality of variances. **Contributions to Probability and Statistics:** Stanford University Press, Stanford, California, p. 278-292. 1960.

LIMA, E. G. **Diagnóstico Ambiental de empresas de móveis em madeira situadas no Pólo Moveleiro de Araongas – PR.** 134 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

LOPER, A. A. **Determinação da orientação estratégica do Pólo Moveleiro do Alto Vale do Rio Negro – SC pela aplicação de métodos de análise multivariada.** 116 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MAGALHÃES, J. P.de A. O custo país e o protecionismo. **Análise Conjuntural: IPARDES.** Curitiba, v. 25, n. 9-10, p. 1-35, 2003.

MANKIW, N. G. **Princípios de Microeconomia,** tradução da 5ª edição americana, São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

MARÇAL, E.F.; HOLLAND, M. **Taxa de câmbio, rentabilidade e quantum exportado: Existe alguma relação afinal? Evidências para o Brasil.** FGV – EESP: Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getulio Vargas, São Paulo, 2010, 54 p. Texto para discussão.

MARION FILHO, P.J.; BACHA, C.J.C. A evolução e configuração atual das indústrias moveleiras mundial e brasileira. **Análise Econômica**, Porto Alegre, ano 16, n. 29, p. 119-138, 1998.

MARION FILHO, P.J.; SONAGLIO, C.M. Inovações tecnológicas na indústria de móveis: uma avaliação a partir da concentração produtiva de Bento Gonçalves (RS). **Revista Brasileira de Inovação**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 1, p. 93-118, 2010.

MARTINS, G. **Percepção dos empresários Sul-Brasileiros do setor de móveis com relação à ALCA**. 130 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

MEDEIROS D.D.; FRANCHINI, A.A.. A taxa de câmbio e seus efeitos na balança comercial: o caso brasileiro no período 2003-2006. **Revista Eletrônica de Economia**, Juiz de Fora/MG, n. 10, p. 1-24, 2008.

MOVERGS – Associação das Indústrias de móveis do Estado do Rio Grande do Sul. **Panorama do Setor Moveleiro no RS e Brasil**. Disponível em: <[http://www.movergs.com.br/arquivos/apresentacao\\_site\\_MOVERGS\\_Dezembro.pdf](http://www.movergs.com.br/arquivos/apresentacao_site_MOVERGS_Dezembro.pdf)>. Acesso em: 23/01/12.

MULLER, G. A conceitualização de competitividade: um exercício metodológico. **OLAM Ciência & Tecnologia**, Rio Claro/SP, v. 6, n. 2, p. 21, 2006.

NAKABASHI, L.; DA CRUZ, M.J.V.; SCATOLIN, F.D. Efeitos do câmbio e juros sobre as exportações da indústria brasileira. **Revista Economia Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 433-461, 2008.

NOCE, R. **A competitividade da indústria brasileira de painéis de madeira no mercado internacional 1998 a 2002**. 84 f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2005.

NOCE, R.; CARVALHO, R.M.M.A.; SOARES, T.S.; DA SILVA, M.L. Desempenho do Brasil nas exportações de madeira serrada. **Revista Árvore**, Viçosa, v.27, n.5, p. 695-700, 2003.

OLIVEIRA, R. S. **Inovação Tecnológica e Design em empresas moveleiras: Estudo de caso no Município de Curitiba**. 129 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009.

PEREIRA, T.C.P. **A indústria moveleira no Brasil e os fatores determinantes das exportações**. 104 f. Trabalho de graduação (Bacharelado em Ciências Econômicas) – Departamento de Ciências Econômicas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

PESTANA, M. H.; CAGEIRO, J. N. **Análise de dados para Ciências Sociais – a complementaridade do SPSS**. 4.ed. Lisboa: Edições Silabo, 2005. p. 690.

PINHEIRO, A.C.; HORTA, M.H. A competitividade das exportações brasileiras no período 1980/88. **Pesquisa e Planejamento Economico**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 3, p. 437-474, 1992.

PORTAL MOVELEIRO. **CSIL apresenta as projeções para o mercado mundial de móveis**. Disponível em:

<<http://www.portalmoveleiro.com.br/isaloni2011/exibeNoticia.php?idGenero=&cdNoticia=21757>>. Acesso em: 12/02/2012.

QUADROS, A.C. **O design dos móveis de escritório nas médias e pequenas empresas do setor moveleiro da serra gaúcha – um estudo exploratório**. 101 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

RESENDE, M. Medidas de concentração industrial: uma resenha. **Análise Econômica**, Porto Alegre, ano 11, p. 24-33, 1994.

ROESE, M. **Problemas globais, respostas locais: a indústria de móveis de madeira no Brasil à luz dos enfoques de cadeias produtivas e sistemas regionais de inovação**. 236 f. Tese (Doutorado em Política Científica e Tecnológica) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas/SP, 2003.

ROSA, S.E.S.da; CORREA, A.R.; LEMOS, M.L.F.; BARROSO, D.V. . O setor de móveis na atualidade: uma análise preliminar. **BNDES setorial**, Rio de Janeiro, n.25, p. 65-106, 2007.

SALVADOR, A. L. **Desenvolvimento Regional Sustentável da Região Norte Central do Paraná: o Pólo Moveleiro de Arapongas**. 144 f. Dissertação (Mestrado em Administração) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Curitiba, 2009.

SANTOS, M.A.S.; SANTANA, A.C. **Concentração e poder de mercado das empresas de artefatos de madeira do Estado do Pará**. Trabalho apresentado no 23. Encontro Nacional de Engenharia de Produção, Ouro Preto, MG, 2003.

SEABRA, Fernando. Diagnóstico da competitividade da cadeia produtiva de Madeira e móveis do MERCOSUL. Disponível em: <[http://www.mercosur.int/msweb/00\\_Dependientes/FCM/ES/docs/Est-001-07\\_version%20final%20Seabra.pdf](http://www.mercosur.int/msweb/00_Dependientes/FCM/ES/docs/Est-001-07_version%20final%20Seabra.pdf)>. Acesso em: 17/01/12.

SEBRAE. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. **Móveis para dormitório.** Disponível em:

<[http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/42BE322294C53E548325753E005F0969/\\$File/NT0003DB12.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/42BE322294C53E548325753E005F0969/$File/NT0003DB12.pdf)>. Acesso em: 11/10/2011.

\_\_\_\_\_. **Móveis para cozinha.** Disponível em:

<[http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/B9CC0B872FB3A2378325753E005E974B/\\$File/NT0003DB0A.pdf](http://201.2.114.147/bds/BDS.nsf/B9CC0B872FB3A2378325753E005E974B/$File/NT0003DB0A.pdf)>. Acesso em: 11/10/2011.

\_\_\_\_\_. **Santa Catarina em números: Madeira e Moveleiro.** Sebrae/SC. Florianópolis. 69 p. 2010. Relatório Técnico.

SECEX. Secretaria de Comércio Exterior. Disponível em:<

<http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br/>>. Acesso em: 22/08/2011.

SERPE, L.F.; DE MATOS, E.A.S.A.; PRETO, P.H. **A indústria de móveis brasileira: o quadro atual e o papel da inovação tecnológica sob a perspectiva dos arranjos produtivos locais.** Trabalho apresentado no VII EPEGE – Encontro Paranaense de Empreendedorismo e Gestão Empresarial, Ponta Grossa/PR, 2010.

SCHNEIDER, A.V. **Gestão da Informação no Segmento Moveleiro nas Regiões Norte e Oeste do Estado do Paraná.** 55 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Florestais) – Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2005.

SILVA, G.R.S.S. **Estudo das variações cambiais no Brasil: Uma análise baseada em evidências empíricas recentes.** 94 f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Econômico) – Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2008..

SILVA, Z. A. G. P. G. E. . Análise econômica da concentração no uso de madeira tropical pelo setor de marcenarias de Rio Branco, Estado do Acre, 1996. *Scientia Forestalis* (IPEF), Piracicaba, n.64, p. 48-58, 2003.

SOARES, N.S. *et al.* A cadeia produtiva da celulose e do papel no Brasil. **Revista FLORESTA**, Curitiba, v.40, n.1, p. 1-22, 2010.

SOARES, T.S.; NISHI, M.H.; OLIVEIRA, P.R.S.; SILVA, M.L. Concentração no consumo de madeira e estrutura De mercado do setor moveleiro do município de Ubá/MG. **Revista Científica Eletrônica de Engenharia Florestal**, Garça/SP, ano 4, n. 7, p. 1-10, 2006.

UNICAMP-IE-NEIT. **Estudo da competitividade de cadeias integradas no Brasil: impactos das zonas de livre comércio - Cadeia: Madeira e Móveis**. Campinas, 2002. 212 p. Relatório técnico.

UNcomtrade. United Nations commodity trade statistics database. Disponível em: <<http://comtrade.un.org/db/dgQuickQuery.aspx>>. Acesso em: 02/09/2011.

VALENÇA, A.C.de V.; PAMPLONA, L.de M. P.; SOUTO, S.W. Os novos desafios para a indústria moveleira no Brasil. **BNDES setorial**. Rio de Janeiro, n. 15, p. 83-96, 2002.

VALVERDE, S.R.; SOARES, N.S.; SILVA, M.L. Desempenho das exportações brasileiras de celulose. **Revista Árvore**, Viçosa, v. 30, n. 6, p. 1017-1023, 2006.

## APÊNDICES

## APÊNDICE A: BANCO DE DADOS UTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA

	Escritório	Cozinha	Dormitório	Outros
1991	2.118.997,0	784.388,0	5.755.616,0	7.437.732,0
1992	3.551.421,0	2.745.569,0	19.004.020,0	17.861.701,0
1993	4.831.324,0	10.175.972,0	60.356.607,0	31.680.999,0
1994	3.492.652,0	12.085.910,0	49.100.933,0	37.103.754,0
1995	3.443.591,0	12.879.632,0	52.930.028,0	41.066.314,0
1996	4.807.448,0	12.102.627,0	56.188.967,0	42.439.493,0
1997	4.748.631,0	10.809.122,0	60.697.112,0	51.537.397,0
1998	4.243.604,0	10.375.298,0	59.184.335,0	49.711.531,0
1999	5.666.081,0	11.864.634,0	85.159.389,0	74.608.907,0
2000	11.099.301,0	20.075.638,0	111.299.461,0	100.978.388,0
2001	11.277.639,0	18.990.150,0	117.568.435,0	97.890.554,0
2002	11.048.391,0	18.673.854,0	114.552.196,0	122.615.804,0
2003	13.327.731,0	21.514.114,0	161.521.123,0	156.117.174,0
2004	16.811.307,0	25.551.359,0	222.816.747,0	193.897.571,0
2005	18.639.703,0	21.685.622,0	197.131.490,0	178.269.928,0
2006	15.651.270,0	27.011.722,0	181.740.335,0	156.306.025,0
2007	16.004.353,0	29.117.753,0	179.306.963,0	155.867.615,0
2008	10.715.877,0	26.236.511,0	161.856.916,0	132.986.803,0
2009	7.107.723,0	22.737.965,0	134.246.058,0	93.403.149,0
2010	6.576.687,0	23.096.153,0	137.923.912,0	92.541.727,0

QUADRO 4 - QUANTUM DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PELO USO - EM KILOGRAMA (Kg)

FONTE: SECEX (2011)

## APÊNDICE B: BANCO DE DADOS UTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA

ANO	ESCRITÓRIO	COZINHA	DORMITÓRIO	OUTROS
1991	2.565,1	2.763,9	2.634,5	2.982,5
1992	2.571,7	2.895,2	2.565,7	2.812,3
1993	2.625,1	3.187,2	1.791,3	3.147,1
1994	2.857,9	2.987,4	2.407,6	2.893,1
1995	3.156,1	3.482,9	2.912,2	3.166,3
1996	3.023,4	3.291,3	2.678,3	3.182,0
1997	3.014,0	2.902,8	2.519,7	3.305,5
1998	3.067,0	2.761,2	2.228,5	3.087,7
1999	2.506,2	2.184,3	1.909,1	2.467,6
2000	2.087,3	1.679,5	1.704,4	2.227,7
2001	1.833,0	1.535,3	1.598,6	2.029,5
2002	2.002,1	1.694,8	1.772,7	1.966,5
2003	1.938,8	1.679,3	1.571,1	1.791,3
2004	2.035,4	1.713,4	1.591,7	1.841,9
2005	2.104,1	1.864,1	1.761,6	1.971,9
2006	2.134,9	1.951,9	1.715,7	2.000,1
2007	2.189,6	2.012,9	1.690,6	2.103,2
2008	2.326,9	2.080,0	1.812,1	2.265,0
2009	2.300,9	1.887,5	1.769,5	2.197,8
2010	2.333,4	1.961,6	1.826,3	2.219,6

QUADRO 5 - PREÇO DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PELO USO – US\$/TONELADA

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

## APÊNDICE C: BANCO DE DADOS UTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA

	Escritório	Cozinha	Dormitório	Outros
1991	5.435.513,2	2.168.005,3	15.163.223,2	22.183.183,2
1992	9.133.266,3	7.948.846,5	48.759.457,3	50.233.071,8
1993	12.682.907,4	32.433.257,1	108.116.175,8	99.701.885,3
1994	9.981.657,0	36.105.914,9	118.216.638,5	107.345.884,0
1995	10.868.204,9	44.859.016,9	154.142.245,1	130.029.705,9
1996	14.534.694,2	39.832.911,0	150.492.452,9	135.042.515,8
1997	14.312.328,1	31.376.844,4	152.941.468,6	170.358.887,0
1998	13.015.021,2	28.648.013,0	131.889.366,4	153.491.881,1
1999	14.200.247,5	25.915.525,7	162.576.151,7	184.105.571,2
2000	23.167.093,7	33.717.840,8	189.703.942,3	224.947.045,6
2001	20.672.457,6	29.155.268,1	187.949.343,7	198.669.272,7
2002	22.119.504,4	31.649.184,5	203.066.659,2	241.128.718,3
2003	25.839.326,4	36.128.076,5	253.763.553,2	279.652.070,6
2004	34.218.058,8	43.779.867,6	354.667.058,1	357.144.569,1
2005	39.219.351,7	40.424.087,9	347.276.674,5	351.531.380,0
2006	33.414.441,1	52.723.521,0	311.820.432,6	312.625.148,0
2007	35.043.401,1	58.611.651,1	303.133.336,2	327.820.873,7
2008	24.934.345,8	54.571.579,0	293.297.110,6	301.209.051,3
2009	16.354.359,6	42.917.670,2	237.542.811,1	205.285.906,5
2010	15.346.095,0	45.305.649,0	251.893.182,0	205.401.968,0

QUADRO 6 - VALOR DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PELO USO – DÓLARES (US\$)

FONTE: SECEX (2011)

## APÊNDICE D: BANCO DE DADOS UTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA

	Móveis de madeira			Outras Matérias-primas		
	QUANTUM (Kg)	VALOR (US\$)	Preço (US\$/TON)	QUANTUM (Kg)	VALOR (US\$)	Preço (US\$/TON)
1991	16.096.733,0	44.949.924,8	2.792,5	18.550.031,0	67.094.240,7	3.616,9
1992	43.162.711,0	116.074.641,9	2.689,2	30.624.692,0	103.232.603,0	3.370,9
1993	107.044.902,0	252.934.225,6	2.362,9	48.947.225,0	148.899.813,2	3.042,0
1994	101.783.249,0	271.650.094,5	2.668,9	48.858.369,0	160.415.081,3	3.283,3
1995	110.319.565,0	339.899.172,9	3.081,0	40.126.056,0	141.750.510,1	3.532,6
1996	115.538.535,0	339.902.573,9	2.941,9	41.063.036,0	148.459.053,4	3.615,4
1997	127.792.262,0	368.989.528,1	2.887,4	45.843.871,0	161.606.676,7	3.525,2
1998	123.514.768,0	327.044.281,7	2.647,8	44.364.988,0	157.035.948,5	3.539,6
1999	177.299.011,0	386.797.496,1	2.181,6	57.804.777,0	146.827.797,5	2.540,1
2000	243.452.788,0	471.535.922,4	1.936,9	66.054.232,0	180.349.299,0	2.730,3
2001	245.726.778,0	436.446.342,2	1.776,1	73.431.826,0	191.383.992,6	2.606,3
2002	266.890.245,0	497.964.066,3	1.865,8	69.646.089,0	183.269.191,2	2.631,4
2003	352.480.142,0	595.383.026,7	1.689,1	88.271.327,0	239.892.830,6	2.717,7
2004	459.076.984,0	789.809.553,7	1.720,4	118.958.875,0	371.122.130,5	3.119,8
2005	417.722.152,0	782.471.464,7	1.873,2	120.704.512,0	421.536.335,2	3.492,3
2006	380.709.352,0	710.583.542,7	1.866,5	108.586.073,0	427.727.203,4	3.939,1
2007	380.296.684,0	724.609.262,1	1.905,4	119.426.797,0	486.819.695,9	4.076,3
2008	331.796.107,0	674.012.086,7	2.031,4	111.564.542,0	471.726.210,7	4.228,3
2009	257.494.895,0	502.100.747,4	1.949,9	77.081.336,0	339.836.881,1	4.408,8
2010	260.138.479,0	517.946.894,0	1.991,0	68.375.382,0	364.716.223,0	5.334,0

QUADRO 7 - QUANTUM, PREÇO E VALOR DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

## APÊNDICE E: BANCO DE DADOS UTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA

	Reino Unido	França	Argentina	EUA	Chile
<b>1991</b>	752.55	1.354,9	231.77	3.175,0	83.85
<b>1992</b>	1.786,9	5.987,6	5.322,1	5.546,6	147.17
<b>1993</b>	18.064,2	12.707,1	9.199,8	7.622,1	218.37
<b>1994</b>	10.317,0	13.880,4	12.005,2	13.706,8	297.15
<b>1995</b>	10.975,8	13.473,1	7.680,2	20.960,9	740.48
<b>1996</b>	12.889,5	16.574,4	9.761,6	16.401,7	1.516,3
<b>1997</b>	14.439,3	20.839,2	15.105,8	17.404,3	2.217,7
<b>1998</b>	14.407,5	19.118,9	18.306,2	18.934,1	1.991,3
<b>1999</b>	18.727,7	28.577,6	31.757,9	31.832,2	2.193,7
<b>2000</b>	21.648,9	37.299,4	52.280,6	42.114,2	4.532,9
<b>2001</b>	23.366,3	36.664,3	49.336,2	51.675,5	5.749,3
<b>2002</b>	28.130,5	40.850,4	1.478,9	87.359,6	11.149,6
<b>2003</b>	41.120,7	48.518,2	12.923,2	95.637,0	16.046,9
<b>2004</b>	55.913,5	52.932,5	23.122,0	123.931,1	24.656,0
<b>2005</b>	34.291,2	48.469,6	22.400,8	116.204,4	23.300,5
<b>2006</b>	40.125,3	37.705,0	23.705,8	78.471,4	28.264,2
<b>2007</b>	37.281,2	34.590,4	32.851,8	54.402,5	28.135,3
<b>2008</b>	33.557,5	34.908,2	31.170,2	29.160,2	24.628,1
<b>2009</b>	34.231,7	28.648,6	16.993,5	22.507,4	14.669,4
<b>2010</b>	30.018,9	27.510,6	21.264,7	20.601,9	18.955,2

QUADRO 8 - QUANTUM EXPORTADO DE MÓVEIS DE MADEIRA POR PAÍS DE DESTINO – KILOGRAMA (KG)

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

## APÊNDICE F: BANCO DE DADOS UTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA

ANO\PAÍS	Dólares/tonelada				
	EUA	Angola	P. Baixos	Espanha	França
1991	2.556,3	8.661,9	2.201,9	2.633,7	2.929,8
1992	2.578,8	11.742,0	2.514,2	2.154,0	3.146,1
1993	2.823,1	449,7	2.884,7	2.869,7	3.030,0
1994	3.062,4	6.782,2	2.913,1	3.352,2	3.149,6
1995	3.411,9	2.496,4	3.538,3	2.323,0	3.324,8
1996	3.442,0	4.365,1	3.515,3	2.796,2	3.181,9
1997	3.478,1	5.839,7	3.516,8	2.438,4	3.379,8
1998	3.301,9	5.410,4	3.367,7	3.030,1	3.047,5
1999	2.704,5	1.798,0	2.848,1	2.029,7	2.466,8
2000	2.596,9	1.040,6	2.440,3	1.700,7	2.289,5
2001	2.490,5	1.875,3	2.200,9	1.618,8	2.030,4
2002	2.356,5	2.109,4	2.028,3	1.655,4	1.865,5
2003	2.207,4	1.763,6	2.007,1	1.777,0	1.903,4
2004	2.281,2	1.675,8	2.215,8	1.866,4	1.998,5
2005	2.466,3	1.719,5	2.331,4	2.043,6	2.111,2
2006	2.550,5	1.742,5	2.367,0	2.148,6	2.209,9
2007	2.700,2	1.970,4	2.515,3	2.348,9	2.345,7
2008	2.853,0	2.502,5	2.651,6	2.601,6	2.388,8
2009	2.693,2	2.432,3	2.562,2	2.533,6	2.253,5
2010	2.829,2	2.699,7	2.649,9	2.634,1	2.381,8

QUADRO 9 - EVOLUÇÃO DO PREÇO REAL DE EXPORTAÇÃO DOS MÓVEIS DE MADEIRA DO BRASIL PARA OS PRINCIPAIS MERCADOS

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)

## APÊNDICE G: BANCO DE DADOS UTILIZADOS DAS EXPORTAÇÕES DE MÓVEIS DE MADEIRA

	França	Reino Unido	EUA	Angola	Espanha	Outros	TOTAL
1991	3.969.445,6	469.956,0	8.116.274,4	1.072.430,7	240.842,0	31.080.976,1	44.949.924,8
1992	18.837.663,9	4.789.480,7	14.303.176,8	179.300,6	168.650,5	77.796.369,5	116.074.641,9
1993	38.502.486,5	11.147.338,5	21.518.005,6	192.972,5	503.232,9	181.070.189,6	252.934.225,6
1994	43.717.039,8	24.986.598,5	41.976.417,8	146.977,6	664.224,9	160.158.835,8	271.650.094,5
1995	44.795.653,5	29.514.308,1	71.515.646,9	29.749,8	1.194.631,3	192.849.183,4	339.899.172,9
1996	52.737.540,5	33.767.807,2	56.454.705,4	834.097,0	1.041.012,6	195.067.411,2	339.902.573,9
1997	70.432.262,8	39.473.959,8	60.534.319,5	161.653,5	372.770,3	198.014.562,2	368.989.528,1
1998	58.264.028,8	39.352.252,7	62.518.878,8	802.799,3	729.611,4	165.376.710,7	327.044.281,7
1999	70.495.999,6	43.145.936,2	86.090.586,8	264.956,2	1.017.752,0	185.782.265,4	386.797.496,1
2000	85.397.076,5	45.806.698,2	109.366.837,7	268.922,9	2.525.168,6	228.171.218,4	471.535.922,4
2001	74.441.914,2	43.489.530,4	128.696.517,0	799.396,2	3.548.350,3	185.470.634,1	436.446.342,2
2002	76.206.735,6	50.415.046,7	205.865.123,4	1.961.967,7	8.089.864,9	155.425.328,0	497.964.066,3
2003	92.349.848,3	65.426.108,6	211.105.374,2	2.261.859,4	15.672.148,0	208.567.688,2	595.383.026,7
2004	105.784.722,0	90.703.609,3	282.712.973,6	7.468.546,4	31.205.939,7	271.933.762,7	789.809.553,7
2005	102.330.189,4	60.782.081,3	286.594.587,5	10.653.903,6	36.967.449,7	285.143.253,2	782.471.464,7
2006	83.323.825,2	74.114.955,1	200.144.214,3	23.212.379,8	36.629.693,8	293.158.474,5	710.583.542,7
2007	81.139.025,5	73.909.034,7	146.894.987,6	29.827.483,3	50.779.500,2	342.059.230,8	724.609.262,1
2008	83.388.292,2	68.329.095,0	83.194.954,1	53.557.130,3	39.228.130,5	346.314.484,5	674.012.086,7
2009	64.560.396,9	67.296.902,5	60.615.871,4	40.992.041,3	27.642.910,7	240.992.624,6	502.100.747,4
2010	65.523.535,0	62.943.418,0	58.286.817,0	35.899.372,0	29.336.688,0	265.957.064,0	517.946.894,0

## QUADRO 10 - VALOR DE EXPORTAÇÃO DE MÓVEIS DE MADEIRA – DÓLARES (US\$)

FONTE: A Autora (2011) com base em SECEX (2011)